

8º CONFERENCIA LATINOAMERICANA y CARIBEÑA de CIENCIAS SOCIALES

LAS LUCHAS POR LA IGUALDAD,
LA JUSTICIA SOCIAL Y LA DEMOCRACIA
EN UN MUNDO TURBULENTO

PRIMER FORO MUNDIAL DEL PENSAMIENTO CRÍTICO

Buenos Aires | 19 al 23 de noviembre de 2018



Resúmenes de ponencias por campo temático

4

Deporte
y sociedad



Consejo Latinoamericano
de Ciencias Sociales
Conselho Latino-americano
de Ciências Sociais



Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - C.L.A.C.S.O.

Las luchas por la igualdad, la justicia social y la democracia en un mundo turbulento : ponencias del Primer Foro Mundial del Pensamiento Crítico. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : CLACSO, 2020.

Libro digital, PDF

Archivo Digital: descarga y online

ISBN 978-987-722-580-8

1. Ciencias Sociales y Humanidades. 2. América Latina. I. Título
CDD 301

Resumen de ponencia

A BOLA ROLA NOS CAMINHOS DA CIDADE: TRANSFORMAÇÕES URBANAS, CONFLITOS SOCIAIS E A POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL NA CIDADE DE SANTOS

*André Luiz Rodrigues Carreira

O presente estudo, desenvolvido como parte de tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, tem por objetivo central analisar o processo de transformação urbana ocorrido na cidade de Santos entre o final do século XIX e o início do século XX pelo mundo do trabalho e por um dos elementos culturais fundamentais da classe trabalhadora, o futebol. Pretendo ainda analisar os conflitos inerentes à formação de tais iniciativas voltadas predominantemente para o recreio, em parte resultantes do choque entre as propostas culturais formuladas para os trabalhadores por anarquistas e militantes sindicais e outras formas de lazer de classe rapidamente popularizadas. Por fim, a pesquisa procura compreender o espaço ocupado pelas agremiações dedicadas ao futebol nas tensões e contradições entre capital e trabalho e entre as diferentes nacionalidades (mitigando ou reforçando oposições e rivalidades) representadas na população de Santos do período citado. Para tanto, a pesquisa se baseia em fontes que podem ser divididas em quatro grupos principais: fontes primárias de agremiações ou clubes recreativos dedicados à prática do futebol fundados entre 1903 e 1922 (Santos Athletic Club - popularmente conhecido como “Clube dos Ingleses” -, Santos Futebol Clube, Associação Atlética Portuguesa, Jabaquara Atlético Clube (antigo “Hespanha Football Club”), Brasil Futebol Clube, Clube Atlético Santista, Clube Atlético Internacional, Sport Club Americano, São Paulo Railway Football Club, América Football Club, Síria Futebol Clube, , Palestra Itália, Tecelagem Futebol Clube, Associação Atlética Americana, Libertário Futebol Clube e Atlas Flamengo.); registros escritos de associações de classe e auxílio mútuo (Centro Espanhol (entidade que congrega registros das já extintas “Sociedad Española de Socorros Mútuos y Instrucción” e “Sociedad Española de Repatriación”), Real Centro Português (atual Centro Cultural Português, também congrega registros da “Associação Portuguesa de Socorros Mútuos D. Carlos I”) e Società Di Beneficenza Italiana. Entre as associações de classe, pretendo analisar o papel exercido por três entidades na organização da classe trabalhadora local, fundadas entre 1904 e 1907: a Sociedade Primeiro de Maio, a Sociedade Internacional União dos Operários e a Federação Operária Local de Santos); registros de órgãos da imprensa local, de caráter comercial ou de origem operária (A Tribuna e O Diário de Santos, de caráter comercial e, entre os periódicos da chamada “imprensa operária”, exemplares de O Dois de Fevereiro, O Proletário, A Vanguarda, União dos Operários e A Terra Livre); por último, materiais relacionados às propostas e ações de intervenção urbana em Santos no período estudado, como atas e ofícios da Câmara Municipal de Santos e relatórios do governo municipal e governo estadual. No Brasil, as ciências humanas - como indicado em Giglio e Spaggiari (2010) e Campos e Alfonsi (2014) - começaram a se interessar pelo estudo das festas e dos espetáculos

esportivos nas décadas mais recentes. Os pesquisadores foram, aos poucos, reconhecendo que nos momentos de descontração e lazer a sociedade produz e reproduz, simbolicamente, a maneira como ela identifica a si mesma e, portanto, que os espetáculos e atividades lúdicas são oportunidades privilegiadas para o estudo das relações sociais. A opção pelos materiais descritos anteriormente tem por objetivo discutir o futebol como prática social, não necessariamente como prática esportiva. Não pretendo nesse trabalho analisar o futebol em si, restrito ao campo de jogo, ao que acontece dentro das quatro linhas durante os noventa minutos de uma partida. Meu assunto central são as relações sociais e práticas culturais que envolvem o futebol. Procuro, ao cotejar registros de agremiações esportivas, de associações de classe e de auxílio mútuo, publicações de imprensa e as propostas de intervenção urbana, compreender como, em uma cidade socialmente segregada, foi possível a apropriação tão rápida pela classe trabalhadora de uma prática inicialmente elitizada. Procuro também entender a simbologia dessa apropriação, e de que forma o tecido social santista em intenso processo de transformação influenciou e foi influenciado pela disseminação do esporte que, rapidamente, se tornaria uma paixão nacional.

.....

*** André Luiz Rodrigues Carreira**

Universidade de São Paulo USP. São Paulo, Brasil

Resumen de ponencia

A COBERTURA DO CAMPEONATO WAIMEA 5000 EM REVISTAS CALIFORNIANAS (1976-1982)

*Rafael Fortes Soares

Entre 1976 e 1982, foram disputadas as sete primeiras edições do circuito profissional de surfe masculino. Criado pela IPS (International Professional Surfers), o circuito contou, desde o ano inicial, com uma etapa realizada no Brasil: o Waimea 5000, na cidade do Rio de Janeiro. Durante tal período, ocorreram seis edições do campeonato (em 1979 não houve etapa no país). Esta comunicação descreve e analisa a cobertura do Waimea 5000 em duas revistas: *Surfer* e *Surfing*. Publicadas na Califórnia (EUA), elas circulavam em diversos países e foram centrais no estabelecimento de valores relativos à subcultura do surfe, bem como na posterior manutenção e discussão de tais valores; contribuíram para a disseminação do surfe, inclusive no âmbito competitivo/esportivo.

O objetivo central desta comunicação é discutir que representações foram construídas a respeito dos brasileiros e do Brasil (e/ou do Rio de Janeiro e dos cariocas/fluminenses). A cobertura de eventos esportivos tem se mostrado um caminho propício para trabalhar as representações - verbais e não-verbais - construídas pelas mídias a respeito de diversas questões: identidade nacional, raça/etnia, gênero, classe social, imigração, pessoas com deficiência etc.

As revistas são importantes na cultura do surfe ao redor do mundo, o que as converte em fonte e objeto privilegiado. Boa parte das pesquisas sobre este esporte as usa como fonte (Booth, 2001, 2008; Ford e Brown, 2006; Fortes, 2011; Ormrod, 2007; Scott, 2005; Thompson, 2011). Além disso, elas são um ponto de contato com o universo social mais amplo, pois são lidas por surfistas e não-surfistas.

Naquele período, havia poucas informações e notícias, no exterior, a respeito do surfe no Brasil e dos surfistas brasileiros. A análise leva em consideração que os envolvidos com este esporte (atletas, dirigentes, organizadores, empresários), incluindo aqueles que realizavam a cobertura (em geral, surfistas-jornalistas) tinham poucas referências e contato com o Brasil. Isto se devia a fatores como as diferenças linguísticas - o campo esportivo do surfe estabeleceu-se com mais força, num primeiro momento, em torno de áreas com predomínio de falantes do inglês: Estados Unidos (Havaí, Califórnia e Costa Leste), África do Sul (Província de Natal) e Austrália - e o custo das passagens aéreas internacionais (proporcionalmente superior, à época, do que nos dias atuais). A contextualização histórica também leva em consideração aspectos como: o surto de popularidade do surfe no Brasil e os conflitos com valores estabelecidos; a política externa do governo Geisel; a ascensão da juventude como alvo privilegiado do ponto de vista do consumo. O trabalho integra uma pesquisa cujo objetivo é discutir as representações do Rio de Janeiro e do Brasil em revistas de surfe em língua inglesa. Um dos aspectos centrais do trabalho é discutir como uma revista de surfe representa as praias cariocas e brasileiras. Segundo Alfonso (2006), a praia é um elemento

importante da imagem do Rio e do país no exterior, inclusive com alguns de seus aspectos (como sol, mulheres de biquíni e “exotismo”) tendo sido valorizados nas ferramentas de promoção turística do Brasil realizadas no período pela Empresa Brasileira de Turismo (Embratur). Ademais, a promoção turística foi um instrumento de relações públicas, tendo em vista que o Brasil vivia uma ditadura que cerceava e violava direitos. Sendo assim, busca-se explorar de que forma os estereótipos construídos a respeito do Brasil e do Rio de Janeiro, bem como uma certa projeção imagética divulgada pelo governo federal, podem se fazer presentes em publicações voltadas para a juventude.

Por um lado, é importante notar que o surfe - especialmente a revista Surfer - dialogou de perto com os movimentos contraculturais que floresceram na Califórnia durante os anos 1960 e início dos anos 1970. Neste sentido, pode-se afirmar que as revistas apresentavam pontos de vista que não estavam em conformidade com o status quo vigentes na sociedade daquele país. Por outro, na medida em que havia a já citada escassez de informações e de contatos efetivos e frequentes com o Brasil e surfistas brasileiros, as narrativas construídas pelas publicações necessariamente absorvem elementos da maneira como as grandes empresas de comunicação e entretenimento (inclusive profissionais atuantes em Hollywood, alguns dos quais tinham relações próximas com o universo das praias e do surfe) produzem estereótipos a respeito do Brasil, do Rio de Janeiro e de seus habitantes e surfistas.

.....

* Rafael Fortes Soares

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro Unirio. Rio de Janeiro, Brasil

Resumen de ponencia

ALENTANDO UN CAMBIO: “LINEAMIENTOS PARA RECONSTRUIR UN PROYECTO POLÍTICO DEPORTIVO”

*Israel Fontecilla Vasquez

El presente trabajo tiene como objetivo aportar a la reconfiguración de un proyecto político deportivo, tal cual como dicta el título de este manuscrito, ya que ante la escases o poco actualizadas propuestas que ayuden a la transformación de la sociedad (por una más justa y equitativa) se hace necesario aportar desde el comienzo de todo cambio, o sea el proyecto, la visión de adonde se quiere llegar. Obviamente, el deporte también es parte de ese comienzo, por ende, se analizarán las condiciones que influyen, o influyeron, al desarrollo de la práctica cultural y social del fútbol teniendo como base algunas perspectivas teóricas que se han trabajado en varias investigaciones en las ciencias sociales de América Latina, abordando como principal concepto: “fútbol y trabajo”. Esto también, por la necesidad de replantear y re significar algunas concepciones y problemáticas que han sido invisibilizadas o poco abordadas por el propio mundo académico, y por el avance de un modelo neoliberal imperante y hegemónico que ha sido capaz de difuminar y/o de transformar dimensiones de la realidad social. Lo anterior, es como consecuencia de abocar estos estudios del deporte en las ciencias sociales, a las relaciones e identidades socioculturales (ejemplo de aquello son las hinchadas en los estadios), o directamente, a seguir disminuyéndolo como “el opio del pueblo” o meras actividades de ocio, cuando esta dimensión de la vida ha demostrado ser una categoría racional de análisis necesaria de abordar.

Por ende, se abocará a un trabajo de carácter exploratorio y teórico, ya que los intereses radican en plantear un desafío estratégico para el pensamiento crítico y toda propuesta que nazca desde una visión contra hegemónica y/o de una sociedad distinta, más justa y equitativa como mencionamos anteriormente. Pero, ¿por qué? Dice Zlavoj Zizek, volteando la undécima tesis sobre Feuerbach de Marx, que “en el siglo XX, quizás hemos tratado de cambiar el mundo muy rápidamente. Es tiempo de interpretarlo de nuevo, de empezar a pensar”. Ahí van dirigidas estas palabras, no a replegarse a la academia (porque sin la practica pueden obviarse elementos fundamentales), sino que a re pensar un proyecto político que nos guie a un mundo mejor que el que predomina (con todo lo que nos impacta a todos día a día), y que el deporte también cumple una función primordial en aquella tarea, y que no se pretende dejar afuera, porque simplemente, no se debe ni se puede.

Por último, este ambicioso trabajo se construye no con la necesidad de llegar a respuestas o conclusiones absolutas que se atrevan a intentar cerrar un debate y una discusión en rearme. Se atreve a aportar un grano de arena para, más que trazar respuestas, generar mejores preguntas.

Se estudiará el fútbol y trabajo, el fútbol y hegemonía, y al fútbol como espacio para analizar la realidad y las condiciones sociales y políticas, en cuanto a quienes gozan con

la práctica y el espectáculo de este deporte. Nos ubicamos entonces en América Latina, en los tiempos que hoy determinan al continente: apabullado por la explotación y flexibilización laboral configurada a estos tiempos (pos) modernos, por la hegemonía de los valores masculinos impregnados en el fútbol, por la subyugación al consumo, por la subordinación o dominación de un grupo o clase social por otra (antagonismo reconfigurado en el siglo XXI), y por las significaciones del cuerpo. Se ahondará principalmente en la ponencia la dimensión de “Fútbol y trabajo”: entiéndase por fútbol (moderno) al deporte que conlleva una actividad física colectiva regulada, con normas, leyes, y una ética deportiva con raíces en el imperio británico victoriano. A grosso modo, ubicaremos al fútbol en los espacios profesionales, amateur, de mera práctica personal o de socialización, y de entretenimiento que se puede desarrollar en cualquier parte solo con un balón, dos arcos, y un par (o más) de jugadores.

Y trabajo por otra parte -en su clásica definición- a la actividad física y biológica propia del ser humano donde ocupa su corporalidad para transformar los medios que le proporciona la naturaleza para satisfacer sus necesidades y producir bienes (cuestión que lo diferencia de otras especies por su trabajo humano orgánico). Corresponde a “fútbol y trabajo” entonces, a la actividad corporal y mental realizada durante alguna práctica deportiva en áreas profesionales y de amateurismo, por lo general asalariada. Aunque el salario no siempre viene a condicionar el carácter de trabajo a la actividad física y deportiva, también lo puede hacer perfectamente la automatización de movimientos que mejore la eficiencia del rendimiento, haciendo de esto, parte de su cotidiano. O en otras palabras, acciones repetitivas que se llevan (in)conscientemente fuera de su área de trabajo (tal cual como cualquier alineación de trabajo obrero), teniendo como herramienta de aquello al cuerpo, convirtiéndose en fuerza de trabajo si es asalariado. O sea, el cuerpo como capital, por ende también, un cuerpo de clase (no es casualidad que la mayoría de los futbolistas provenga de sectores más populares).

La dimensión económica materializada en la industria del fútbol tiene una estructura que se sustenta en varias etapas y configuraciones: en primera instancia está la entrada de la modernidad con la tecnificación de los medios de producción (en otras palabras la máquina) que viene a suplir el trabajo del obrero, y la disminución del tiempo de producción. Una innovación eficaz para los procesos productivos que tiene como consecuencia menos tiempo de trabajo para el obrero, por ende más tiempo de ocio, de hacer deporte, de jugar fútbol en muchos casos. El juego por ende, presupone un apartamiento de la realidad vigente, nos entregamos al juego libremente. Pero este tiempo libre al final igualmente está determinado por los mismos mecanismos que configuran al capital, ya que la presente sociedad capitalista ve la necesidad de reproducir y oxigenar la fuerza de trabajo, o sea que al final, el juego, el tiempo libre, y la práctica deportiva son parte del capital/trabajo. Por ejemplo, y para entender mejor esta idea, el desarrollo de la práctica deportiva moderna (en este caso el fútbol) es igual a una mecanización progresiva. ¿Qué se quiere decir con esto?, que el fútbol (como cualquier otro deporte) adiestra cuerpo y alma al entrenamiento, cual máquina. Por lo que hay una tecnificación que es fundamento constitutivo de las capacidades de un futbolista, cual obrero. Y como cual máquina y obrero, se ejemplifica en el modelo de Taylor para mejorar la técnica deportiva, o sea, el hecho de internalizar respuestas automáticas para determinados escenarios a través de la repetición constante de

conductas específicas para mejorar el rendimiento, que incluso, se lleva fuera del ámbito deportivo. Tal alineación como sucede en el trabajo.

En la misma línea, también el referirse al deporte como una actividad “distractiva” de la sociedad en paralelo a la discusión política y su involucramiento, dándole sustento al concepto de lo que, para algunos el deporte es en pocas palabras, “el opio del pueblo”. Por otra parte, el Estado usa el deporte para reproducir la ideología dominante tradicional y las condiciones políticas y sociales hegemónicas, tales como el nacionalismo y la homogenización cultural, a través principalmente de los medios de comunicación, en este caso del periodismo deportivo, que elabora y difunde imaginarios sociales, por ende, es generador de identidad, y bien sabemos que hoy no se ocupa en pos de generar una sociedad más justa y sana.

El deporte, y en este caso el fútbol, no queda fuera de las lógicas capitalistas tradicionales que padecemos todos los días. Es más, hasta le es funcional, y deja en claro que la configuración ideológica y material de la espectacularización y practica de las actividades deportivas, determinan al capital como re oxigenación de la fuerza de trabajo e innovación de acumulación de capital, y que el trabajo como configuración ideológica y material de alineación y actividad que produce mercancías, determina al deporte como espacio de disputa hegemónica para la reproducción de esa lógica predominante del capital. Por ende para profundizar y entender mejor los estudios de futbol y trabajo, es necesario, como primera propuesta de carácter estratégica y logística, desarrollar una economía política del deporte latinoamericano, que debe diagnosticar los modos de concentración y ampliación de los capitales monopólicos en la comunicación de masas, que construyen emporios multimediáticos y arrasan con los mercados de la mano de la televisación deportiva.

Por otra parte, haciendo una lectura del concepto de “calidad de vida” desde la educación física tomando como ejemplo la cultura griega en donde se hablaba de vivir bien, más que de una determinada calidad en la forma de vivir. Este vivir bien iba directamente relacionado con la participación activa y responsable en política. En las decisiones de la polis. En efecto, pone en cuestión el ideal moderno de la calidad de vida y del bien-estar, en donde la participación política no es considerada como parte fundamental de este estar bien ya que las practicas corporales que se relacionan con algún deporte, tendrían un sentido estético y enfocado al cuidado de la salud, desarticulando una participación en la polis que incluya la corporalidad. El deporte, y el fútbol particularmente, deben ir paulatinamente integrándose en las discusiones y espacios políticos que se van gestando en la sociedad, y no restarse o ser indiferente a ellas, teniendo como base epistemológica de entrada, la economía política del deporte latinoamericano. Serán las primeras tareas para un nuevo proyecto político, pero deja entreabierto una pregunta: ¿sería factible disputarle al capital una educación política deportiva de carácter crítico, para generar deportistas profesionales que, aprovechando su poder mediático, puedan ser agentes de cambio?

.....

* Israel Fontecilla Vasquez

Departamento de Investigación y Postgrados. Universidad Academia de Humanismo Cristiano - DIP/UAHC. Comuna de Providencia, Santiago, Chile

Resumen de ponencia

ANÁLISIS DE POLÍTICA PÚBLICA "DEPORTE Y PARTICIPACIÓN SOCIAL"

*Juan Carlos Lopez Ortega

Según la Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura, Chile posee las tasas mas altas de sobre peso en la región en la actualidad, asimismo, la Encuesta Nacional de Salud (2017) muestra datos similares: altos niveles de sedentarismo, llegando a una alarmante cifra de 86,7% a nivel nacional con una prevalencia mayor en las mujeres. Este último punto, se reafirma por la Encuesta Nacional de Hábitos de actividad física y Deportes, sosteniendo que los hombres que practican deporte y actividad física, es de un 41,4%, frente a un escaso 23,6% en las mujeres, en el año 2015.

No solo existen diferencias de género en la práctica deportiva, sino que también a nivel socioeconómico, ya que en el estrato E, un 16,8% realiza práctica deportiva, contra un 46,7% en el nivel ABC1, según la Encuesta Nacional de Hábitos de Actividad Física y Deportes, una diferencia notoria que conlleva a pensar en la desigualdad social en relación al acceso y práctica del deporte. Por lo tanto, nos enfrentamos a un problema interseccional en la desigualdad social, manifestada en el deporte, que se entrelaza el género y clase social. Por lo tanto, las políticas publicas relacionadas con la práctica deportiva son indispensable para disminuir la brecha entre la desigualdad en el acceso y práctica sistemática del deporte en sus diferentes niveles, ya sea recreativo o de alto rendimiento. Debido a lo anterior, es pertinente analizar el programa de política pública; "Deporte y participacion social".

El programa Deporte y Participacion Social es ejecutado en el año 2015 por el Instituto Nacional del Deporte con el propósito de incrementar la adherencia a la practica regular y sistemática de actividad física y deporte por parte de la población de 15 a 80 años de edad, de las comunas con un índice de pobreza mayor al promedio nacional, tal como lo detalla el Informe de Seguimiento de Programas Sociales del Ministerio del Deporte, en el 2016, asimismo, el programa se divide en 5 componentes que son; Actividad física en el Curso de la Vida (involucra a distintos grupos, jóvenes, adultos mayores, y mujeres), Deporte Pueblos Originarios, Deporte en situación de discapacidad, Deporte en población privados de libertad, y finalmente Deporte en espacios públicos. El programa se desarrolla a través de talleres, eventos y actividades deportivas articuladas con otras instituciones.

La metodología utilizada es de tipo documental, en la que se estudiaron 3 documentos oficiales del Estado de Chile en relación al programa Deporte y Participacion Social, por otra parte, la investigación se entrelaza en un marco de referencia bourdiano, incorporando la visión de desigualdad en el acceso y práctica del deporte con el modelo estructural del estado de Chile.

Las distintas referencias nos indican que en general la política pública no ha tenido el impacto deseado principalmente por la baja participacion activa de los individuos en

los talleres, y también por el acaparamiento excesivo de metas difíciles de alcanzar en los objetivos, que, solo con talleres y actividades deportivas efímeras, resulta complicado alcanzar. El programa ha beneficiado a parte de la población objetivo, pero no con la magnitud que se espera, ya que se pretende incorporar la actividad física como hábito de vida y aumentar la práctica sistemática del deporte, y claramente no se ha alcanzado dicho objetivo hasta el momento, sino, que solo ha mitigado de manera escasa el sedentarismo en los beneficiados.

Asimismo, resulta preocupante la falta de un método de evaluación que revele la percepción o principales opiniones de los participantes de la política pública, ya que solo se revela la cantidad de inscritos que perduraron en los talleres por un tiempo determinado, y no una evaluación de la calidad del programa, carencias y potencialidades, que probablemente podrían plasmarse en una encuesta cuantitativa de fácil acceso para la población objetivo.

Referencias

Ministerio de Salud. (Noviembre de 2017). ENCUESTA NACIONAL DE SALUD 2016-2017 Primeros resultados. Obtenido de http://www.minsal.cl/wp-content/uploads/2017/11/ENS-2016-17_PRIMEROS-RESULTADOS.pdf

Ministerio del Deporte. (31 de Diciembre de 2016). Banco Integrado de Programas Sociales. Obtenido de

http://www.programassociales.cl/pdf/2017/PRG2017_3_60182.pdf

Ministerio del Deporte. (31 de Marzo de 2016). Encuesta Nacional de Hábitos de Actividad Física y Deportes en la Población de 18 años y más. Obtenido de http://www.mindep.cl/wp-content/uploads/2016/07/INFORME-FINAL-ENCUESTA-DEPORTES-COMPLETO_.pdf

Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura. (10 de Octubre de 2017). Fao en Chile. Informe nutricional FAO/OPS: Mujeres chilenas lideran índice de obesidad en Sudamérica.

Pierre Bourdieu, H. D. (1998). The state, economics and sport. Culture, Sport, Society, 15-21. Obtenido de <https://doi.org/10.1080/14610989808721813>

.....

* Juan Carlos Lopez Ortega

Universidad Andres Bello UNAB. Viña del Mar, Chile

Resumen de ponencia

AS CRÔNICAS DO JORNAL DOS SPORTS: UMA LEITURA SUBJETIVA DA SOCIEDADE CARIOCA NOS ANOS 1950

*André Alexandre Guimarães Couto

O presente trabalho é fruto da Tese de Doutorado em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (UFPR) denominada “Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)” e investiu na investigação de um gênero híbrido de narrativa textual, no limite entre o jornalismo esportivo e a literatura: a crônica sobre os esportes. Para tanto, escolhemos uma série de autores/cronistas que atuaram no Jornal dos Sports, ao longo da década de 1950, na cidade do Rio de Janeiro (Brasil). O objetivo central da pesquisa foi perceber em que medida estes narradores tinham a autonomia suficiente para criar e recriar representações culturais e sociais em torno dos esportes, além de descobrir quais eram estas posições. Apesar de o futebol ter dominado as pautas da imprensa esportiva ao longo de todo o século XX, como os campeonatos regionais, as Copas do Mundo e a Copa Rio, entendemos que outros assuntos foram debatidos por estes cronistas como a cobertura dos Jogos Olímpicos, tudo isso sob a luz da linha editorial deste jornal, que valorizava a prática do denunciamento e a do clubismo, dentre outras.

O Jornal dos Sports, como jornal/empresa, conseguiu empregar uma quantidade significativa de jornalistas, cronistas, fotógrafos, redatores, funcionários administrativos, trabalhadores de serviços gráficos, dentre outras ocupações do mundo do trabalho das comunicações. Do ponto de vista da criação textual e narrativa, os cronistas se destacavam com uma visão de mundo e sociedade esportivos onde algumas características eram moldadas em favor de uma linha editorial, que por sua vez, não era pétrea e monolítica, tendo em vista que existia uma relação dialógica entre a direção do jornal e a autonomia literária e subjetiva dos autores que por ali trabalhavam. Por meio da análise das nossas fontes, pudemos perceber que tal procedimento era menos contraditório do que se poderia imaginar, pois o processo de autonomização dos cronistas, o que nos aproxima do conceito de campo de Bourdieu, tinha no Jornal dos Sports um local apropriado para se manifestar e compor um mosaico de representações sobre os esportes e a organização destes.

Na ocasião da elaboração do trabalho, utilizamos a metodologia da análise do discurso para compreender as narrativas de um conjunto diverso de autores/cronistas que atuavam naquele periódico.

Desta forma, além de podemos entender melhor as origens e posições sociais e culturais de cada cronista e, desta forma, situar as produções textuais dentro de um contexto mais amplo, também propomos uma classificação mesmo que provisória para os textos publicados no Jornal dos Sports na década de 1950.

Portanto, como um dos resultados da pesquisa, a taxonomia proposta pela pesquisa é que podemos ter pelo menos quatro grupos de autores/cronistas a saber: o primeiro

grupo trata de narradores da área cultural, oriundos de uma formação erudita e de uma produção literária para além do interesse esportivo. Cabe lembrar que integrantes deste grupo também compunham um time de dirigentes esportivos e, por vezes, da área política formal.

O segundo grupo era composto por jornalistas experientes que atuavam no Jornal dos Sports em décadas anteriores aos anos 1950 e que ocupavam espaços significativos nas páginas do jornal, devido a sua longevidade na ocupação jornalística, mas também pela necessidade de ocupar espaços privilegiados no cronismo esportivo.

O terceiro grupo poderia transitar entre os dois grupos anteriores mas a formação de uma classificação a parte se justifica pelo estilo narrativo, utilizando a polêmica e a ironia em excesso como característica principal, principalmente entre os interdiscursos e diálogos com os demais cronistas do jornal.

Finalmente, e não menos importante, principalmente por se tratar de um universo cultural e profissional de grande presença masculina, temos um grupo (formado por duas cronistas) de mulheres que discutiam o esporte nas páginas do jornal em formato de crônica.

Enfim, o trabalho procura apresentar uma classificação possível dentro de possibilidades de análise dos modelos de estilos narrativos e discursivos das crônicas esportivas na década de 1950 no Rio de Janeiro.

Desta forma, poderemos ter uma visão mais ampla e profunda da história da imprensa esportiva, que não passe necessariamente pela exclusiva atuação de um único jornalista, Mário Filho, espécie de mito fundador da comunicação esportiva brasileira.

.....

*** André Alexandre Guimarães Couto**

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca CEFET/RJ. Rio de Janeiro, Brasil

Resumen de ponencia

COMPARACIÓN DE LA ORGANIZACIÓN Y OTRAS PRÁCTICAS DEL PÚBLICO: LA BARRA BRAVA LOS BORRACHOS DEL TABLÓN Y LA HINCHADA DEL CLUB DE FÚTBOL ARGENTINO RIVER PLATE, EN EL ESTADIO Y OTROS ESPACIOS”

*Sergio Fernández

Para esta ponencia presento una etnografía en la que comparé, a partir de la organización y otras prácticas, el aguante en dos formas de público en el fútbol argentino: la hinchada y la barra brava “Los Borrachos del Tablón” del equipo de fútbol River Plate. En la pregunta de investigación general me cuestioné si es el aguante una acción que da identidad y pertenencia a los dos grupos del público -la barra brava y la hinchada. En términos específicos observé cómo están organizados ambos grupos. Observé cómo se gobiernan, cómo apoyan a su equipo, si su aguante es entendido como violento o no violento (Garriga, 2016). Una de las preguntas específicas de investigación es si hay relación clientelar (Magazine, 2008) entre estos grupos y el club, y si esto genera prácticas de aguante.

En términos metodológicos, para realizar el estudio, procuré obtener información a partir de la mirada nativa. También procuré utilizar, para la obtención de conocimientos, la herramienta de la observación participante y la investigación documental, cuya bibliografía describo al final de la ponencia. Utilicé además la entrevista entorno a 4 informantes. A los entrevistados aclaré realizaba estudios etnográficos de las barras de fútbol. Siempre puse evidente lo que hacía para no sorprender a nadie, y generar mayor confianza.

El estudio lo inicié a principios del 2016. Me enfoqué en el espacio del estadio. Hice los recorridos por los cuatro accesos al estadio Monumental: Puente Labruna, Av. Guillermo Udaondo, Av. Lidoro J. Quinteros y Av. Pres. Figueroa Alcorta. Y en el interior del estadio observé en la grada Centenario Alta, la San Martín Alta, la Sívori Baja y la Sívori Alta; observé en los espacios de venta de alimentos, e incluso en los baños. También procuré observar otros espacios como el barrio que variaron desde la Ciudad Capital al Gran Buenos Aires que es provincia. Omití nombrar los lugares por seguridad de mis informantes.

Procuré acercarme a la barra brava, particularmente con informantes que eran parte del grupo en 2016-17 y del grupo anterior con informantes de los “patovicas” (como se les denominaba a los integrantes en el año 2000), y la vieja guardia de los 70’ S.

Acercarse a Los Borrachos de Tablón no es fácil. Me encontré con varios candados: uno es la imposibilidad para conseguir entradas a la tribuna Sívori Alta del estadio Monumental donde participa el grupo organizado. El club River Plate tiene lugar para socios en el sitio de internet “Somos River, la comunidad del más grande” y para los no socios también (cobran, a partir de agosto 2016, una cuota de alrededor 600 pesos

semestral, además del costo del boleto). El precio de los carnets varía según el partido, la grada y el torneo: de Copa, Local o Internacional; los precios van de los Arg 300 a Arg 600 pesos o mas. Pero para la grada Sivori Alta, en el sitio, nunca hubo ingresos.

Otro candado fue en la sala de prensa del club River Plate, a cargo de Stefano Di Carlo (jefe de Prensa), no respondieron nunca a los correos enviados para realizar el acercamiento de manera institucional. Tampoco me recibieron en sus oficinas, aunque el encargado de las oficinas de socios, Gustavo Poggi me permitió la entrada a las instalaciones del club, algo que se les hizo raro a la gente de Stefano.

Por otro lado observé, los medios de comunicación estigmatizaban a estos grupos del público desde el hecho de llamar “los violentos”. La primer imagen, para alguien lejano a estos espacios y estos grupos era de incertidumbre. Los barristas, en River Plate, se referían a ellos mismos como no eran malas personas como los medios los señalaban.

Observé en la barra brava del equipo argentino River Plate, Los Borrachos del Tablón se organizaban con un líder general que decidía las acciones del grupo. En marzo del 2017 cambió la dirigencia. Pero mantenían las mismas prácticas, ya que el reciente líder provenía del grupo oficial. Observé en la organización de la barra brava después del líder seguía la primer línea (eran alrededor de 7). Se caracterisaban por enfrentarse a más oponentes en un combate. En este caso eran los que peleaban contra 5 o más contrarios. “W” (informante) describió, los barra brava eran los que ponían el cuerpo ante todo, los de la primer línea. En el grupo anterior, del 2000 “Los Patovicas”, los líderes iban al frente con la primer línea enfrentando oponentes y llevando las acciones “al toque” (en el momento), los líderes eran los que ponían el ejemplo de aguante. En aquel tiempo sacaron a los “chorros” (ladrones) de la grada, por eso también el apoyo incondicional de la directiva. “W” nos describió que la primer línea eran “los más guapos” (valientes). Frydenberg (2011) mencionaba, en su estudio, a los guapos como aquellos personajes del barrio que no se atemorizaban ante nada ni nadie; W los describía, en el estadio, eran los que estaban en los paravalanchas; Observé en el testimonio de W, la categoría de “honor” cuando habló de los integrantes más fuertes que defendían a su grupo. Moreira (2005) mencionaba las acciones de honor de la barra. Explicaba no había irracionalidad en el accionar de estos grupos, sino una lógica a partir de un sistema de concepciones en torno del honor. Garriga hablaba del honor siempre estaba en juego, ya que el respeto era inestable y la valentía cada encuentro se debía ratificar. En cada lucha se disputaba el honor y la vergüenza (Garriga, 2015; 45 pág). En el estudio de la barra brava, W no hablaba de violencia, él mencionó defender los trapos (las banderas). Moreira (2005) observaba, los trapos eran símbolos de honor y de guerra. Cuando los capturaban se convertían en trofeos que daban de manera colectiva, el orgullo de pertenencia y virilidad. Los trapos eran parte física de la identidad al grupo. Pero como observé el aguante, en este grupo, era la otra acción y el motivo que les daba identidad. Hasta aquí dejo el avance de mi ponencia.

.....

*** Sergio Fernández**

*División de Ciencias Sociales y Humanidades. Universidad Autónoma Metropolitana - Unidad Xochimilco - DCSH/UAM-X.
Xochimilco, México*

Resumen de ponencia

CONDICIÓN FÍSICA Y AUTOCONCEPTO DE MUJERES VÍCTIMAS DE VIOLENCIA DE GÉNERO, CAZUCÁ, SOACHA, COLOMBIA.

*Andrea Mojica

*Diana Alexandra Camargo Rojas

*Yennys Gonzalez De Los Reyes

De acuerdo con la ONU (1994) la violencia de género designa “todo acto de violencia basado en la diferencia de género que tenga o pueda tener como resultado un daño o sufrimiento físico, sexual o psicológico para la mujer, inclusive las amenazas de tales actos, la coacción o la privación arbitraria de la libertad, tanto si se producen en la vida pública como en la privada” (ONU, 1994). Este ejercicio de poder, sostenido en el carácter androcéntrico de la organización social, está permeado por múltiples factores históricos, sociales, culturales y económicos que lo hacen complejo y diverso, y es en ese marco estructural en el que se distribuyen creencias, valoraciones e imperativos que legitiman relaciones de desigualdad y dominación por parte de los miembros del género masculino, y que han derivado en la instalación de una cultura machista en la cual la violencia y la explotación sexual de los más débiles (mujeres, niños, niñas y adolescentes) se ha naturalizado (Velzeboer, Ellsberg, Clavel y García; 2003). (Ver figura 1. Modelo violencias basadas en género (Instituto Nacional de Medicina Legal y Ciencias Forenses, 2011).

Sagot (2000) citado por Velzeboer, Ellsberg, Clavel y García (2003) subraya que la violencia contra la mujer (dentro de la cual se incluye la violencia sexual), genera consecuencias físicas y psicológicas, siendo estos últimos los más prolongados y devastadores. Entre las consecuencias emocionales más frecuentes en las víctimas de violencia de género se destacan la baja autoestima y el rechazo del propio cuerpo (Echeburrúa y Corral, 2006), construcción distorsionada del autoconcepto (Torres-Noa; García-Martín y cols., 2015), la aparición de culpa, dificultad para manejar la ansiedad y la rabia, depresión (Lizana-Zamudio, 2014) e incluso la modificación de las características de personalidad, generando consecuencias emocionales de larga duración (Ballester-Comins & Ventura-Álvarez, 2010).

Como afirman algunos autores como García, Marín y Bohórquez (2012) las personas que se perciben con actitudes físicas favorables relacionadas con la condición física tienen un mejor autoconcepto que el resto de personas. Así mismo, si perciben un buen autoconcepto, mantendrá una actitud positiva frente a la práctica de la actividad física. El autoconcepto es una variable que se ve afectada en la población víctima de violencia de género, y es posible que esto influya igualmente en la condición física y en la práctica de la actividad física. **Objetivo:** Determinar el nivel de condición física para la salud y el autoconcepto en mujeres víctimas de violencia de género. **MÉTODOS** Se propone un diseño observacional de corte transversal - mixto de triangulación con una

muestra de 49 mujeres víctimas de violencia de género del Municipio Soacha, Cundinamarca, Colombia. La condición física se evaluó con la batería Alpha Fit (Suni et.al, 2009) y el autoconcepto con el test proyectivo Figura humana (Machover, 1987) y la escala de Rosemberg sobre autoestima . RESULTADOS. Los resultados preliminares nos indican en términos de la evaluación de la condición física, que en la composición corporal el 38.78% (n = 19) tiene sobrepeso, el 24.45% (n = 12) presenta obesidad moderada y un 36.83% (n = 18) peso normal. En relación al riesgo cardiovascular, el 63.27% tenía alto riesgo cardiovascular y el 18.3% tenía riesgo cardiovascular moderado. Por otro lado, en las capacidades coordinativas como el equilibrio, el 55.10% presentó un ajuste postural bajo y el 20,41% un ajuste promedio. En términos de fuerza muscular, en la mayoría de la población es muy baja. En la prueba de capacidad aeróbica la población presentó en su mayoría una calificación buena, muy buena y excelente, solo el 8.16% presentó una calificación deficiente. Finalmente, en la prueba de flexibilidad, el 69.39% tiene una condición deficiente. En cuanto a la evaluación psicológica del autoconcepto, los resultados de ambos instrumentos permiten identificar un patrón recurrente en las participantes, consistente con la configuración de un yo frágil, con tendencia a la dependencia afectiva (principalmente de sus parejas y sus hijos) y el establecimiento de vínculos superficiales, con dificultad para establecer límites en las relaciones interpersonales y el despliegue de respuestas defensivas asociadas a la negación de situaciones de frustración, la decepción o el abandono. CONCLUSIONES: además de evidenciar altos indicadores de riesgo cardiovascular, sobrepeso y obesidad en la población, asociados a síndrome metabólico lo que afecta la salud física de las mujeres; en las entrevistas fue evidente un autoconcepto con un yo frágil y dependiente, asociado a las experiencias vividas. Estos dos elementos tanto la condición física como el autoconcepto constituyen un binomio a tener en cuenta en la adopción de la actividad física como estilo de vida saludable y la generación de programas dirigidos a esta población.

.....

* Andrea Mojica

Universidad Santo Tomás- USTA. Bogotá, Colombia

* Diana Alexandra Camargo Rojas

UNIVERSIDAD SANTO TOMÁS -USTA. Bogotá, Colombia

* Yennys Gonzalez De Los Reyes

UNIVERSIDAD SANTO TOMÁS -USTA. Bogotá, Colombia

Resumen de ponencia

CONSTRUYENDO EL CAMPO DE LA MEDICINA DEPORTIVA ARGENTINA: CIENCIA, LUGARES Y FICHAS, DÉCADAS DEL 20 Y 30, SIGLO XX

*Pablo Scharagrodsky

Construyendo el campo de la medicina deportiva argentina: ciencia, lugares y fichas, décadas del 20 Y 30, siglo XX

En 1913 se realizó en Europa uno de los congresos más importantes del primer cuarto del siglo XX dedicado íntegramente a la "cultura física". Las figuras y los especialistas más destacados de occidente vinculados al universo de la gimnasia y los deportes se dieron cita en uno de los templos "científicos" más importantes de aquella época: la Facultad de Medicina en la Sorbona, París. "Gigantes" de la medicina europeos con una importante presencia latinoamericana -Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Cuba, México, Perú, Uruguay, etc.- (GLEYSE & SCHARAGRODSKY, 2013) discutieron intensamente sobre los beneficios, las bondades y los perjuicios higiénico-morales que las diversas prácticas corporales producían en las poblaciones, el papel de las crecientes y multitudinarias asociaciones deportivas, las funciones de las distintas reparticiones estatales de cultura física, el entrenamiento de los atletas deportivos de alto rendimiento, la "cuestión" femenina en los deportes y la función del médico en dicho proceso. Ese mismo año, completamente ajeno al universo deportivo, el argentino Gofredo Grasso presentó una tesis para optar al título de doctor en medicina titulada "Ética y responsabilidad médica" (GRASSO, 1913). Nada hacía presagiar que en los años 20 y 30 se convertiría en uno de los máximos referentes del nobel campo de la medicina deportiva argentina y latinoamericana.

Sin embargo, el recorrido personal, institucional y profesional de Gofredo Grasso estuvo fuertemente vinculado con el universo deportivo argentino en un contexto socio-político en el cual la cultura física en general y los deportes en particular fueron estimulados -consumidos, contemplados y practicados- por diferentes agentes, actores, instituciones, movimientos y grupos sociales. Este proceso se potenció y amplificó a partir de los años 20 y 30 debido a distintos factores socio-políticos producidos en la Argentina -y en otros países latinoamericanos y europeos- relacionados con la fuerte difusión del discurso eugenésico y el porvenir de la raza, la lucha contra ciertas enfermedades como la tuberculosis, las preocupaciones por el stock biológico de la nación, la influencia de la medicina constitucionalista, las definiciones sobre la normalidad somática, anormalidad física y funcional, cambios con relación al uso del tiempo libre, nuevos usos y costumbres, los temores físico/morales frente a la "cuestión" femenina y los problemas de desnatalidad (ARMUS, 2007, 2014; MIRANDA, 2012; SCHARAGRODSKY, 2014; ANDERSON, 2015, 2016; REGGIANI, 2016), entre otros factores.

En este favorable contexto, el Dr. Gofredo Grasso se ubicó como un actor central en la

incipiente rama de la medicina deportiva, siendo considerado por parte de la prensa deportiva argentina como “el primer facultativo nacional que aplica sus conocimientos científicos a la orientación y dirección de los deportistas en general”. Grasso participó activamente en la difusión de la “cruzada deportiva” a partir de su tránsito e inserción laboral por diversos espacios públicos y privados. Entre los primeros Grasso tuvo destacadas actuaciones como Jefe de los Servicios Médicos de la Dirección Municipal de Educación Física en la capital argentina, la cual tuvo intensas y pro-activas políticas vinculadas al tratamiento corporal de la infancia en los años 20 y 30, especialmente a partir de las colonias de vacaciones o como Director de la oficina médica en la Dirección General de Plazas de Ejercicios Físicos de la capital argentina. Entre los segundos, Grasso ya a principios de los años 20 se convirtió en Jefe de los Servicios Médicos del reconocido y famoso Club Gimnasia y Esgrima de Buenos Aires (GEBA) y de la Federación de Box. El primero fue uno de los clubes más importantes de la capital argentina en términos de prestigio, status, recursos materiales y ascendencia política, convirtiéndose en la década de los 30 en sede de la primera Filial Argentina de la Unión Internacional de Médicos del Deporte (UIMD) (SCHARAGRODSKY, 2015). En cuanto a la Federación de Box, y al boxeo en particular, se convirtió en uno de los deportes más influyentes a la hora de construir una narrativa sobre el cuerpo masculino argentino (ARCHETTI, 2003) siendo la prensa de divulgación un actor clave en su difusión, ayudado por la excelente performance de los boxeadores argentinos que obtuvieron una gran cantidad de medallas en los Juegos Olímpicos en los años 20 y 30.

Teniendo en cuenta todo ello, el siguiente trabajo tiene como objetivo central analizar la propuesta médico deportiva que produjo Gofredo Grasso y sus alcances materiales en el universo deportivo argentino. Nuestra hipótesis es que su propuesta corporal durante los años 20 y 30 potenció un nuevo tratamiento sobre los cuerpos a la hora de moverse, ejercitarse, y sobre todo, entrenarse y competir instalando la necesidad -y naturalizando la autoridad- de un nuevo grupo ocupacional -el médico deportólogo- a partir de la producción de campeones en el mundo del deporte, tanto en el ámbito local como en el internacional.

.....

* Pablo Scharagrodsky

Universidad Nacional de La Plata - UNLP. La Plata, Argentina

Resumen de ponencia

CORPOS, IMAGENS E NARRATIVAS: JOVENS PRATICANTES DE CROSSFIT E OS SENTIDOS E EXPRESSÕES DA DOR NA CONTEMPORANEIDADE

*Luiz Gustavo Pereira De Souza Correia

Essa comunicação pretende discutir objetivo de compreender os significados atribuídos às dores corpóreas resultantes da intensidade dos treinos da modalidade esportiva CrossFit e como tais sentidos são expostos nas narrativas dos praticantes em suas interações cotidianas com o intuito de fortalecer ou ressaltar o sentimento de pertencimento e vinculação à comunidade “crossfiter” globalizada. A pesquisa de campo pretende abarcar o universo de relações off-line e online dos praticantes, ou seja, tem a intenção de observar e participar de grupos de praticantes nos “boxes” (locais em que ocorrem os treinos) e nas redes sociais virtuais.

Iniciado em 1996, nos EUA, pelo ex-competidor de ginástica olímpica Greg Glassman, o CrossFit, aclamado popularmente e na mídia especializada como o maior fenômeno contemporâneo do universo da atividade física, pode ser definido como um modo de treinamento não convencional (ao contrário de atividades físicas e métodos de treinamento “fitness” convencionais como a musculação com aparelhos e máquinas, por exemplo) composto por movimentos funcionais e atléticos, executados em alta intensidade e de forma intervalada (HIIT ou High-intensity Interval Training) em treinos elaborados extremamente variáveis e distribuídos em ciclos e periodizações intercalando alto desgaste e recuperação muscular. Movimentos funcionais são exercícios multiarticulares, executados de maneira não isolada usando o peso do próprio corpo ou equipamentos genéricos e multifuncionais.

Além do programa de treinamentos, o CrossFit propõe uma dieta alimentar baseada no alto consumo de proteínas de origem animal e vegetal, frutas e legumes frescos e com a exclusão de produtos industrializados e processados, como farinha de trigo, açúcar, etc. Tal dieta é conhecida como “Paleo”, por procurar aproximar-se ao máximo da rotina alimentar do homem paleolítico. A dieta Paleo surgiu da pressuposição de que a alimentação rica em carboidratos advindos de alimentos processados aliada ao sedentarismo provocado pelo estilo de vida contemporâneo forma a base do problema de saúde pública que se tornou a obesidade.

As experiências alvo de discussão nessa pesquisa remetem aos estudos sobre juventudes no mundo contemporâneo, pois, se por um lado tais experiências são distintas, individuais e localizadas temporal-espacialmente, por outro se tornam referências de uma temporalidade compartilhada mundialmente. Parte-se aqui das indicações de Feixa, para quem “nosso interesse centra na construção social da identidade, nos jovens como atores sociais criativos, no consumo cultural e nos movimentos sociais, em definitiva, no caráter distintivo das culturas juvenis locais em um mundo globalizado” (Feixa, 2014). Trata-se da experiência de uma determinada geração com disciplina rigorosa em torno do tempo de treino e repouso, bem como da

ingestão de alimentos. Geração que usa intensamente as redes sociais virtuais, seja para divulgação dos resultados dos treinos em um aplicativo para celular utilizado por todos os praticantes de CrossFit do mundo ou para exposição das marcas físicas através de fotos e vídeos em redes de compartilhamento com amigos e conhecidos. É uma geração que tanto participa “online” de competições mundiais como também nos eventos de integração e competição locais. Propõe-se então, tal como afirma Marcon, que “o interessante é entender como estes processos sociais de significação se constituem, são manifestos, são praticados e como o fenômeno é ao mesmo tempo globalizado e localizado, homogêneo e plural” (Marcon 2016).

A pesquisa vem sendo desenvolvida com foco em práticas cotidianas e narrativas tendo o corpo como matriz da identidade, elemento de análise central para a compreensão das dinâmicas de identificação, pertença e exclusão social de determinados grupos sociais (LE BRETON, 2007). A sensibilidade individual dos sujeitos, a economia emocional corporificada, é a categoria analítica fundamental, por possibilitar compreender as práticas e noções de corpo próprias aos indivíduos e grupos sociais em um determinado recorte tempo-espaco e as relações estabelecidas nas configurações e dinâmicas da sociedade. Tendo o corpo como terreno dos sentidos articulados e intercambiados no contexto socialmente vivido, a relação fundante do mundo intersubjetivo, do eu em relação aos outros, é revelada nos termos das experiências narradas da vivência cotidiana.

Na medida então em que é dimensão do nosso próprio ser, é no e pelo corpo que se efetivam e se inscrevem as experiências e os projetos, que se pode pensar em modalidade particular de ser no mundo. A dor e a experiência de vida dos sujeitos encontram-se, assim, intimamente imbricadas. Nessa perspectiva, a dor não pode ser vista como uma resposta fisiológica a um estímulo externo, ou pelo menos não apenas isso. A dor depende fundamentalmente da relação simbólica que o sujeito estabelece entre o fenômeno fisiológico e o seu significado afetivo (Le Breton, 2013). As proposições de Le Breton direcionam o olhar para as significações e apreensões simbólicas da dor efetivadas pelos sujeitos. Para Le Breton, para entender a dor é necessário que se compreenda as complexas relações entre o indivíduo, sua história pessoal e o contexto social em que se vincula através do seu corpo.

Essas apropriações pessoais e coletivas pelas experiências e práticas cotidianas dos sujeitos revelam diversas atribuições de significado ao espaço e, assim, o torna elemento fundamental nos processos de identidade pessoal e grupal.

A noção de pertença, então, é o fundamento da percepção dos sujeitos da sua autoimagem e do seu lugar no mundo. A pertença é a raiz fundamental a partir da qual o sujeito se pensa como individualidade em relação, percebe a si e os outros como entidades em interdependência e conflito no mundo de sentidos compartilhados (KOURY, 2001). As tensões e conflitos, bem como as possibilidades de rearranjo e reordenamento, são elementos próprios das figurações sociais nas mais diversas escalas em que sujeitos e grupos se inter-relacionam.

Tais apreensões pessoais são abordadas via análise das composições narrativas. O sujeito que narra é agente, se faz no presente da narração, se localiza socialmente. A identidade agenciada, acionada na narrativa, é fruto do que Paul Ricoeur (1994) chama do ato configurante do relato, a potencialidade da narrativa de inscrever o indivíduo no mundo. A discussão gira em torno da tessitura das experiências, entendida como atribuição de sentidos aos acontecimentos passados em que o personagem, o “si-

mesmo” do narrador, está enredado (RICOEUR, 1991, 1994). Como ação marcadora de um lugar do sujeito no mundo, de configuração de um espaço próprio, a narração é pensada via corpo do agente em relação com o mundo. O corpo é elemento fundamental na compreensão, na expressão e na própria consciência da “existência insubstituível” (RICOEUR, 1994) dos sujeitos. O narrador traz suas experiências, se pensa na interação como um si-mesmo e organiza seu discurso como uma identificação em processo.

A pesquisa tem se voltado ao material fotográfico, videográfico e textual produzido por praticantes de CrossFit disponibilizado na rede mundial de computadores. Simultaneamente à busca pelos conteúdos produzidos diariamente, tem havido a observação participante sistemática em um dos locais onde se pratica CrossFit em Aracaju, Sergipe, nordeste do Brasil, com o intuito de possibilitar o acompanhamento das rotinas cotidianas e das impressões dos sujeitos sobre a prática esportiva. A documentação visual e sonora das diversas performances e das técnicas do corpo são meios de extrema potencialidade para a compreensão dos sentidos atribuídos aos processos vivenciados devido à intensidade dos treinos a que os praticantes da modalidade são submetidos. Além disso, o uso de imagens e sons na pesquisa etnográfica tem como elemento de marcada importância estimular a criação de outros espaços de diálogo e interação em campo. Os sujeitos estruturam suas narrativas imagéticas balizadas pelas referências afetivas e simbólicas das suas experiências. As distinções e semelhanças, pertencas, interdições e exclusões expostas em fotos e vídeos são captadas com a intenção de revelar aspectos das formas de sociabilidade e de como os sujeitos se percebem intersubjetivamente. Assim, torna-se possível discutir as ideias de engajamentos e articulações possíveis em um espaço urbano, bem como no "espaço online", a partir de seus ritmos e das práticas cotidianas a eles relacionadas.

Referências

- CROCKETT, M. Chasing Rx: A Spatial Ethnography of the CrossFit Gym. Master's Theses. San Jose State University, 2015.
- FEIXA, Carles. De la generación @ a la # generación: la juventud en la era digital. Barcelona, NED, 2014.
- KALIN, F. E. "Primeros pasos en el estudio del Crossfit. Representaciones, identidades y prácticas relacionadas al mundo del entrenamiento corporal". XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Enraizamento, pertença e ação cultural. In: Cronos. Natal, 2001, 131-137.
- KUHN, S. The Culture of CrossFit: A Lifestyle Prescription for Optimal Health and Fitness. Senior Theses - Anthropology. Illinois State University, 2013.
- LE BRETON, David. El sabor del mundo - una antropología de los sentidos. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007.
- MARCON, F. Juventude e geração na era digital. Política e Sociedade, Vol. 15 - Nº 32. Florianópolis, Jan./Abr. de 2016.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- RABELO, Miriam Cristina & ALVES, Paulo César. Experiência de doença e narrativa. Rio

de Janeiro: Fiocruz, 1999.

RICOEUR, Paul. O si mesmo como um outro. Campinas: Papirus, 1991.

_____. Tempo e narrativa. 3 vols. Campinas: Papirus, 1994.

STEIL, Carlos Alberto. "Religião e natureza no horizonte de uma antropologia a paisagem". XIV Jornadas sobre Alternativas religiosas da América Latina. 2007

.....

* Luiz Gustavo Pereira De Souza Correia

Universidade Federal de Sergipe UFS. São Cristóvão, Brasil

Resumen de ponencia

CREENCIAS Y PERCEPCIONES SOBRE EL CUERPO Y LA IDENTIDAD DE LAS PERSONAS TRANSGÉNERO EN EL CAMPO DE LA EDUCACIÓN FÍSICA Y EL DEPORTE EN LA CIUDAD DE CALI

*Junny González Garzón

La sigla LGBTI: Lesbianas, Gay, bisexuales, personas Trans e Intersexuales integra a las personas transgénero, que según la definición de la APA es un término global que define a personas cuya identidad y expresión de género o conducta no se ajusta a aquella asociada con el sexo asignado al nacer; el término trans incluye muchas identidades (Transformistas, Transvestis, Transgéneros y Transexuales). A menudo, las personas transexuales alteran o desean alterar sus cuerpos a través de hormonas, cirugías y otros medios para estos.

Según el informe “Trans-Respeto vs Transfobia en todo el mundo” de la organización Transgender Europe - TGEU en cooperación con varias organizaciones activistas, se ha recopilado información alrededor del mundo de 2609 casos de asesinatos a personas trans y de género diverso entre Enero de 2008 y Septiembre de 2017; el 78,4% de los asesinatos (2048 casos) ocurrieron solo en Centro y Sur-América, siendo Colombia el 3er país con más asesinatos reportados en números absolutos.

En recientes informes de derechos humanos en personas LGBTI de Colombia (informe de derechos humanos en personas LGBTI. Colombia 2016. Colombia Diversa, Caribe Afirmativo, Santamaría fundación 2017) se evidenció que en 2016 hubo 108 asesinatos. Siendo bastante preocupante la situación en los departamentos del Valle del Cauca y Antioquia, que ocupan los primeros lugares en homicidios, las cifras aumentan, siendo las personas Trans unas de las principales víctimas; los hechos se concentran en ciudades como Cali, Palmira y Buga. Sin embargo estos datos pueden ser mayores, si se tiene en cuenta que algunos no se reportan y que a nivel nacional no se cuenta con políticas o instituciones que recojan adecuadamente la información de todos los casos.

Según Fuentes (2015) <> (Fuentes, 2015)

Por otro lado, Barbero (2005) señala que la actividad física educativa y recreativa influye en la modelación de las identidades en relación a los modelos corporales y los roles fundados en la sociedad: “el varón es (ha de ser) fuerte, vigoroso, activo, etc., y su sexualidad no es sino una extensión y afirmación de dichas cualidades”. La mujer es (ha de ser) armonía, gracia, virtud, etc. tiene que ocultar su sexualidad ya que la iniciativa y el deseo merma su atractivo”; aunque en la clase de educación física, es posible aportar a la construcción de identidades alternativas sin prejuicios de género, “hasta ahora la educación física, y por ende su profesorado, se ha encargado de imponer los atributos objetivables del cuerpo en consonancia con los postulados éticos, estéticos, morales e ideológicos de la clase dominante, no estando interesada

en atender a la diversidad (Piedra et al, 2014).

En cuanto al deporte olímpico y pese a que desde 2003 el Comité Olímpico Internacional permite la participación de atletas transgénero que cumplan ciertas condiciones (Ljungqvist, P. A., et Al 2015). la discriminación por identidad o expresión de género es un desafío actual al que también se enfrentan algunos deportistas a quienes se les han hecho fuertes juicios por sus características físicas; “Parece que el mayor obstáculo que enfrentan los atletas trans es una grave falta de comprensión y la compasión de los compañeros de equipo, entrenadores y aficionados. Por desgracia, muchos entrenadores, padres, psicólogos deportivos y administradores están mal preparados para crear un espacio de bienvenida para atletas trans; En su lugar, estas personas simplemente refuerzan viejos estereotipos.” (Reeser, 2005)

El objetivo de la investigación fue identificar y describir las percepciones que los agentes del campo de la educación física y el deporte expresan sobre el cuerpo y la identidad de las personas transgénero en relación con las actividades físicas deportivas en la ciudad de Cali - Colombia.

Para la conceptualización se abordan los términos de persona, identidad, reconocimiento, cuerpo, sistema sexo-género (Merleau-Ponty, 1975; Honneth & Fraser, 2006: 86; Fraser 1996; Taylor, 1996; Merma Molina, G., Ávalos Ramos, M. A., & Martínez Ruiz, M. Á., 2015; Preciado, 2012, Femenías, 2003:38, Foucault, 1999, 2002; Fuenmayor, & Montaña, 2010; Barrera, 2011; Butler, J. 1990, 2002, 2008). Se usaron y contrastaron dos herramientas de investigación cualitativa una autobiografía y un cuestionario estructurado aplicado a 30 personas de las cuales 11 se identificaron como mujeres, 18 como hombres y 1 persona con otro género; el rango de edad de los encuestados comprendía entre los 16 y los 51 años. Como criterio de inclusión debían estar relacionadas al campo de la educación física y el deporte, desempeñando alguno de los siguientes roles profesores, entrenadores, preparadores físicos, estudiantes de carreras relacionadas al deporte, deportistas y practicantes o aficionados. La selección de los participantes se realizó por muestreo intencional.

Esta investigación es de tipo cualitativo y de corte transversal con enfoque fenomenológico y hermenéutico. La categorización inicial de partida para el cuestionario estructurado, se estableció teniendo en cuenta que las preguntas debían brindarnos parámetros para encontrar marcadores de creencias y percepciones acerca de aspectos centrales que, de acuerdo al marco conceptual, son relevantes y frecuentes en el tema de la identidad de género; Preguntas Fisiológicas, Preguntas Sociales, Preguntas Deportivas, Preguntas de Reconocimiento.

El análisis se ejecutó bajo 2 parámetros, el primero de ellos se basa en las 4 categorías de preguntas anteriores que se plantearon en el cuestionario y el segundo toma como base adicional, la codificación de 7 marcadores de las respuestas que permitieran además entender las lógicas transversales que articulan todas las creencias y percepciones categorizadas, y debían tener presencia en todas las categorías de preguntas, a saber: Confusión, Desconocimiento, ideología, prejuicio, naturalización, opinión-inclusión, opinión-discriminación.

Como resultados de la investigación se encontró que en su inmensa mayoría las creencias y percepciones están condicionadas por el desconocimiento, la confusión, las ideologías, los prejuicios, las opiniones discriminatorias y valoraciones negativas. Lo anterior soportado en las formas de reconocimiento otorgadas y que aparecen como evidencia lingüística en el análisis de resultados. Sin embargo, hay también un número

significativo de personas que valoran positivamente la diversidad de género, respetan el libre desarrollo de la personalidad y la pluralidad sexual y ven el deporte como alternativa para dinámicas inclusivas.

Barbero, J. I. (2005). La escolarización del cuerpo: reflexiones en torno a la levedad de los valores del capital «cuerpo» en educación física. *Revista iberoamericana de educación*, (39), 25-51.

Barrera, O. (2011). El cuerpo en Marx, Bourdieu y Foucault. *Iberóforum. Revista de Ciencias Sociales de La Universidad Iberoamericana*, Vol. VI(11), 121-137.

Butler, J. (1990). *El género en disputa*.

_____ (2002). *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo*.

_____ (2008). *Deshacer el género*. Paidós Studio, 392. Archivo en pdf.

Diversa, C. Fundación S. Afirmativo, C. (2017). *Entre el miedo y la resistencia: Informe de derechos humanos de personas lesbianas, gays, bisexuales y trans. Colombia 2016*

Femenías, M. L (2003) *Judith Butler: una introducción a su lectura*. Buenos Aires: Catálogos

Fraser, N. (1996). *Redistribución y reconocimiento hacia una visión integrada de justicia del género*.

Foucault, M. (1999) "Nacimiento de la medicina social". En: *Estrategias de poder. Obras esenciales II*. Barcelona, Paidós, 363-384.)

Foucault, M. (2002) *Historia de la sexualidad: El uso de los placeres (Vol .2)*. Siglo XXI

Fuenmayor, F. Á., & Montaña, C. Á. (2010). *El concepto de biopolítica en Michel Foucault*.

Fuentes, J. J. (2015). *Educación Física Y Deporte En Personas Trans*. (Tesis doctoral) La Universitat de València.

Honneth, A., & Fraser, N. (2006). *¿Redistribución o reconocimiento? un debate político-filosófico*. Buenos Aires: Morata Ed.

Ljungqvist, P. A., Commission, S., Chairman, F., Consultant, S. S., Chambers, B., Child, Y., Pitsiladis, P. Y. (2015). *Ioc Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism En*, (November).

Merleau-Ponty, M. (1975). *Fenomenología de la percepción*. Barcelona: Península.

Merma Molina, G., Ávalos Ramos, M. A., & Martínez Ruiz, M. Á. La relevancia encubierta del género: las percepciones de los futuros maestros sobre la igualdad y las desigualdades contextuales *La Manzana de la Discordia*. 2015, 10 (2): 93-104

Piedra, J., Ramírez Macías, G., & Latorre Romero, A. (2014). *Visibilizando lo invisible: creencias del profesorado de educación física sobre homofobia y masculinidades*.

Retos: Nuevas Tendencias En Educación Física, Deporte Y Recreación, 2041(25), 36-42.

Reeser, J. C. (2005). Gender identity and sport: is the playing field level? *British Journal of Sports Medicine*, 39, 695-699.

Taylor, C. (1996). *Identidad y reconocimiento*. *Revista Internacional de Filosofía Política*, 7(7)10-19.

TvT research project (2016) "Transrespect versus Transphobia Worldwide"-Website: www.transrespect.org

.....

*** Junny González Garzón**

Centro de Investigaciones y Documentación Socioeconómica. Facultad de Ciencias Sociales y Económicas. Universidad del Valle - CIDSE/UNIVALLE. Cali, Colombia

Resumen de ponencia

CRÍTICA DE LA EDUCACIÓN FÍSICA CRÍTICA ACTUAL EN LA FORMACIÓN DEL PROFESORADO EN EL TERRITORIO ESPAÑOL: EUROCENTRISMO PEDAGÓGICO Y EPISTEMICIDIOS EDUCATIVOS

*Alberto Moreno Doña

*Enrique Rivera García

El análisis crítico realizado sobre la Educación Física Crítica actual en la formación del profesorado del territorio español (en adelante EFCAFOPE) nos ha permitido percibir que el gran referente teórico-filosófico de la misma es la Escuela de Frankfurt, y más específicamente, J. Habermas. Desde sus diferentes intereses constitutivos del conocimiento se habla del interés técnico, del que estaríamos o debiéramos estar muy alejados; el interés práctico y el interés emancipador (Habermas, 1981). Se asume que su planteamiento sobre la comunicación en condiciones de simetría (ética del discurso) entre los que argumentan es realmente posible de llevar a la práctica y que ello contribuiría para la construcción de realidades más justas y democráticas. Esta simetría, según Dussel (Aple y Dussel, 2005) es prácticamente imposible pues parte de la existencia de una comunidad de comunicación ideal. “Esta comunidad representa una situación ideal en la cual todos los seres humanos se encuentran en condiciones ideales de habla, tienen las mismas condiciones de vida, los mismos derechos y, por tanto, no existen limitantes que les permitan llegar a consensos” (García, 2011: 139) Situación esta prácticamente inexistente en cualquier parte del mundo. Más aún en Latinoamérica o África.

La mayor limitación que encontramos en esta lógica propuesta está relacionada con la imposibilidad de legitimación discursiva de los miembros de una comunidad cuando la realidad del sistema mundo está estructurada en función del ser hombre europeo-norteamericano, heterosexual, capitalista y patriarcal (Dussel, 2015; Grosfoguel, 2013). Es por ello que asumimos que la complejidad del conocimiento (McLaren y Kincheloe, 2008) en los inicios del siglo xxi no está siendo abordada adecuadamente en la EFC actual. Es desde aquí que lo obvio (ob: hacia; vio: camino) no permite visualizar otras lógicas epistemológicas desde la que abordar la pedagogía crítica y, por tanto, ser conscientes de la importancia de visibilizar otras realidades desde las que pensar(se) el mundo. La colonialidad del poder (Quijano, 2000) termina valorando, aceptando y legitimando un conocimiento anclado aún en una lógica dualista en términos de civilización y barbarie (Dussel, 2015) y en la que los que viven en situación de pobreza, los otros géneros y las etnias son vistos como una forma de subhumanidad, “una forma degradada de ser que combina cinco formas de degradación: ser ignorante, inferior, atrasado, vernáculo o folklórico y perezoso e improductivo” (De Sousa Santos, 2014: s/p).

Cuando uno revisa los antecedentes de la pedagogía crítica expuestos en la

EFCAFOPE, el carácter eurocéntrico está presente en lo expuesto. Ahora bien, hay un excepción que siempre suele aparecer en la literatura occidentalizada sobre pedagogía crítica y que no es una excepción en la EFC española. Nos referimos a Paulo Freire. Pero ocurre algo realmente interesante con este autor, reconocido como uno de los educadores más relevantes del siglo XX y fiel representante de la pedagogía crítica. Hablamos de oocidentalizada y no de occidental para hacer referencia a una realidad homogénea que aparece en todos los territorios del mundo y que tiene que ver con una mirada que valora lo blanco, capitalista, heterosexual, patriarcal y hombre. Lo que se salga de ese patrón es excluido. Y esta mirada occidentalizada ocurre tanto en occidente como en oriente (Grosfoguel, 2013)

El estudio de la obra freiriana nos lleva a una simple y rotunda afirmación. Paulo Freire “bebió” de dos claros referentes teóricos. De un lado la Escuela de Frankfurt con dos de sus grandes autores de referencia: Hegel y Marx. Del otro, el lado silenciado, ocultado y excluido, estaría la teología de la liberación. Es curiosa la lectura académico-científica eurocéntrica sobre Paulo Freire, pues lo “limpiaron” de aquello que la ciencia occidentalizada no era, ni es aún, capaz de explicar. Nos referimos a una de las grandes categorías que cruzan transversalmente todo el trabajo freiriano: el amor. Es desde esta primer acercamiento, que a lo largo de la ponencia iremos dando cuenta del eurocentrismo educativo presente en la EFCAFOPE (ello por su afán de expansión por territorio latinoamericano) y de los posibles epistemicidos que se estarían originando con ello.

.....

*** Alberto Moreno Doña**

Universidad de Valparaíso. Valparaíso, Chile

*** Enrique Rivera García**

Universidad de Granada - UGR. Granada, España

Resumen de ponencia

CUERPOS MERCANTILIZADOS. LA EXPERIENCIA DEL RUNNING EN LA CIUDAD DE CÓRDOBA

*Lorena Decca

El fenómeno del running es abordado como un proceso cultural y como locus estratégico donde se expresan las formaciones subjetivas contemporáneas (Rose, 2003:215).

Parto de la hipótesis de que estamos ante la hegemonía comunicacional del mercado en la sociedad y que los discursos que circulan en el running replican un modelo de sociedad basado en la competencia, la individualidad y la gestión de sí mismo.

En la escena contemporánea, los mensajes que circulan por los Medios Masivos de Comunicación, por las redes sociales on line, por los dispositivos tecnológicos, en las publicidades e incluso en las instituciones tradicionales tales como las escuelas, apuntan a la “gestión”, a la “transformación”, a la “optimización” de los cuerpos. Además, la proliferación de centros de estética, nutrición, fisioterapia, medicina deportiva, ciencias del entrenamiento, educación física, fitness, pilates, centros de estéticas, spas, dan cuenta de la configuración de un entramado de tecnologías, discursos y prácticas que interpelan a los sujetos contemporáneos a gestionar sus cuerpos de forma responsable y eficiente (Landa, 2011).

El cuerpo es el objeto hacia el que se dirigen estos discursos sociales, es también un concepto integral configurado, reconfigurado y configurador de relaciones de poder. La centralidad del cuerpo en las sociedades contemporáneas da cuenta de su importancia como

vector de construcción subjetiva e identitaria (Butler, 1997).

El running -aun cuando se basa en una actividad tan antigua como la de correr- designa en la contemporaneidad a todo un sistema de configuración de sentido que va más allá de la actividad física, abarcando un “estilo de vida” basado en la “gestión de uno mismo” para alcanzar el máximo rendimiento. En este sentido, el running queda definido como una práctica corporal cultural novedosa que se ha instalado en la escena contemporánea, imprimiendo determinadas características en los sujetos que la desarrollan.

El concepto de “vida sana” funciona como el principio organizador de esta actividad y de otras que involucran la ejercitación de los cuerpos. Pero ¿qué hay detrás de este concepto? Mi interés por indagar en él responde a que se lo ha naturalizado, ha sedimentado en la racionalidad contemporánea y desde su lógica se montan infinidad de prácticas, tal es el caso del running. Desde los medios de comunicación, las publicidades, el discurso médico, entre otros se apela a los individuos a que desarrollen su “vida sana” y desde este punto de vista, el concepto adquiere características de esencialismo.

Deconstruir los sentidos sedimentados en torno al estilo de vida “deseable” característico de este tiempo y la manera en que dicha racionalidad emerge en una

práctica de gestión corporal específica, permite asumir el carácter paradójico de nuestra contemporaneidad.

Los runners ponen en evidencia la manera en que la lógica empresarial permea las prácticas contemporáneas. Los “empresarios de sí” administran sus propias vidas como si se tratara de micro-empresas y en este proceso, las prácticas de gestión corporal adquieren una centralidad vital en tanto que permiten la adecuación de esos cuerpos/sujetos a los requerimientos neoliberales. La lógica del management, del empowerment y de la superación ilimitada adquiere centralidad en la conducción de las vidas de los sujetos contemporáneos.

El discurso del “rendimiento”, del “héroe” ciudadano que logra atravesar obstáculos y alcanzar la meta, se disemina en los grupos de entrenamiento e inunda las redes sociales. La lógica empresarial nos atraviesa, nos interpela, nos configura y nos lleva a la acción. Hay una interpelación comunicacional-cultural que se hace carne en los individuos.

En este escenario, en el que las redes sociales on line, los medios de comunicación, las publicidades y el marketing atraviesan las relaciones entre las personas, las propias prácticas entre sujetos, sus modos de ser y estar con los otros asumen características “mediáticas”. El consumo configura a los propios sujetos y sus cuerpos quienes contraen relaciones inmediatas, superficiales y motivadas en una búsqueda común y al mismo tiempo individual de ir tras desafíos constantes. En este escenario, se incorporan técnicas y tecnologías de poder sutiles que tienen la capacidad de configurar sujetos capaces de responder a las exigencias de un modelo que requiere adaptabilidad, flexibilidad, velocidad y consumo constante. En palabras de Judith Butler: “El cuerpo es siempre apoyado (o no apoyado) por tecnologías, estructuras, instituciones, un conjunto de otros tanto personal como impersonalmente relacionados, por procesos orgánicos y vitales, por mencionar algunas de las condiciones de emergencia” (2015: 14). Los medios de comunicación, las publicidades y las redes sociales on line configuran un entramado de sentido que contiene y sostiene el ethos empresarial, impregnando asimismo cada una de las prácticas.

.....

*** Lorena Decca**

*Facultad de Ciencias Sociales. Facultad de Derecho y Ciencias Sociales. Universidad Nacional de Córdoba - ETS/UNC.
Córdoba, Argentina*

Resumen de ponencia

DE LA LIBERTADORES A LA SUDAMERICANA: 20 AÑOS DE AGUANTE Y FÚTBOL DE MERCADO EN CHILE (1991-2011). EXPERIENCIAS, DEBATES Y PROPUESTAS EN LAS HINCHADAS DE COLO COLO Y UNIVERSIDAD DE CHILE

*Felipe Leal Gonzalez

Sin duda que, no podemos desconocer la estrecha relación que existe entre el fútbol y la sociedad. Desde su aparición en las empresas británicas y su arribo a Sudamerica, el balompié se ha convertido, al parecer, en uno de los deportes más practicados del mundo. Su importancia demanda traer a la agenda pública y la academia sus debates y fenómenos que genera desde su espacio, la calle. En la actualidad, los escándalos financieros y relaciones del ente rector del fútbol internacional, la Fédération Internationale de Football Association FIFA, con grupos económicos del mundo ha instalado en el debate público el papel del mundo privado en el fútbol. Al parecer, las perspectivas de las organizaciones de hinchas de la región latinoamericana se enfocan al modelo administrativo de los clubes a través de empresas y grupos financieros. Sobre este contexto, en Chile, el modelo mencionado se manifiesta a través de las Sociedades Anónimas de Deporte Profesional (S.A.D.P.), y las organizaciones de hinchas han mantenido una confrontación constante con las gerencias de sus respectivos clubes desde que asumieron sus cargos, en los primeros años del 2000. Este proceso deviene y se enmarca en la década de los 90's, marcada por la transición pactada a la democracia, el amplio proceso globalizador y una marcada pasividad sobre la presencia de organizaciones sociales políticas. La época de postdictadura -o transición- y la consolidación del modelo neoliberal por parte de los gobiernos de Patricio Aylwin y Eduardo Frei, venían profundizando un sistema económico librecambista, con posibilidad de abrir todos los espacios a los capitales privados para la inversión de sus dineros -previsión, educación, salud, cultura, deportes, entre otros-. Con el fenómeno de la globalización, los medios de comunicación masificaron sus alcances de transmisión, y se instalaron como una útil herramienta de disciplinamiento social. La premisa exitosamente implementada respecto al consumo y su fácil acceso, y la resolución de necesidades sociales solo en el campo del mercado -la fluidez, permitió que la población, indistintamente de sus condiciones materiales, accediera a los artefactos y tecnologías que abrían la puerta a la mundialización del modelo en el siglo XXI. No se podía dejar al deporte más popular de Chile y que, al parecer, demostraba gran potencial de riquezas y ganancias, fuera de estas lógicas que de todos modos, venían apareciendo inevitablemente. En el fútbol se manifiesta a través de la creación de las S.A. En el año 2000, Sebastián Piñera -Senador en aquel entonces- presentó al parlamento la propuesta de autorización de ingreso y administración de clubes deportivos a las S.A.D.P. que, en perspectiva del parlamentario, cambiaría las formas de administrar los clubes, permitiendo más rentabilidad, estándares europeos

a nivel de fútbol y alza en el espectáculo deportivo.

En el ámbito deportivo, el fútbol chileno gozaba de tristezas y alegrías. El año 1989 la selección chilena fue sancionada de participar de los mundiales de Italia 90² y USA 94² por una simulación del portero Roberto Rojas de un corte en su cabeza en las eliminatorias el 89², en el estadio Maracana. Un bochornoso episodio para la Selección chilena. A nivel de clubes, el año 1989, la Universidad de Chile (los/as azules, chunchos, la U) pierde la máxima categoría en la liga y desciende a 2da división por vez única en su historia. Años más tarde, durante el 1991, el fútbol chileno celebró a ColoColo (los/as albos, el popular, cacique), quien alcanzó la gloria continental, dando la vuelta olímpica por la Copa Libertadores, la única del club y de la liga chilena.

En las tribunas también había movimiento. El año 89² surge una nueva organización social protagonizada por hinchas del club U. de Chile, surge la Barra de Los De Abajo -al parecer, a propósito del descenso de su club a 2da-. Inmediatamente, el año 90² surge la Garra Blanca, hinchada identificada con ColoColo. Esta década estuvo marcada por la aparición de organizaciones de hinchas de los clubes de fútbol, conocidos por la prensa como barras bravas, quienes tuvieron una fuerte aparición en los medios de comunicación, producto de la violencia presente en sus códigos colectivos exhibidos en los encuentros de sus respectivos clubes.

Luego de una difícil década en ColoColo, en relación a sus condiciones financieras, que comenzó con una crisis de salarios y siguió con el mantenimiento del Estadio Monumental -residencia del club-, concluyendo en la declaración de quiebra del Club en el 2001. Entre el año 2001 y el 2005 los/as albos hacen lo posible por sacar adelante su inmensa deuda y salir de la bancarrota, pero las estrategias adoptadas por los síndicos de quiebra que se hicieron cargo, desafilieron los espacios sociales del club como las escuelas barriales y sus filias deportivas -bajo la idea de que generaban gastos innecesarios-, deshaciéndose de lo más importante del club social, lo social. Finalmente, la crisis del club popular se resolvió con la llegada de la S.A. Blanco y Negro a la administración, tomando los bienes del club social por 30 años. De manera inesperada, el club albo alcanzó la gloria en el campeonato local durante 2006-2007, adjudicándose un tetracampeonato y una final de Sudamericana.

Por otro lado, Universidad de Chile pasaba por una crisis similar, pero a diferencias de ColoColo, la U no tenía club social, sino que a la Corporación de Fútbol Universidad de Chile CORFUCH. Con un poco de diferencia en el periodo, el año 2004 se corona la crisis de la institución con la renuncia de su dirigente René Orozco, quien venía dirigiendo el club desde el 1991. El año 2007, luego de una demanda del Estado, la CORFUCH congela todos sus bienes y queda en cese de acciones, decantando en el ingreso de Azul Azul S.A. como administradores de todas las propiedades del club. Luego de una debacle deportiva entre 2007-2010, el club recupera su categoría de club continental el 2011 al ser bicampeones del torneo local y campeones en la Copa Sudamericana, histórico para el club azul.

Todos los conflictos mencionados y los periodos de crisis producidos en la década de los 90² son los primeros problemas señalados por las hinchadas de cada club, reclamando trabas por parte del Estado e intervención de intereses empresariales para adjudicarse con la administración de cada uno. El histórico cantico de la Garra Blanca "Ohhhh, que se vayan todos, que no quede ni uno solo" ilustra a la perfección el sentir de la hinchada.

Por lo tanto, nuestra inquietud nace a partir de las discusiones de los/as hinchas, la

opinión de los que alientan a su club, la posición que han desarrollado las hinchadas de cada club respecto al modelo administrativo de sus casas deportivas. Si efectivamente existe una apropiación del espacio fútbol en la hinchada de un club, debiese existir una relación conflictiva entre las S.A. y las barras de hinchas. Nuestro interés busca traer a la palestra esas discusiones y posiciones, y si realmente logran tensionar o influir en las decisiones de su club. Entonces ¿Las organizaciones de hinchas de Colo Colo y Universidad de Chile han logrado tensionar el modelo administrativo de Sociedades Anónimas de sus clubes? Sostenemos que, a pesar de que existen propuestas emanadas desde ambas hinchadas, desde ColoColo la recuperación del Club social; desde la U la reinstalación de la CORFUCH (y ambas han mantenido una constante resistencia a las S.A.), ninguna de las organizaciones ha logrado tensionar o instalarse como actor válido dentro de su Club. El modelo de Sociedades Anónimas del deporte está inserto dentro de la lógica de la economía del libre mercado, por lo tanto, a primera vista las hinchadas han sido excluidas y marginadas de sus propios clubes, relegadas solo a las tribunas.

Para trabajar esta propuesta, hemos triangulado un debate teórico respecto a la producción de identidades al interior de las organizaciones, su papel en la sociedad y la relación fútbol/mercado en el contexto chileno; testimonios orales de hinchas integrantes de organizaciones de ambos clubes; y la revisión del diario chileno *La Nación* en el periodo mencionado. En síntesis general, la significación de los 20 años que hemos de recorrer, atraviesan dos formas de comprender y desarrollar el fútbol: la vuelta olímpica del club popular el 91^º por copa Libertadores significó la cima del fútbol social, con arraigo en los barrios de la capital chilena y sus hinchas. De manera opuesta, el campeonato obtenido por los/as azules en Copa Sudamericana el 2011, representó el éxito de una administración tecnocratizada, que convirtió al club chuncho en una empresa con consumidores y no con hinchas. Estos 20 años investigados enfrentan dos modelos deportivos en disputa, no solo en el fútbol sino que en otros espacios de la sociedad civil; el club social y la S.A. privada.

.....

* Felipe Leal Gonzalez

Universidad Diego Portales UDP. Santiago, Chile

Resumen de ponencia

DEPORTE Y EJERCICIO: UN ANÁLISIS DE LAS DESIGUALDADES SOCIALES DESDE UN ENFOQUE DE INTERSECCIONALIDAD

*Betina Freidin

*Matías Ballesteros

Las transformaciones sociales, económicas, tecnológicas y culturales de las últimas décadas han generado un descenso de las actividades físicas y un incremento del sedentarismo. Esto ha sido advertido por organismos internacionales, regionales y las autoridades sanitarias nacionales que promueven la realización de actividad física como parte de los hábitos de vida saludables. Desde distintas perspectivas sociológicas, así como desde la salud colectiva y la epidemiología social crítica se enfatiza que las posibilidades de desarrollar estilos de vida saludables en el espacio urbano, incluyendo el ejercicio físico y el deporte, están condicionadas por los modos de vida estructurados por las relaciones de clase, género y étnicas. A su vez, el lugar de residencia, condiciona el acceso diferencial a infraestructura y a políticas públicas que promueven la realización de actividades recreativas y deportivas.

Un extenso conjunto de estudios empíricos sobre los efectos de los determinantes sociales de la actividad física y el deporte, consideraron mayormente cada uno de manera independientemente de los otros. Más recientemente se ha abordado la problemática de su interseccionalidad en la producción de desigualdades sociales. En esta dirección, por ejemplo, estudios internacionales destacan que han disminuido las desigualdades de género en la realización de deporte en los sectores medios, mientras que continúan siendo muy intensas en la clase trabajadora, en particular si las mujeres tienen hijos. Ello se debe a que es frecuente que las mujeres con mayores desventajas estructurales cuenten con menos tiempo libre por la “doble jornada” (trabajo productivo y reproductivo) y/o por el poco dinero que disponen para destinar al ocio y a actividades recreativas.

En Argentina existen diversos antecedentes que han analizado las desigualdades sociales en la realización de deporte y ejercicio de forma cuantitativa. Se han realizado análisis bivariados, así como con modelos multivariados, señalando cómo distintos factores generan desigualdades en la práctica de actividades físicas. Sin embargo, no se ha avanzado en el análisis con modelos multivariados que incorporen la interseccionalidad de los determinantes sociales. En particular, para responder a preguntas tales como si las desigualdades de género o etarias se presentan de manera similar en las distintas clases sociales, o si estas se intensifican para determinadas posiciones sociales. Teniendo en cuenta los antecedentes internacionales una hipótesis de trabajo es que las desigualdades de género y etarias se incrementan entre los sectores peor posicionados en la estructura social. También nos preguntamos si son constantes las desigualdades de género en los distintos grupos etarios, una vez controlado el efecto de otro conjunto de variables como el ingreso y el nivel educativo.

En nuestra presentación avanzamos en el análisis de estas preguntas e hipótesis a partir de la información proporcionada por la Segunda Encuesta Nacional de Factores de Riesgo realizada en el 2009 en Argentina. La misma se basó en una muestra probabilística multietápica de la población residente en zonas urbanas del país. En nuestro caso, específicamente nos centramos en la pregunta sobre la realización de Actividad Física deportiva o para mejorar la condición física durante el último mes. Comenzamos realizando un análisis bivariado entre esa variable dependiente y un conjunto de variables independientes como sexo, grupo etario, nivel educativo, quintil de ingreso per cápita del hogar, hogar con Necesidades Básicas Insatisfechas, presencia de niños en el hogar y región de residencia. Luego continuamos con modelos multivariados, específicamente regresiones logísticas binarias paso por paso que incorporan las variables anteriores por bloque. Pero además, y para para poder responder a las preguntas sobre la interseccionalidad entre distintos determinantes sociales, incorporamos al interior de los modelos de regresiones logísticas binarias las interacciones de las distintas variables que tienen interés teórico.

.....

*** Betina Freidin**

*Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnica- CONICET e Instituto de Investigaciones Gino Germani (IIGG).
Buenos Aires, Argentina*

*** Matías Ballesteros**

*Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnica- CONICET e Instituto de Investigaciones Gino Germani (IIGG).
Buenos Aires, Argentina*

Resumen de ponencia

DEPORTE Y POLÍTICAS PÚBLICAS: TRAYECTORIAS SOCIALES DE LOS FUNCIONARIOS DE ESTADO. ARGENTINA 2007-2015

*Alejo Levoratti

En la Argentina a partir del año 1974 con la sanción de la 20.655 de “Promoción de las Actividades Deportivas en todo el País”, se establece la presencia dentro del Estado nacional de una agencia particular encargada de su direccionamiento y planificación de lo deportivo. Este organismo a lo largo de los años cambio su denominación y modalidad de inscribirse en la estructura estatal. Desde los años ´90 su denominación preponderante fue la de “Secretaria de deportes”. Con la asunción de la Doctora Cristina Fernández de Kirchner en diciembre de 2007, esta dependencia se inscribe dentro del Ministerio de Desarrollo Social de la Nación, continuando a cargo de la dependencia Claudio Morresi (es un ex futbolista y entrenador argentino, con activa participación en los organismos de Derechos Humanos. Se desempeñó como secretario de deportes de la nación entre 2004-2014) hasta el año 2014 cuando asume el ex atleta olímpico Carlos Espínola (es un ex regatista, ganador de cuatro medallas olímpicas entre los años 1996 y 2008 en yachting y dirigente político siendo intendente de la ciudad de Corrientes. Se desempeñó como secretario de deportes de la nación entre 2014-2015).

Durante estas gestiones se organizaron las políticas deportivas bajo tres denominaciones:

Deporte social “es la práctica de Actividad Física y Deportivas orientadas a la población en su conjunto, sin discriminación de edad, sexo, condición física, social, cultural o étnica, (2) generadora de situaciones de inclusión(2)” (MDS 2008: 11);

Desarrollo deportivo: “(2) Es un proceso en el que los deportistas pueden incluirse, participar y continuar con posibilidades de éxito el tránsito hacia el camino al rendimiento deportivo” (MDS 2008: 11); y por último

Deporte de Representación Nacional: “(2) actividad deportiva organizada, correspondiente al campo del Deporte Federado y de seleccionados nacionales(2)”. Cabe destacar que cada una de estas clasificaciones contó con un plan nacional, en

donde se incorporaron una serie de programas y proyectos que implementó la Secretaría. Esto implicó que actores con diferentes trayectorias y posicionando de modo desigual en el campo deportivo y de la política se inscribieran dentro de esta agencia Estatal. Los cuales disputarán por los recursos y la legitimidad de su propuesta política. Asimismo, la organización histórica de las prácticas deportivas implicó que algunas manifestaciones de este fenómeno se desarrollen inicialmente por fuera de la dimensión Estatal, lo cual implica hasta el día de hoy la necesidad de comprender esos procesos de circulación de actores que transitan y se legitiman por fuera del Estado y que direccionan las políticas deportivas.

Durante este período de ocho años, transitaban hacia dentro de este organismo

distintos funcionarios, inscriptos de modo particular entre el campo deportivo, el político, el académico. Es por ello que esta ponencia procura rearmar y analizar las trayectorias personales de los principales actores que participaron de las gestiones gubernamentales de las políticas deportivas nacional entre 2007-2015 en la Argentina. Para ello, se indagará en la circulación de actores entre diferentes espacios sociales, procurando comprender su inscripción hacia dentro de la esfera estatal. Para ello se estudiarán sus trayectorias personales, sus vinculaciones personales, políticas y académicas que promovieron su posicionamiento dentro de una agencia estatal como es el caso de la Secretaría de Deportes de la Nación.

Este trabajo privilegia el enfoque etnográfico al comprender las perspectivas situaciones de los actores. Se busca dialogar teórica-metodológicamente con los trabajos locales inscriptos dentro de los estudios sociales sobre el deporte y con aquellos que piensan al Estado y sus agentes. Para cumplimentar ello, se trabajarán con diferentes fuentes documentales institucionales: leyes, decretos del poder ejecutivo, resoluciones. Asimismo se analizarán las publicaciones institucionales y se realizarán entrevistas en profundidad a los ex funcionarios.

.....

*** Alejo Levoratti**

Instituto de Investigaciones en Humanidades y Ciencias Sociales. Universidad Nacional de La Plata - Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas - IdIHCS/UNLP-CONICET. La Plata, Argentina

Resumen de ponencia

DISEÑO SOCIO-ESTRATÉGICO DE LA RED DE INVESTIGADORES, SOBRE DEPORTE, CULTURA FÍSICA, OCIO Y RECREACIÓN

*Elizabeth De Alba Teniente

El deporte es un facilitador de procesos sociales que posibilitan muchos aspectos del desarrollo humano, su fuerza de transformación, genera de igual modo fenómenos socioculturales, que decantan en el fortalecimiento individual y colectivo.

El deporte es pasión, coraje, determinación y orden que presenta toda una manera de entender la diversión y la interacción social y las dinámicas de convivencia. El deporte como política de Estado, favorece la estructura social y el desarrollo y amplio crecimiento. El siguiente trabajo es la presentación de la Red de Investigadores sobre Deporte, Cultura, Física Ocio y Recreación, como organismo que agrupa el esfuerzo académico de investigación en torno a los temas citados. Se abordará el Diseño Socio-estratégico de la Red de Investigadores, sobre Deporte, Cultura Física, Ocio y Recreación desde el pensamiento organizacional y académico, así como sus aplicaciones en entornos sociales, y los estatutos que dan orden a este colectivo académico. La Red que en 2018, cumple 12 años celebra el trabajo de jóvenes académicos que han contemplado importante establecer una agenda de trabajo en torno al deporte en nuestros países de América Latina, para contribuir al desarrollo que todos deseamos obtener.

Redes Académicas de Investigación.

Es importante explicar la importancia de las redes académicas de investigación y sus propósitos, como colectivos generadores de encuentros y discusiones científicas capaces generar conocimiento.

Las redes académicas de investigación tienen la finalidad de establecer una comunicación que sea la posibilidad de gestión de proyectos encaminados a la investigación científica para generar nuevo conocimiento. La Red de Investigadores sobre Deporte Cultura Física, Ocio y Recreación busca innovar en los estudios sociales con el objetivo de lograr posicionar al tema en la agenda académica de Universidades, Centros de Investigación, Instituciones educativas etc. Para en un primer momento establecer estos temas como prioridad en el desarrollo y crecimiento social de nuestra Región. Por otra parte la REID-CFOR (Red de Investigadores sobre Deporte Cultura física, Ocio y Recreación) pretende funcionar como un sistema eficiente que establezca desde su Plan Estratégico, las bases operativas tanto de gestión, como de participación y producción. El conocimiento producido por el grupo de investigadores, será sin duda el sustrato que logre cimentar propuesta toda una epistemología del deporte, que derive en conocimiento capaz de articularse con las diferentes ciencias sociales y exactas, en beneficio de los objetivos de desarrollo de nuestros países de Iberoamérica.

El trabajo que se desarrolle se difundirá en espacios públicos que garanticen la

propuesta de transformación desde las leyes y las regulaciones deportivas. La REID-CFOR (Red de Investigadores en Deporte Cultura física, Ocio y Recreación) pretende establecer un marco para el diseño de políticas públicas o iniciativas de gobierno que impacten en beneficios sociales. México y los países de Iberoamérica, viven un momento histórico en el que de manera coyuntural se requiere que diversas instancias de organismos públicos y privados, acierten a colaborar en cambios capaces de establecer las rutas hacia la mejor calidad de vida, la educación y el desarrollo humano y sus esfuerzos no deben de ser aislados. Compartimos toda una lógica cultural que nos identifica y podemos desde nuestras diferencias plantear, alternativas que les sean útiles al resto.

El deporte logra favorecer muchas de las líneas de crecimiento a lo largo de la vida, otorga un sentido a quien lo integra y propicia transformaciones, capaces de dinamizar el entorno social desde la participación, Los torneos deportivos en los que intervienen diferentes países son en su mayoría ejemplos de solidaridad, cooperación, identidad y hermandad en los que destaca la voluntad por ser mejor.

La creación de una red de investigadores es una alternativa innovadora, pues a través de ella se consolida el sentido del grupo y de la comunidad que desde sus esfuerzos integra ante todo un ejercicio de diversidad.

En este sentido y reconociendo la trascendencia de la participación de los miembros de la comunidad de investigadores, el trabajo activo será el reflejo de las principales estrategias, puestas en marcha para la colaboración. La difusión del conocimiento a través de las publicaciones de los avances o resultados de las investigaciones será otro de los elementos que logren el crecimiento como un colectivo científico social.

I. Antecedentes

La REID-CFOR (Red de Investigadores en Deporte Cultura física, Ocio y Recreación) nace en el año 2006 por iniciativa de Samuel Martínez, Roger Magazine, Andrés Fábregas y Jesús Galindo con el apoyo institucional de la Universidad Iberoamericana (MEX)

Su objetivo en ese tiempo fue reunir a la comunidad de investigadores en el ámbito del deporte para aportar conocimiento desde sus áreas de investigación, trabajo, academia y profesional. Desde ese momento se logró organizar en distintos foros y espacios a un nutrido grupo de investigadores de diversas universidades del país entre las que destacan la Universidad de Colima, la Universidad Intercultural de Chiapas, la Universidad Autónoma del Estado de México, Universidad de Sonora, la Universidad Autónoma de Querétaro, la Universidad de Guanajuato, la Universidad Cristóbal Colón de Veracruz, la Universidad Autónoma de Yucatán, Universidad Nacional Autónoma de México, la Universidad Autónoma de Baja California, la Universidad de Zacatecas, la Universidad Anáhuac, la Universidad de Occidente de Sinaloa, la Universidad Autónoma de San Luis Potosí,

Posteriormente se anexó el CIIO Centro Integral de Investigaciones para el Ocio y la Recreación dirigido por el académico Ricardo Peralta este centro opera en San Luis Potosí y Oaxaca. Desde sus primeros años y hasta la fecha este colectivo, ha organizado congresos, foros y espacios de intercambio académico y su trabajo logra concretarse en publicaciones destacadas incluso a nivel internacional.

La REID-CFOR (Red de Investigadores en Deporte Cultura física, Ocio y Recreación) es una realidad y ahora más que nunca, se encuentra con la oportunidad de prevalecer en las políticas nacionales a través de la transversalidad e injerencia dentro de los

sistemas más complejos de la sociedad mexicana por que el deporte, la cultura física, el ocio y la recreación son parte de un todo que dinamiza a las comunidades y sus instituciones.

II. Plan Estratégico 2018-2020

Misión

Consolidar una comunidad académica y científica internacional que aporte conocimiento sobre los estudios sociales del deporte, para generar intervención y gestión en organismos públicos y privados capaces de incidir en las decisiones y políticas que favorezcan el deporte. Establecer con ello lazos de colaboración con las diferentes instancias involucradas en el deporte.

Visión

Ser la organización que represente a los investigadores nacionales e internacionales a través de su aportación en investigación para la formación del deporte profesional.

Objetivo General

Alcanzar un alto grado de reconocimiento a nivel nacional e internacional en donde prevalezca la Misión y los Valores de La Red.

Ejes y su transversalidad

1. Investigación y Desarrollo.
2. Gestión de relaciones hacia el desarrollo social y al deporte.
3. Evolución de la política deportiva.
4. Trabajo académico.

Objetivos específicos

- ☐ Gestionar vinculación con las diversas instancias involucradas en el deporte
- ☐ Formar subgrupos de trabajo de cada una de las líneas de investigación
- ☐ Realizar producción académica relevante a nivel internacional

Por otra parte se desarrollará un trabajo estratégico por tiempos que establezca acciones concretas, en tiempos concretos.

Corto Plazo (de 3 meses a 1 año)

- ☐ Posicionar a la red: mediante acciones concretas de presencia institucional, mediática y organizacional.
- ☐ Difusión acciones: a través de boletines de prensa, correos a afiliados, en redes sociales y sitios institucionales.
- ☐

Mediano Plazo (de 1 año a 2 años)

- ☐ Tener publicaciones en revistas indexadas.
- ☐ Publicación de libros especializados.
- ☐ Formación de un catálogo de investigaciones.
- ☐ Haber realizado una serie de convenios y alianzas estratégicas bajo las normas y regulaciones vigentes.

Largo Plazo (de 2 años a 4 años)

- ☐ Presencia en empresas e instituciones educativas públicas y privadas.
- ☐ Participación en las políticas públicas en Deporte, Cultura Física, Ocio y Recreación

III. Líneas de Investigación

El deporte por otra parte se convierte en una esperanza y junto con las artes y las

actividades recreativas y de ocio contribuyen al florecimiento de las mejores actitudes humanas. En épocas de crisis en las que lo banal, lo frívolo y lo efímero, ocupan las mentes de muchos, la música, el deporte y las actividades recreativas contribuyen de manera sustancial a la formación de espacios en los que las personas logran establecer lazos, comparten y aprenden de la otredad para reconocer en la diferencia las fortalezas y oportunidad en ellos mismos. En el colectivo, forman organizaciones, crecen en capacidades, auto regulación y confianza y logran incidir en otros grupos sociales que sin duda los observan con asombro, ante el incesante cambio y la permanente transformación social, bajo esta lógica la REID-CFOR (Red de Investigadores en Deporte Cultura física, Ocio y Recreación) establece las siguientes líneas de investigación:

- a) Estudios Sociales del Deporte (Antropológicos, Comunicológicos, Psicológicos, Sociológicos, en Derecho, Derecho Internacional, Ciencias Políticas, Educativos, estudios mixtos)
- b) Estudios de Género
- c) Ocio y Recreación (literatura, artes, videojuegos, música)
- d) Educación Física y Cultura Física (Fisiología de deporte, Biomecánica, bioquímica del deporte, entrenamiento de alto rendimiento, deporte recreativo)
- e) Periodismo Deportivo (Cobertura, demanda, eventos deportivos)
- f) Industr

.....

* Elizabeth De Alba Teniente

Universidad De La Salle Bajío - UDSB. León, México

Resumen de ponencia

EL CICLISMO DE RUTA EN COLOMBIA COMO FENÓMENO SOCIOCULTURAL Y CONSTRUCTOR DE SENTIDOS.

*Leidy Liliana Burbano Galeano

Desde la fenomenología del deporte, la importancia del ciclismo de ruta en Colombia como fenómeno sociocultural y constructor de sentidos radica en el reconocimiento de la experiencia del cuerpo como un territorio tejido por varios sentidos (cuerpo vivido-corporeidad). Desde la mirada personal de cada deportista, hay un mundo imaginativo como proceso mental que ayuda a construir una realidad, de tal manera que la voluntad se convierte en el motor que activa cada uno de los procesos inherentes al sacrificio, monotonía, agotamiento, lesiones, dolor, perseverancia y el hacer obsesivo de este deporte construyen historias de vida marcadas por esta práctica deportiva.

La relevancia de la propuesta se fundamenta en visibilizar, por una parte, la ritualización, las prácticas cotidianas y los imaginarios que cada ciclista crea y que los medios de comunicación masivos desconocen, por otra, se busca dar a conocer a aquellos ciclistas colombianos que fueron historia y que en el momento se encuentran olvidados, hablando específicamente de aquellos que representaron a Colombia en el siglo pasado, y de igual manera, comprende que detrás de cada ciclista hay diferentes historias de vida que invitan a ser constructoras de significados y que promueven la posibilidad de convertirse en parte de un fenómeno sociocultural como lo es el ciclismo de ruta.

La investigación enmarcada en el deporte desde una perspectiva sociocultural es entendida como una investigación emergente, donde las experiencias, los significados y los sentidos se construyen a partir de las prácticas corporales y sus relaciones con el entorno, por lo tanto, este tipo de estudios generan innovación en temas de subjetividad, cuerpo, corporalidad, entre otros, que emergen como necesidad de aporte académico actual a la educación física y el deporte en tanto que las recientes tendencias, aunado a las necesidades de los contextos y los diferentes campos de acción del educador físico, vienen incorporando estos debates como diálogo con otras disciplinas provocando así un ejercicio interdisciplinario.

Lo anterior, como una representación del ciclismo de ruta como un fenómeno sociocultural y constructor de sentidos, en tanto que este deporte constituye, como reflejo social, una manifestación ritual y simbólica, viendo así los rituales como disipadores de conflictos sociales y encuentra en los símbolos rituales una polaridad de sentido que favorece la implicación afectiva de los individuos en el proyecto comunitario, como sucede hoy en los deportes de sacrificio” (Cachán, 2013, p.9) la construcción social y los sentidos que estas memorias del ciclismo han hecho de su práctica, permiten abordarlo como uno de estos deportes. Detrás de cada uno de los

campeones y estrellas latinoamericanas existe una historia que se puede abordar desde lo axiológico, político, religioso, social y cultural, donde lo simbólico desde sus rituales producto de su cultura y creencias ayuden a entender el ser humano que hay sobre una bicicleta y conocer que el fenómeno de las bielas y anteriormente el caballito de acero, no es porque Nairo Quintana apareció sino que la bicicleta fue y siguen siendo parte de nuestra cultura sobre todo para quienes nacen y crecen en el sector rural. Por lo tanto, es necesario revelar la práctica deportiva de sacrificio del ciclismo de ruta como una realidad social y como proyecto de vida para que, junto a la enorme aceptación, difusión y crecimiento de este deporte, “se considere como una de las más importantes nuevas realidades "morales" en cuanto a significación deportiva. El deporte ha pasado de ser un mero ejercicio físico saludable o espectáculo competitivo, a ser un ritual social y lúdico casi de obligado cumplimiento” (Antolín, 2009, s/p).

Al respecto, es pertinente mirar las historias que se tejen alrededor del ciclismo de ruta en Colombia, no desde lo estadístico basado en kilómetros, pruebas competidas o títulos ganados, sino desde las construcciones simbólicas, representaciones, manifestaciones, prácticas, sentidos y significados que emergen de un conjunto de experiencias que acompañan el día a día de un campeón que vivió el deporte en el país.

.....

* Leidy Liliana Burbano Galeano

Institución Universitaria CESMAG IU CESMAG. Pasto, Colombia

Resumen de ponencia

EL FALSO DILEMA DE LOS VISITANTES: DE LA PROHIBICIÓN DEL PÚBLICO VISITANTE AL “PROGRAMA DE RETORNO DEL PÚBLICO VISITANTE Y SEGURIDAD EN LOS ESTADIOS”.

*Sebastian Gabriel Rosa

En esta ponencia proponemos un estudio de las políticas de seguridad del Estado argentino en los últimos diez años. Entendemos que la problemática de la seguridad y las violencias en el fútbol argentino se han consolidado como problema público en nuestro país. Ese proceso se dio de la mano con una mayor estatización del gobierno de la seguridad, a partir de legislación específica sobre violencia y seguridad en el deporte, desde los años ochenta y hasta la actualidad. A partir de ello, la regulación de las violencias o la incapacidad para prevenirlas han sido expuestas como una mercancía política con impacto a nivel nacional, llegando a cobrar gran relevancia en las elecciones presidenciales de 2015, en las que fue uno de los ejes del debate público previo a los comicios en uno de los programas de televisión de mayor rating de nuestro país. En ese contexto, los tres principales candidatos a la presidencia se pronunciaron abiertamente sobre las elecciones que tendrían lugar en la Asociación del Fútbol Argentino (AFA) y apoyaron públicamente a uno de los candidatos y conductor de dicho programa televisivo.

Es en ese marco que realizamos un análisis de la principal política pública en seguridad en el fútbol argentino: la prohibición del público visitante. Esta medida, dispuesta por primera vez en el año 2007 para las categorías del ascenso argentino y desde 2013 en todas las categorías del fútbol profesional, se erige como un eje central en la organización de la seguridad en los estadios por parte del Estado y de la AFA. Horarios de los partidos, distribución de los ingresos y egresos a los estadios, regulaciones de seguridad, cantidad de efectivos policiales, cantidad de público permitido, habilitación de estadios y tribunas, todo está ordenado en torno a la presencia de una sola parcialidad, la del equipo local. Para entender el proceso de instauración de esta lógica realizamos una reconstrucción de la historia la prohibición de hinchas visitantes, centrando la mirada en aquellos actores que participaron en su instauración y consolidación. En ese análisis buscamos comprender cómo pasó de ser una propuesta temporal a establecerse como una estructura central en la organización del fútbol argentino. Como veremos, los discursos que anunciaban la prohibición proponían una medida transitoria que garantizara la seguridad, facilitando la tarea de las fuerzas de seguridad. Mientras tanto, se prepararía un plan a largo plazo para adaptar los estadios a las condiciones necesarias para brindar esas garantías. Sin embargo, a pesar de la sofisticación de los dispositivos de seguridad y del desarrollo de nuevas tecnologías, la prohibición se ha extendido tanto en el tiempo como en su alcance. A comienzos del año 2018, Claudio “Chiqui” Tapia, presidente de la AFA, presentó el

nuevo “Programa de retorno del público visitante y seguridad en los estadios”. Al mismo tiempo, el Ministerio de Seguridad de la Nación anunciaba nuevas medidas con la perspectiva de lograr el dar fin a la prohibición. Este nuevo intento de retorno de las hinchadas visitantes es el producto de acuerdos entre la entidad rectora del fútbol y el gobierno nacional. Es por eso que proponemos un análisis de este proyecto en vínculo con las políticas de seguridad en el gobierno de Mauricio Macri a partir de su relación con la historia de la prohibición del público visitante y con los elementos centrales a partir de los que el gobierno de Cambiemos busca mejorar la seguridad en los estadios. Para ello, retomaremos cambios y continuidades en las políticas de seguridad en relación a los gobiernos que establecieron y mantuvieron la prohibición desde sus comienzos: el Frente Para la Victoria desde 2007 hasta 2015 y la Alianza Cambiemos, desde fin de 2015 hasta la actualidad. Siendo la esta medida un elemento clave tanto por su centralidad como por los debates que generó y las promesas e intentos fallidos de darle fin y volver a permitir el acceso de la parcialidad visitante a los estadios, buscamos con este trabajo aportar al estudio y la comprensión del gobierno de la seguridad y la regulación de las violencias en el fútbol argentino. Lo hacemos con la perspectiva de conocer para transformar, y contribuir en la planificación de la prevención de las violencias, para no tener que seguir lamentando muertes en nuestro fútbol.

.....

* Sebastian Gabriel Rosa

Facultad de Humanidades Y Ciencias de la Educación, Universidad Nacional de La Plata FaHCE / UNLP. La Plata, Argentina

Resumen de ponencia

FOUCAULT EN EL BOX: UNA APROXIMACIÓN BIOPOLÍTICA AL DISPOSITIVO “FITNESS” Y AL “CROSSFIT” COMO DISCIPLINA

*Camilo Ramírez

Resumen (mínimo 4000 caracteres con espacios, próximadamente 1 página / máximo 10000 caracteres con espacios, aproximadamente 2 páginas y media).

Deleuze hacia fines de los 80 dijo: “Estamos al principio de algo”, en “Posdata sobre las sociedades de control” (Deleuze, 1991). Por ese entonces Deleuze comenzaba a esbozar los primeros elementos o indicios de ese principio, un término, o al menos, un pronunciado declive: el de los mecanismos disciplinarios que habían tenido su auge en el siglo XIX y las primeras décadas del XX. Deleuze enumeró algunos síntomas de este inicio o término de un pasaje a un nuevo tipo de sociedad que llamó ya no “disciplinaria”, sino “de control”, en atención al importante peso que tenían en esa transición la teoría cibernética así como las máquinas y los procesos derivados de ella. Los síntomas de que incluían este paso a otra sociedad en primer lugar incluiría la renovación del parque tecnológico; el segundo síntoma es, consecuencia del primero: las tecnologías de la comunicación y la información dotaban al poder de capacidad de actuar a distancia; un tercer elemento es que a diferencia de la sociedad de disciplinas, en la sociedad de control el encierro estable o las tendencialmente homogeneizante, dejan paso a las modulaciones desterritorializadas; finalmente, otro elemento diferenciador es la moral de la época. En las sociedades de control, asentadas ya en una racionalidad política neoliberal, la moral dominante es estar comunicado. Y esto, para poder tomar la mejor decisión, en un marco en el cual Estado y mercado ofrecen a los distintos grupos o targets distintos tipos de servicios para atravesar situaciones de riesgo que se perciben (y se difunden) como sustancialmente ineliminables. El sujeto se presenta acá como un ciudadano-consumidor que tiene por lógica elegir de manera racional y constantemente activa entre toda la oferta de servicios, aquellos que más le convienen. No es solo acumular datos, sino enviarlos y recibirlos en todo momento y lugar, pero para aplicarlos según necesidades específicas y situadas. En el marco de contextos sociales que van cambiando sus lógicas de control sobre el cuerpo, la sociedad de control opera bajo nuevos dispositivos, diferentes a los que se aplicaban en una sociedad de control. Es posible en este caso hablar de que los dispositivos anteriores han quedado obsoletos. La presente ponencia tiene dos objetivos principales: en una primera instancia introducir estos nuevos dispositivos, específicamente la noción de “Fitness” y la forma de entender el cuerpo moderno a partir de un nuevo imperativo que se da en la temporalidad presente: el imperativo “vida saludable”, el cuales se encuentra atravesado por diferentes dispositivos como son los: dispositivo Biotecnológicos, Sanitarios, y el Fitness.

Para poder realizar esto se realizará una breve mirada desde la biopolítica foucaultiana, con la intención de proponer un nuevo “dispositivo” (desde la definición

de Agamben) que rige el cuerpo moderno, entendiéndolo desde un imperativo cultural abarcado desde las áreas personales hasta las sociales, por una construcción biológica y estética con el objetivo de ajustar los cuerpos al régimen del trabajo inmaterial. Este dispositivo produce como resultado el cuerpo modelado, el cuerpo en forma. En asociación con el imperativo de la vida saludable, ajustan el cuerpo según el triple objetivo de mejorar e intensificar la vida, embellecer y estilizar el cuerpo, e incrementar las potencias del cuerpo en cuanto capital humano

Para poder ejemplificar esto, el segundo objetivo que compone esta presentación, tiene relación con una de las nuevas prácticas deportivas ligadas al mercado como es el entrenamiento funcional bajo el nombre -o marca- “Crossfit”, ya que es por medio de esta actividad deportiva que se busca entrar a revisar un de los conceptos de los trabajos de Foucault: el concepto de disciplina, el cual será abordado a partir de la práctica misma y de los diferentes elementos del Crossfit, con el objetivo de vislumbrar su pertinencia -o no- para con el dispositivo “Fitness”. Es por esto que primeramente se entregaran los elementos descriptivos de este, para luego ir entrando en las diferentes acciones y elementos que lo componen con el objetivo de poder identificar los diferentes elementos constitutivos de un dispositivo y que se anclan de manera natural en la práctica deportiva propuesta por la modernidad actual.

.....

* Camilo Ramírez

Centro de Estudios Socioculturales del Deporte CESDE. Valparaíso, Chile

Resumen de ponencia

FÚTBOL Y ECONOMÍA POLÍTICA INTERNACIONAL: REPRODUCCIÓN DE LA COLONIALIDAD EN EL PERSPECTIVA DEL SISTEMA-MUNDO MODERNO EN LA COPA MUNDIAL DE CLUBES DE LA FIFA (2005-2017)

*Juliano Oliveira Pizarro

En un mundo globalizado, raíces del colonialismo de algunos siglos todavía permanecen vivas en la sociedad, lo que justifica estudiar el poscolonialismo como perspectiva intelectual, entendiendo éste como la continuidad del colonialismo en los días de hoy y en las diversas dimensiones de la vida social: en el punto de vista política, pero también desde el punto de vista económico, cultural y, consecuentemente, desde el punto de vista epistemológico, de forma intrínseca, llamada de colonialismo interno. A partir de eso, también surgen los estudios decolonios, que buscan acabar con formas coloniales de pensamiento, principalmente en la versión eurocentrista. En suma, la perspectiva post-colonialista, tiene por objeto romper la epistemología del conocimiento creada y reproducida a lo largo de los siglos.

La marca del mundo moderno es la imaginación de sus beneficios y su refutación por los oprimidos. La explotación y la negativa a aceptar la explotación como inevitables o justas constituye la perenne antinomia de la era moderna, unidas en una dialéctica, que está lejos de alcanzar su culminación en el siglo XX. La Perspectiva o Análisis de los Sistemas-Mundo, analiza la formación del capitalismo en los últimos cinco siglos como un sistema de alcance global y que tiene sus expresiones en las esferas económica, política, social y cultural. Según Wallerstein, a lo largo de la formación de ese sistema, hubo cambios en los centros hegemónicos del capitalismo, pero preservándose posiciones centrales y periféricas. Ante todo, el sistema siempre ha sido una economía-mundo basada en intercambios desiguales.

Para comprender este mecanismo se observa la propia estructura de la economía-mundo, en la división entre el espacio de la economía (una división social mundial del trabajo en nombre de la acumulación incesante de capital) y el espacio de la política (organizado en torno a Estados, que con responsabilidad autónoma por decisiones políticas). En una búsqueda incesante por mano de obra más barata y mayores ganancias, el sistema-mundo moderno avanzó por todo el mundo y alcanzó prácticamente todas las esferas de la vida social. El fútbol no quedó fuera: se convirtió en un espacio de acumulación de capital y una actividad global.

En esta perspectiva, la investigación tiene el propósito de identificar cómo ocurre la concentración del capital, analizando las dinámicas del sistema-mundo y la transformación del jugador en mercancía, principalmente el flujo de transferencia de jugadores de los países periféricos a los países del centro global, lógica colonial. Así, el estudio pretende contribuir al entendimiento de la globalización en el fútbol, abordando aspectos contemporáneos para entender la espacialización del fenómeno

alrededor del mundo, basado en la teoría del sistema-mundo moderno, observando el flujo de atletas en las Copas del Mundo de Clubes de fútbol masculino entre los años 2005-2017.

El carácter de difusión del deporte, principalmente a través del transnacionalismo que el fútbol trae consigo, en especial con la globalización, evidencia un cambio de paradigmas en el actual sistema-mundo, en que cada año se pasa a tener la transferencia de buenos jugadores a determinados países de la periferia hacia el centro. El fútbol cambió y se desarrolló durante los años ante las transformaciones vivenciadas en el modo de producción capitalista, con varios factores alrededor de la industria del espectáculo.

Junto con la economía política en la transferencia de atletas, se puede citar al comercio de materiales deportivos, propagandas en uniformes, derechos de transmisión, entre otras formas de acumulación de capital. Todos estos objetos citados son pasibles de investigación académica, donde se traerá más evidencias a través de investigaciones científicas que van a corroborar con los datos recogidos hasta aquí.

Todo esto origina nuevas formas de mercantilización a partir de uno de los instrumentos de mantenimiento del capital, la Industria Cultural. Sin embargo, por más que el peso político-económico exista, el fútbol es un campo de conflictos simbólicos y de expresión transcultural, siendo un importante objeto de estudios para las Ciencias Humanas y Sociales.

.....

*** Juliano Oliveira Pizarro**

Universidade Federal de Santa Catarina - PPG Interdisciplinar em Ciências Humanas UFSC. Florianópolis, Brasil

Resumen de ponencia

FÚTBOL: CONSTRUCCIÓN DE SUEÑOS Y EXPROPIACIÓN DE CUERPOS. UNA APROXIMACIÓN ETNOGRÁFICA AL DISPOSITIVO INSTITUCIONAL DE PRODUCCIÓN Y REGULACIÓN DE SUBJETIVIDADES

*Debora Majul

Si bien los deportes, y en particular el fútbol, específicamente por su popularidad a nivel mundial, han sido objeto de interés e indagación para las narrativas culturales, para el discurso periodístico y en los últimos 20 años para las ciencias sociales, en nuestra región, especialmente la antropología y la sociología latinoamericana, hoy, a raíz de las evidencias que revelaron la situación que atraviesan jóvenes de diferentes instituciones deportivas en nuestro país, somos convocados como profesionales a interrogarnos por este sistema extractivo que, atravesado por la expansión global del capital, construye un relato de captación, promesa de trabajo y salvación económica, nombrado como “el sueño de ser futbolista profesional”.

A partir de la experiencia empírica desarrollada en el albergue del club Instituto de la ciudad de Córdoba, en el marco de la tesis de Maestría en Intervención e Investigación Psicosocial, surgió un abanico diverso y multifacético de interrogantes, inabordables en este contexto, pero que configuran un amplio espectro de investigación posibles. A través de un enfoque etnográfico, con la intención de construir herramientas conceptuales de análisis en el contexto mismo donde se desarrolla esta práctica, la presente ponencia intenta rastrear aquellos dispositivos institucionales que producen, regulan y administran subjetividades atravesadas por la expansión global del capital. De esta manera, fue posible rastrear aquellas tramas de poder institucional que modelan la experiencia futbolística de los jóvenes que transitan por ella. Es en dicho marco, que la existencia del relato sobre cumplir “el sueño de ser futbolista profesional” ordena las narrativas que impone a los sujetos funcionar de acuerdo con las reglas de juego que sanciona el mercado. Asimismo, al interior de las instituciones, estas narrativas operan como políticas corporales a partir de la exigencia de rendimiento, entrega y sacrificio, modelando sensibilidades que coagulan cualquier acción disruptiva. Esto implica que los sentidos de excepcionalidad, que los jóvenes construyen de sí mismos como jugadores, al ingresar a la institución deportiva, quedan sepultados tras los requerimientos de eficacia y de flexibilidad que la institución impone, construyendo de esta manera un discurso de agradecimiento, que se presenta vulnerando sujetos y a través de relaciones de poder, como un modo económico de garantizar la reproducción de orden instaurado en el club como espacio social. Por lo anteriormente expresado, nos convoca la necesidad de revisar y utilizar como herramientas a la hora de trabajar, investigar e intervenir en los contextos deportivos, las reglamentaciones que hacen a los derechos del niño y el adolescente, como las normativas sobre trabajo infantil y aquella que considera la Trata con fines de

explotación laboral. Por ello es preciso abordar reflexivamente el fútbol, de manera macro, en tanto estrategia de supervivencia, para comprender los mecanismos y dispositivos que se hayan implicados en su ejercicio. Esto nos permitirá ampliar la mirada, ya que no se puede desconocer que el fútbol con propósitos laborales está íntimamente vinculado a las transformaciones económicas y políticas originadas en los cambios del sistema capitalista a nivel global, y a la consolidación de regímenes neoliberales. Esta ideología pregonó el libre mercado como el principal regulador de las sociedades, corriendo y limitando al Estado en su función de garante de derechos de los ciudadanos.

En este sentido, en el marco de un libre mercado, que ofrece igualdad de oportunidades a todas las personas, se invisibiliza que la circulación por los diversos ámbitos laborales se realiza en condiciones de desigualdad. Situación que crea el terreno propicio para la legitimación de la explotación y sostenimiento de las inequidades, en el país. En esta línea, es imprescindible reconocer que no todos los sujetos que acceden a este sistema deportivo tienen las mismas condiciones para elegir libre y autónomamente, lo que facilita el aprovechamiento de su condición de vulnerabilidad, en pos del beneficio económico de las instituciones. Y, por otro lado, la legitimación de la explotación de los cuerpos y de las habilidades, entendidas como fuerza productiva, invisibiliza la problemática de precarización laboral del deporte como un sistema extractivo a nivel mundial.

.....

*** Debora Majul**

FACULTAD DE PSICOLOGÍA UNIVERSIDAD NACIONAL DE CORDOBA UNC. CORDOBA, Argentina

Resumen de ponencia

FUTEBOL COMO FERRAMENTA E ESTRATÉGIA DE(S)COLONIAL: CONTRIBUIÇÕES "OUTRAS"

*Cristiane Feldmann Dutra

*João Alberto Steffen Munsberg

*Otávio Nogueira Balzano

FUTEBOL COMO FERRAMENTA E ESTRATÉGIA DE(S)COLONIAL: CONTRIBUIÇÕES "OUTRAS"

Pré-jogo

Este trabalho tem como objetivo demonstrar que o futebol, o esporte mais praticado no mundo, apesar da ocorrência de atitudes preconceituosas (racismo, xenofobia, homofobia, sexismo) e de seguir a lógica colonial capitalista, é uma ferramenta importante no processo descolonial, exatamente por ajudar a combater essas atitudes preconceituosas. Além disso, quebra a tradicional divisão periferia-centro do sistema-mundo moderno, conceito cunhado por Immanuel Wallerstein (2005).

Em termos metodológicos, trata-se de estudo de cunho bibliográfico exploratório, apresentando a discussão do tema o futebol como ferramenta descolonial, tendo como exemplo processos descoloniais e o empoderamento dos dois principais clubes de futebol da cidade de Porto Alegre.

Como suporte teórico para esta reflexão, utilizam-se pressupostos de pesquisadores que propõem um pensamento outro, um modo outro de pensar. Em um mundo globalizado, raízes do colonialismo ainda permanecem vivas na sociedade. Mesmo após o processo de emancipação política, as marcas da colonização persistem e ainda se reproduzem.

Em 1989 o sociólogo peruano Anibal Quijano lançou o conceito colonialidade do poder para referir-se a essa situação. Segundo ele, essa seria uma estrutura de dominação que submeteu a América Latina, a África e a Ásia, a partir da conquista europeia. O termo faz alusão à invasão do imaginário do outro, ou seja, sua ocidentalização. Dessa forma, segundo o autor, o colonizador destrói o imaginário do outro, invisibilizando-o e subalternizando-o, enquanto reafirma o próprio imaginário. A colonialidade do poder reprime os modos de produção de conhecimento, os saberes, o mundo simbólico, as imagens do colonizado e impõe novos (QUIJANO, 2005).

Buscando criticar essa lógica, surgem os estudos descoloniais. Um conceito se destaca nesse processo: diferença colonial. Segundo Mignolo (2003), diferença colonial é entendida como pensar a partir das ruínas, das experiências e das margens criadas pela colonialidade do poder na estruturação do mundo moderno/colonial, como forma não de restituir conhecimento, mas de reconhecer conhecimentos "outros" em um horizonte epistemológico transmoderno, ou seja, construído a partir de formas de ser, pensar e conhecer diferentes da modernidade europeia, porém em diálogo com esta. Para Mignolo (2010), o pensamento decolonial consiste numa forma de "desobediência e reconstrução epistêmica", um meio de eliminar a tendência

provincial para fingir que os modos de pensar da Europa Ocidental são de fato universais, buscando a libertação social em relação a todas as formas de desigualdade, discriminação, exploração e dominação. Nesse sentido, buscaram-se mecanismos, dentro da modernidade, que possuam um potencial de contribuir nesse processo de descolonialidade.

Para Pizarro (2014), o esporte é um desses mecanismos, principalmente o futebol, pois possui esse caráter “democrático”, tendo em vista ser praticado em diversos lugares do mundo e assistido por pessoas de todas as “raças e classes sociais”. Segundo o autor, o futebol, por si só, já possui, para os sul-americanos, um sentimento descolonial, do “sul global” se tornar “norte global” devido à força de suas seleções e de seus clubes em âmbito mundial. Isso pode ser considerado um fato de alta relevância no processo de descolonização e, inclusive, na própria autoestima de povos da América Latina, quebrando paradigmas impostos dentro do sistema-mundo moderno.

Pizarro (2014) destaca outro aspecto relevante: a Europa e a América do Sul constituem-se nos grandes centros futebolísticos, concentrando os grandes clubes e seleções, apesar das diferenças econômicas existentes entre esses continentes, o que implica hegemonia eurocêntrica.

Bola rolando: ações de jogo justo

Abordam-se, aqui, exemplos de ações descolonizadoras ocorridas no campo do futebol no Brasil. Essas ações podem ser entendidas, no mundo futebolístico, como atitudes de jogo limpo, jogo justo, combatendo as discriminações.

O primeiro movimento de combate ao racismo que se tem notícia no futebol brasileiro foi, segundo Jesus (2001), a criação da “Liga das Canelas Pretas”, em 1910 no Rio Grande do Sul. Essa liga foi formada por negros e mulatos, com intenção de combate à discriminação racial orquestrada pela elite branca da época. Nesse sentido, uma ação importante foi tomada pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro (clube de elite) na década de 20 do século passado. O clube colocou em seus quadros jogadores negros e mulatos, dando os primeiros passos para a profissionalização no futebol brasileiro (RODRIGUES FILHO, 2003).

Em termos políticos, a “democracia corintiana”, em plena ditadura militar nos anos 1980, foi um movimento relevante para um pensamento “outro” no futebol, dando voz a todos no clube. O movimento também teve grande influência no processo de retomada da democracia no Brasil, através da campanha das “DIRETAS JÁ!”.

O Grêmio FBPA, criado em 1903, em Porto Alegre, está diretamente associado à poderosa comunidade germânica local, caracterizando-se no meio popular como clube elitista e racista (JESUS, 2005). As primeiras ações contra o suposto racismo começaram em 1952, com a inclusão oficialmente na sua equipe de atletas afro-brasileiros, no caso o jogador “Tesourinha”. Em 1954, o novo hino do clube, de autoria de um negro, Lupicínio Rodrigues, ratifica o projeto de uma nova identidade clubista. Outra ação importante e inédita em relação ao combate à homofobia nos estádios de futebol, foi a criação da torcida Coligay, vinculada ao Grêmio FBPA. Essa torcida desafiou a cultura machista instalada no “mundo do futebol”. Por fim, em 2014, o Grêmio se posicionou fortemente contra o racismo, lançando a websérie “Somos Azuis, Pretos e Brancos” (GERCHMANN, 2014; 2015).

O outro principal clube de futebol da cidade de Porto Alegre é o Sport Club

Internacional, fundado em 1909, e que tem como mascote o Saci (personagem mitológico “negro” de uma perna só, da cultura regional gaúcha). Diferentemente do Grêmio FBPA, conforme Anjos (2007), o Internacional teria o primeiro registro de um negro em sua equipe no ano de 1913, o zagueiro Dirceu Alves. Na década de 1940, com o famoso time chamado de “Rolo Compressor”, o Internacional passou a contar com muitos jogadores afro-brasileiros em seu grupo, além de intitular-se “Clube do Povo”.

Mais recentemente, uma nova frente de descolonização no futebol ganha importância. Trata-se do combate ao machismo no futebol brasileiro, destacando-se o Movimento “# Deixa Ela Trabalhar”, criado por jornalistas em 2018, com o intuito de protestar contra o assédio que as profissionais vêm sofrendo nos estádios pelo Brasil.

Fim de jogo

O pensamento colonial ainda se reproduz na sociedade brasileira, com manifestações veladas e declaradas de discriminação. Nesse contexto, entretanto, o futebol se apresenta como ferramenta e estratégia para a descolonização.

Mesmo com a desigualdade econômica entre os continentes, a América do Sul se nivela à Europa como centro do futebol no mundo. Tanto as seleções nacionais como os clubes sul-americanos são campeões do mundo, disputando sempre com europeus a hegemonia do futebol mundial.

Os exemplos apresentados neste trabalho atestam a potencialidade do esporte, mais especificamente o futebol, como ferramenta e estratégia para a descolonização.

Entretanto, acontecimentos registrados nos estádios (gestos e palavras) e nas redes sociais alertam para a necessidade de se aprofundar as reflexões e as pesquisas sobre a temática, perseguindo a perspectiva descolonizadora.

Referências

- ANJOS, J. L. dos. Futebol no Sul: história da organização e resistência étnica. Revista Pensar a Prática, v. 10, n. 1, 2007. Disponível em: . Acesso em: 20 fev. 2018.
- GERCHMANN, L. Somos azuis, pretos e brancos. Porto Alegre: Editora LPM, 2015.
- _____. Coligay, Tricolor e de Todas As Cores. Porto Alegre: Editora Libretos, 2014.
- JESUS, G. M. de. Esporte e mito da democracia racial no Brasil: Memórias de um apartheid no futebol. 2001. Lecturas: Educación Física y Deportes Revista Digital. Disponível em: . Acesso em: 25 mar. 2018.
- _____. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. Revista Espaço e Cultura, UERJ, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, jan./dez. 2005.
- MIGNOLO, W. Histórias Globais/projetos Locais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- _____. Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.
- PIZARRO, J. O. DECOLONIALIDADE E FUTEBOL: a quebra da lógica periferia-centro. Trabalho apresentado em el Quinto Congreso Uruguayo de Ciencia Política, “¿Qué ciencia política para qué democracia?”, Asociación Uruguaya de Ciencia Política, 7-10 de octubre de 2014.
- QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas

latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RODRIGUES FILHO, M. O negro no futebol brasileiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

WALLERSTEIN, I. Análisis de sistemas-mundo: una introducción. México: Siglo XXI Editores, 2005.

.....

*** Cristiane Feldmann Dutra**

Universidade La Salle - UNILASALLE. Porto Alegre - RS, Brasil

*** João Alberto Steffen Munsberg**

Universidade La Salle - UNILASALLE. Porto Alegre - RS, Brasil

*** Otávio Nogueira Balzano**

Universidade La Salle - UNILASALLE. Porto Alegre - RS, Brasil

Resumen de ponencia

FUTEBOL DE VÁRZEA E METROPOLIZAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES URBANAS DE BELO HORIZONTE E ESTRATÉGIAS DE MANUTENÇÃO DE CAMPOS DE JOGO

*Raphael Rajão Ribeiro

Esta apresentação tem por objetivo relatar os resultados parciais de pesquisa desenvolvida em nível de doutorado que investiga as relações entre o futebol de várzea e o processo de metropolização de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, Brasil. O estudo concentra-se entre as décadas de 1940 e 1980, momento no qual se deu a reconfiguração do tecido urbano e do perfil populacional da cidade. Período de grande fluxo migratório, bem como do aumento da pressão pela terra, trata-se de época chave para compreensão do arranjo atual que essa prática esportiva assume na cidade. O trabalho articula temas como desenvolvimento da modalidade após a sua profissionalização e o aprofundamento da cisão entre o meio amador e o profissional; os sentidos de uma atividade atlética vivenciada pelos setores populares e vinculada às suas formas de sociabilidade, de criação de sentimentos comunitários e de laços de pertencimento com os territórios; as experiências políticas em nível municipal, com estabelecimento de relações clientelistas e a organização dos grupos interessados na defesa dos espaços dedicados ao futebol de várzea.

Mesmo que pouco percebido em função da falta de cobertura midiática, o futebol de várzea tem grande penetração nas camadas populares das cidades brasileiras. No caso de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais com cerca de 2 milhões e meio de habitantes, a prática tem extensão considerável. São aproximadamente cento e cinquenta campos de várzea. Nos campeonatos promovidos pela Federação Mineira de Futebol, por meio de seu Setor de Futebol Amador da Capital, há o envolvimento de ao menos 144 clubes, distribuídos em diferentes divisões e que, em todas as categorias, inscrevem mais de 12 mil atletas a cada ano nos torneios, incluindo-se cerca de 500 mulheres. Esse universo refere-se apenas às entidades que se engajam no circuito competitivo oficial, havendo uma variedade de copas independentes que mobilizam número ainda superior ao apresentado. Como medida da participação do público torcedor, cita-se, por exemplo, a final da Copa Itatiaia, promovida pela principal rádio local, realizada em 24 de janeiro de 2016, no Estádio Independência, a qual reuniu 16.449 pessoas.

A compreensão da persistência dessa prática esportiva popular passa pela percepção da forma como seus agentes reagiram a um processo histórico de metropolização que implicou (e implica até os dias de hoje) em forte pressão sobre os terrenos ocupados pelos campos mantidos pelas agremiações varzeanas. Muitos foram os espaços que desapareceram e levaram à extinção de clubes tradicionais do meio amador local. Outras entidades buscaram refúgio em áreas preservadas por associações irmãs.

Nesta apresentação será apontado o cenário geral dessa transformação por meio de mapeamento realizado ao longo da pesquisa. Essa visão cartográfica do fenômeno permite dimensionar de que forma a prática interagiu com a reconfiguração do espaço de uma metrópole em emergência. Em que medida, por exemplo, um primeiro movimento de expansão da mancha urbana, entre os anos 1950 e 1960, permitiu o surgimento de diversos locais de jogo, seguido, nas décadas de 1960 e 1970, da pressão decorrente da especulação imobiliária e de obras de estruturação viária e de equipamentos públicos, que colocou em risco boa parte das praças esportivas criadas. Ao se examinar a evolução da distribuição geográfica dessas áreas observa-se a relação dinâmica que estabeleceram com Belo Horizonte, servindo de índices de identificação dos perfis de ocupação que predominaram em cada região da capital de Minas Gerais.

Por fim, por meio de alguns casos exemplares, serão apresentadas estratégias adotadas pelos integrantes das agremiações para manutenção da prática, com a permanência em seus locais originais ou a conquista de novos espaços de jogo. Em sua atuação cotidiana eles se articularam com redes clientelistas, apropriaram-se de mudanças na legislação urbanística e mobilizaram formas de luta adotadas por outras associações comunitárias.

Com esse breve panorama, pretende-se indicar um quadro geral da pesquisa em andamento e abrir possibilidades de diálogos com fenômenos similares que possam ter ocorrido em outras cidades não só brasileiras, mas latino-americanas.

.....

* Raphael Rajão Ribeiro

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Fundação Getúlio Vargas CPDOC/FGV. Rio de Janeiro, Brasil

Resumen de ponencia

GÊNERO E ESPORTE: A POSIÇÃO DA MULHER E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO MUNDO ENXADRÍSTICO

*Maria Isabel Trivilin

A pesquisa tem por objeto de investigação a condição das mulheres no mundo do xadrez. Seu propósito é analisar as relações sociais de gênero e as desigualdades presentes no universo do xadrez, assim como a posição ocupada por mulheres nas competições desta natureza. A esse objetivo geral da pesquisa, soma-se o intuito de explorar o ambiente esportivo como um campo de análise da prática social e de construção de feminilidades e masculinidades, desmistificando características supostamente inatas dos atletas.

Após realizar uma reunião da literatura que inclui as temáticas: 1) gênero e esporte e 2) gênero e xadrez, a pesquisa aproxima a etnografia desse universo, através da análise de uma competição profissional do esporte, pretendendo coletar dados e informações sobre a diferença de participação e performance entre os gêneros, além de investigar os comportamentos de um ambiente majoritariamente masculino e qual o lugar das mulheres nesse universo.

Trabalhando com referenciais construídos a partir de instrumentos de pesquisas como: levantamento bibliográfico e documental, observação e registro em diário de campo, entrevistas, questionários, formulários, dados audiovisuais e publicações em periódicos, a pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo inclui também uma análise biográfica de dois destacados mestres de xadrez, de ambos os gêneros, a fim de compreender as diferentes posições a eles atribuídas e as dificuldades que enfrentam por suas distintas condições sociais.

Considerando que os esportes passam por um processo de generificação que lhes conferem uma identidade mais masculina ou feminina, o que influencia no julgamento dos atletas que os praticam, principalmente àqueles contrários ao predominante no campo, destaca-se que: 1) nos físicos há uma identificação mais clara dessas fronteiras - à medida em que julga-se que, por natureza, os homens deveriam dedicar-se aos esportes que exigem mais força e movimentos violentos e 2) nos que não precisam se valer da força física, as mulheres se adequariam melhor, pois nessas práticas esportivas poderiam mesmo exibir sua docibilidade, sensibilidade, suavidade de movimentos e fragilidade, principalmente em função da reprodução. No entanto, ao falar de feminilidade, entende-se não apenas a questão física, mas a emocional e racional da mesma forma, o que apresenta o xadrez como um frutífero campo de pesquisa.

Tratando-se, neste trabalho, do esporte não apenas como prática amadora e fonte de

lazer, a própria profissionalização das atletas já transcende a noção generalizadora que entende a prática de competições como uma característica própria do ethos masculino e a maior participação das mulheres nesses espaços pode colaborar para a alteração dessa realidade. As que ousam dedicar-se integralmente ao esporte, construindo uma carreira e participando de uma cultura - repleta de leis e regularidades que não estão escritas em local algum - trazem suas trajetórias como argumentos questionadores da ideia de que, por razões biológicas, as mulheres seriam inferiores em suas capacidades físicas, intelectuais e emocionais.

Na atualidade, há uma grande diferença de participação de homens e mulheres no âmbito profissional do xadrez e, conseqüentemente, em seus resultados. Contrariando os argumentos de que tais discrepâncias possuem caráter congênito e, portanto, imutável, é importante considerar que o domínio do saber e do crescimento fora do espaço privado sempre foi destinado ao homem. Enfrentar essas discordâncias como possíveis produtos de uma cultura que molda os gêneros para que incorporem características antagônicas de masculinidade e feminilidade, é também refletir sobre os seguintes antagonismos: racional X emocional; força X fraqueza; agressividade X sensibilidade; dentre outros.

Além disso, em função de suas contribuições teórico-epistemológicas e da ideia de que os esportes e seus cenários muito podem revelar sobre as visões de mundo e as relações sociais entre os sujeitos, o campo enxadrístico ainda se apresenta como um ambiente generificado e generificador, podendo trazer uma ressignificação outra de tudo o que se pensa sobre mulheres no que diz respeito às obrigações a elas associadas, com o aumento da disputa e da inserção feminina. À medida em que as mulheres adentram espaços que historicamente não foram ocupadas por elas, trazem não só um questionamento à ordem vigente, mas a possibilidade de transgressão dessa ordem e da construção de um ambiente mais plural e igualitário.

Desta forma, as relações de gênero merecem especial atenção no xadrez, já que por tratar-se de um esporte não físico, em que o corpo não constitui o principal instrumento, e embora haja avanços com a criação de federações e organizações em prol da defesa do desporto para as mulheres, fortes barreiras e dificuldades de abrangência aparecem, ficando as enxadristas, muitas vezes, afastadas dos movimentos e invisibilizadas nas particularidades de seu campo esportivo - que a propósito, é o segundo mais praticado no mundo, perdendo apenas para o futebol.

Assim sendo, o trabalho em andamento apresenta resultados parciais que podem acrescentar nas investigações das ciências sociais sobre gênero e esporte, já que as mulheres enxadristas apresentam peculiaridades e desigualdades em suas representações, que muito dizem sobre a força e naturalização da hegemonia masculina em algumas práticas esportivas e a dificuldade encontrada para ultrapassá-las. Se adentrar esses espaços dominados pelo "masculino" ainda constitui-se um grande desafio para as mulheres, certamente estudá-lo a fim de entender como estão assentadas, no xadrez, as relações sociais de gênero e suas mais variadas constituições espaciais, sócio/esportivas e culturais pode ser uma útil ferramenta na tentativa de alçar um ambiente esportivo mais democrático, livre e aberto à participação feminina.

.....

*** Maria Isabel Trivilin**

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Estadual de Maringá - CCHLeA/UEM. Maringá, PR, Brasil

Resumen de ponencia

HISTORIAS DE VIDA DE BOXEADORAS DEL CARIBE COLOMBIANO

*Fernando Antonio De La Espriella Arenas

La protagonista de esta historia es una mujer que en la vida se ha resistido a dejarse avasallar por la realidad social en las que les ha tocado vivir, producto de un sistema inequitativo, desigual, excluyente y opresor. En sí misma es poseedora de una cultura y representaciones que le permiten reconocerse y reconocer a los otros en el contexto del cual emergió. Su relato devela la realidad de muchas familias que habitan en lugares donde solo pueden construir una sola habitación, hecha de cartón, costales y madera, en un barrio subnormal, en una invasión con muchas carencias y realidades sociales complejas y conflictivas, un barrio con calles estrechas, sin servicios públicos ni transporte, es decir un entorno donde la infravivienda y el hacinamiento permean el paisaje.

En este tipo de asentamientos humanos, con condiciones precarias de salubridad y seguridad, en donde habitan familias, quienes por falta de oportunidades se ven conminados al trabajo informal, en el cual se debaten día a día tratando de resolver necesidades insatisfechas, ello les obliga a dejar solos a sus hijos en casa o al cuidado de terceros, para ellos la calle y la plazoleta del barrio se constituyen en dispositivos donde juegan y se recrean, no obstante, este puede ser un espacio proclive en donde pueden ser vulnerados, lo que les somete a una constante situación de riesgo. Su testimonio es ilustrativo:

Mi hogar es un hogar de acuerdo con mi personalidad; mi vida es la vida de los niños del sur, que crecen con el pie pelao, corriendo y jugando en la calle con lo primero que encuentran.

La casa era un cuadro con el techo de cartón y cercada por sacos, no había división de cuarto ni de nada. Ahí mismo estaba la cocina y prácticamente todo: sala, cocina, cuarto, las camas, todo ahí mismo. Así abiertamente, no había división de nada. Cuando llovía nos mojábamos y nos tocaba montarnos uno encima del otro en la cama. Había mucha integración porque no teníamos donde estar, ya que ese era lo único donde podíamos estar y ahí estábamos juntos mi mamá, mis dos hermanos, mi papá y yo nos sentíamos contentos todos, porque estando juntos lo demás no nos importaba porque los teníamos a ellos ahí.

Así mismo, en su relato se destaca la impronta de sus padres, quienes edificaron una familia sustentada en valores humanos, sus espacios de socialización primaria estuvieron soportados y legitimados desde el respeto, la rectitud y la responsabilidad, valores estos que definieron su vida desde niña. Al referirse a su madre y padre sostiene:

Mi madre es una persona que siempre ha trabajado mucho, y siempre nos guio por el buen camino, nos llevó siempre correctamente. La relación con mi mamá es muy bien, ella nos abrió como un espacio en ella de jugar con ella, con mi mamá pasamos bien; es hora y todavía yo estoy apegada a ella, porque ella pasa conmigo a toda hora. A mi padre lo quiero mucho, lo respeto porque la educación que él nos dio es de respeto; lo que más admiro de mi padre es que es un hombre que siempre ha sido trabajador, trabaja fuerte, y es una persona recta.

Su testimonio deja claro el hecho que, con todo y la marginalidad, carencias y dificultades que tenga el sujeto, no debe traer como consecuencia cambio alguno frente a la imagen de sus padres. Antes por el contrario, en ella se representan desde una concepción de respeto, honra, aprecio, valoración y admiración hacia ellos como personas y como autoridad. La realidad develada en el testimonio de la protagonista, es la historia de familias que viven en la línea de la pobreza, subsistiendo y resistiéndose a ser devorados por el contexto, la realidad conflictiva y de miseria en la que habitan muchos hogares de deportistas en Colombia. Este relato revolucionario, es una muestra de resistencia, un testimonio de vida cotidiana para la meditación, reflexión y análisis.

Resistencia ante la adversidad

Vivir 17 años de su vida en un contexto marginal a cargo de sus hermanos menores, con la ausencia de sus padres que debían dejarlos solos por salir a trabajar, para satisfacer la necesidad axiológica de subsistencia, hizo de ella una mujer resistente que se sobrepuso a la adversidad y la amenaza constante del contexto. Con todo y su situación de pobreza extrema, ella y sus hermanos nunca fueron llevados al trabajo infantil, la seguridad y la educación siempre fueron la premisa e sus padres.

Gracias a Dios todos somos bachilleres. Nosotros nunca salimos a pedir nada a nadie, siempre mi mamá y mi papá nos acostumbró de que si no había no debíamos salir a pedirle a nadie sino de esperarlos a ellos.

Su enorme capacidad de resistencia forjada a partir de la realidad social y familiar, en marcadas en su proceso de socialización primaria, permiten que su vida adulta, la cual estuvo asistida de iguales condiciones, fuera sorteada con gran determinación. Para ser boxeadora, es decir, para incursionar en una disciplina deportiva dominada por cuerpos masculinos, debes tener además de coraje, mucha capacidad de resistencia y negación. Para ella estas exigencias podrían resultar salvables, ya que la vida que llevó siempre estuvo permeada por esas características. Si cuidar a sus hermanos menores desde los ocho años de edad, lavar cocinar y guerrear la vida en condición de vulnerabilidad, fueron acciones que no le quedaron grandes, entonces incursionar en el boxeo no fue excepción alguna.

Cuando decide practicar boxeo, circunstancia a la cual llega por curiosidad.

Estando en el coliseo, estábamos viendo jugar voleibol, estábamos del lado donde está el gimnasio de boxeo, ahí se oían unos gritos pi-pa-pi-pa, dándole como a una guantaleta. Yo escuchaba, pero no le paraba bolas, como yo estaba viendo el juego, pero de tanto escuchar esos ruidos yo me bajé y fui a ver qué era lo que sonaba; me asomé en la puerta con cuidadito y vi que estaban practicando varios muchachos, y pues me asomé. Estaba un profesor que, él me preguntó que, si quería entrenar boxeo, y yo le dije que no, que solamente estaba mirando. Entonces, después le dije sí, quisiera cómo aprender, pero como defensa, no como pá^{ra} pelear sino como defensa; entonces él me dijo que fuera que él me enseñaba.

El boxeo femenino es un deporte que tiene pocas adeptas o aspirantes, muy rara vez surgen jóvenes dispuestas a la práctica del noble arte, este terreno deportivo está marcado por un imaginario de masculinidad que les establece barreras. No obstante, nuestra protagonista motivada por la curiosidad y la insistencia del entrenador, decide iniciar la práctica del boxeo, la cual combina con sus estudios de secundaria

Mi vida en el boxeo inició con el profesor Ivo López, él fue el que me condujo a que entrenara boxeo. Aprendí los pasos, él estaba muy contento, me iba a buscar a la casa en bicicleta. Hubo un tiempo en que me retiré porque estaba como cansada, no había con quien pelear, cuando eso el boxeo femenino no era como normal, no habían(sic) boxeadoras con quien pelear; por eso me retiré, y estuve varios meses retirada del boxeo, del gimnasio, eso fue es 1998. Después, nuevamente cuando retomé en 1999, ya me metí, porque ya se estaban viendo peleas de mujeres, no así bastante, pero se veían con más acogida, pero los horarios de clase no me dejaban. Iba entrenar a las dos de la tarde y a las 4 ó 5 ya estaba desocupada, y la hora que me quedaba era para estudiar, y me daba el tiempo^{lo} justo para para las tres cosas.

Construir y re construir la historia de vida a partir de su descripción, su relato, su lenguaje, signos y expresiones corpóreas, es una experiencia vital que ha dejado incommensurables aprendizajes y reflexiones. Haber incursionado y conocer su esfera pública y privada, los espacios, tiempos y lugares en que ella se reconoce y es reconocida, es fruto del trabajo del investigador y el personaje de la investigación. En ese sentido Denzín (1989) sostiene que, las vidas son propiedades biográficas, ello significa que no perteneces solo a los sujetos, si no, a las colectividades sociales en su sentido amplio. En definitiva, cuando ella desde sus narrativas muestra las vicisitudes y dificultades en las que crecen y vive las familias, niños y niñas del sur de montería, está poniendo en juego el pasado, el presente, el futuro, donde todos podemos mirarnos y encontrarnos (Leite, 2011).

Es evidente también en su relato, la forma como emerge una familia que manteniéndose unida y soportada en valores como el respeto, la honestidad y la tolerancia, pueden resistirse y hacerles el quite a las adversidades, a la realidad conflictiva, de miseria y factores de riesgo que permean los ambientes de quienes habitan en barrios subnormales.

La protagonista hace gala de su conciencia crítica y reflexiva al entregarnos frases de profundo sentido y significado. En cada relato ella deja ver de manera espontánea lo que significa ser un habitante del sur de la ciudad, pero ante todo exhibe con

naturalidad su personalidad, da muestra de un altísimo nivel cultural al sentir orgullo de ser quien es, con lo que tiene, lo que come, lo que sueña, y lo que ama. En medio de una sociedad hipócrita que solo vive de apariencias y pseudosatisfactores.

Legítima y da relevancia a la figura paterna y materna, de igual forma los valores humanos que se erigen en un hogar donde el respeto y la rectitud son auténticos y característicos de personas responsables y trabajadoras, estos referentes marcaron su vida y dejaron una huella indeleble en su estructura personal y social. La realidad vivida no genera ruptura alguna frente a la imagen de sus padres, antes, por el contrario, existe un empoderamiento de esa figura, una concepción de respeto, aprecio, valoración y admiración hacia ellos como personas y como autoridad.

Su testimonio, muestra el sacrificio humano al que estuvo conminada durante su infancia. Su temperamento tranquilo y alegre, la personalidad flexible y adaptable y su alto grado de inteligencia la hacen poseedora de una

.....

* Fernando Antonio De La Espriella Arenas
UNIVERSIDAD DE CÓRDOBA UNICORDOBA. Montería, Colombia

Resumen de ponencia

IDENTIDAD Y SUBJETIVIDAD POLÍTICA ALREDEDOR DEL FÚTBOL. EL CASO DE LOS “COMANDOS AZULES DC” EN BOGOTÁ Y “LOS DEL SUR” EN MEDELLÍN.

*Andres Zapata Londoño

*Nicolas Dario Perez

Esta ponencia pretende describir y analizar las identidades y subjetividades políticas que se dan en dos barras populares de Colombia, una llamada “Comandos Azules D.C” del Club Millonarios F.C, el cual es de la ciudad de Bogotá; y la otra con “Los Del Sur” de Atlético Nacional de Medellín. De esta forma, a partir del diálogo con integrantes de ambas barras populares y del análisis y abordaje de instrumentos teóricos que se aproximan al estudio de la construcción de la identidad política, y del estudio de las diversas subjetividades políticas que se pueden dar en entornos como el de la ciudad, se busca identificar la manera como los diferentes fenómenos que se dan alrededor del fútbol, se convierten en elementos constructores de imaginarios colectivos que se relacionan con prácticas políticas e ideológicas respecto a la definición y concepción de la ciudad, la región, las costumbres, la cultura, el territorio y el proyecto de país. Así pues, para el desarrollo de esta ponencia se tiene como metodología de investigación, la adopción de un enfoque cualitativo y la utilización del método de la investigación documental.

En ese orden de ideas y teniendo como referente empírico a dos barras populares, dos equipos y dos ciudades diferentes del país (Bogotá y Medellín), se hace un análisis sobre la relación entre el fútbol y la política, teniendo en cuenta que el primero tal como lo dice Pablo Alabarces, se ha convertido en un lugar donde se desarrollan algunas de las operaciones narrativas mas fructíferas y eficaces para la construcción de la identidad tanto cultural como política, además, se comprende a estos dos elementos como fenómenos que mueven multitudes y que tienen como objetivo la construcción de espacios simbólicos, donde se desarrolla la adopción de una identidad y posteriormente la construcción de una subjetividad.

Asimismo, son entonces algunos escenarios y temas específicos donde el fútbol y la política se unen, facultando la posibilidad de que se desenvuelvan contextos que permiten la creación de disputas, para establecer proyectos donde se construyen idearios de nación desde lo regional y territorial, dando paso además, a la generación de contiendas por representaciones que traen como consigna el establecimiento de una hegemonía cultural e identitaria, generándose dicotomías entre el centro del país (Bogotá) y la “provincia” (ciudades diferentes a la capital), las cuales en esta ponencia tienen como principal protagonista a las ciudades de Bogotá y Medellín.

Por consiguiente, aunque no es posible generalizar la manera como los miembros de una barra asumen su identidad y sus imaginarios, ya sea por su misma naturaleza plural y diversa, o por los diferentes contextos y realidades tanto sociales como políticas que rodean a los individuos que ingresan a la barra, es posible identificar

aspectos que pueden plantear algunos puntos de encuentro.

De esta forma, esta ponencia toma como algunos puntos de confluencia los elementos que dan paso a la diferenciación de región, los cuales se toman como puntos neurálgicos para la constitución y caracterización de la identidad de las barras ya mencionadas, ejemplo de esto, es el caso donde los “Comandos Azules” se determinan por la inscripción local de sus miembros a identidades centralistas, basados en la bandera y los símbolos de la ciudad de Bogotá, teniendo como una de sus mayores satisfacciones el pertenecer a la capital de la república, centro político y económico del país. Por otro lado, “Los Del Sur” por su parte se adhieren a simbologías propias del departamento de Antioquia y los valores que, desde el imaginario popular, se caracterizan por tener como frente la pujanza, el trabajo y el orgullo por sus costumbres y cultura, dejando ver esto, como la región o la ciudad, representan puntos principales para el establecimiento de un lema identitario en los individuos que hacen parte de las barras.

Igualmente, esta ponencia tiene como presunción analizar la forma como cada barra y sus integrantes adoptan características propias que se relacionan con su lugar de origen y su historia, desarrollando además un análisis al espacio de la ciudad, el cual se puede denominar como escenario decisivo para la construcción de identidad y posteriormente de ideología, abordando asimismo como la barra se puede volver un espacio político donde sus integrantes desplegaran posturas o ideologías políticas que afectan a su construcción de identidad.

Por último, se espera que en medio del desarrollo y del análisis de la situación ya mencionada se logre desarrollar un espacio de reflexión y discusión acerca de los elementos que constituyen la construcción de la identidad política y la subjetividad, partiendo de dos casos particulares donde el fútbol, una pasión que se convirtió casi en tradición en América Latina, y la política, se vuelven en hilos conductores para el desarrollo de ideologías y posturas, que dan paso a la creación de escenarios atípicos como las barras que se convierten en cunas para la generación de una identificación cultural y política que definen idearios como los de nación, cultura y costumbre.

.

.....

*** Andres Zapata Londoño**

Instituto de estudios politicos- IEP. bogota, Colombia

*** Nicolas Dario Perez**

Instituto de estudios politicos- IEP. bogota, Colombia

Resumen de ponencia

INFLUENCIA DEL ESTRATO SOCIOECONÓMICO Y EL GÉNERO EN LA PREVALENCIA DE LESIONES OSTEOMUSCULARES EN DEPORTISTAS DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL.

*Carolina Escorcia

*Diana Alexandra Camargo Rojas

La participación en el deporte de los estudiantes universitarios va en aumento y tiene muchas ventajas. Desafortunadamente, las lesiones en deportistas jóvenes representan una alta morbilidad anual (4,379,000, IC 95%= 3,147,000 a 5,611,000) y altos costos (1).

La epidemiología de las lesiones deportivas ha sido un tema de interés desde hace varias décadas, ya que permite ejecutar acciones orientadas a su prevención. En 1992, Van Mechelen et al (2), describieron que el estudio epidemiológico de las lesiones en deportistas aporta información acerca de incidencia, prevalencia, tipo, localización, gravedad y tiempo de recuperación de las mismas y publicaron un modelo de análisis para la prevención de lesiones. A partir de allí, se empezó a estudiar la prevalencia de lesiones deportivas en jóvenes y en 1998 Finch et al (3), calcularon que en EE.UU. se producían entre 3 y 5 millones de lesiones deportivas anuales, lo que representa una de las primeras causas de lesión accidental entre adolescentes y adultos jóvenes.

Objetivo: Identificar la influencia del estrato socioeconómico y el género en la prevalencia de lesiones osteomusculares en deportistas de la Universidad Nacional.

Materiales y métodos: Estudio de corte transversal, observacional descriptivo. Se encuestaron 318 deportistas (mujeres n=118; Hombres n=200) y se entrevistaron 13 entrenadores y 5 profesionales del área de deportes para identificar la prevalencia de lesiones y determinantes influyentes. Los datos fueron analizados en SPSS, R y Atlasti.

Resultados: La prevalencia de lesiones fue de 60% (OR:1,52;IC 95%:1,0-1,91); del total de los de los hombres 116 se lesionaron (62%; OR=1,63; IC del 95%:1,21-2,19) y de las mujeres 65 (57%; OR=1,35; IC del 95%: 0,93-1,96); por lo tanto, pertenecer al género masculino predispone a sufrir más lesiones deportivas. Los deportistas que pertenecen al estrato uno fueron los que presentaron más lesiones con una prevalencia del 70% (n=7, OR=3,33; IC del 95%: 0,65-8,27), sin una asociación significativa. Para el estrato dos se encontró una prevalencia del 66% (n=41, OR=1,95; IC del 95%: 1,16-3,28) y 57% para el estrato tres (n=87, OR=1,35; IC del 95%: 1-1,87) con asociaciones significativas. No se encontró algún tipo de asociación para los estratos cuatro y cinco donde se halló una prevalencia de 61% (n=42, OR=1,55; IC del 95%: 0,96-2,51) y 57% (n=4, OR=1,33; IC del 95%: 0,33-5,32) respectivamente. En el estrato seis solo había un deportista y no

sufrió lesión.

Discusión: Los resultados del presente estudio sugieren que, a esta prevalencia de lesiones deportivas, se le atribuyen unos determinantes de salud que interactúan. En primer lugar, los determinantes distales relacionados con el género, mostraron que la participación de los hombres es significativamente mayor que la de las mujeres; así mismo, la prevalencia de lesiones en ellos es ligeramente mayor que en ellas. En un estudio realizado por Rodríguez et al (Rodríguez, Martínez, & Mateos, 2004), se estableció que uno de los estereotipos más resistentes al cambio, es el de considerar que hay deportes más apropiados para mujeres y otros para hombres. De esta forma, el género se convierte en una variable discriminatoria con relación a la participación en actividades deportivas: pertenecer al género masculino favorece esta participación. Por otro lado, Chalabaev et al, (Chalabaev, Sarrazin, Fontayne, Boiché, & Clément, 2013) determinaron que los individuos aprenden estereotipos y roles de género durante la infancia a través de influencias de socialización, en particular con sus padres. Estas creencias afectan su auto-percepción de competencia y su participación en el deporte; así, los hombres desde niños participan en más actividades motoras que las niñas y mantienen una mayor percepción de la competencia deportiva. En relación con la competitividad, se encontró en el estudio de Antúnez (Antúnez, 2001) que las mujeres no se interesan tanto en la competencia deportiva en comparación con los hombres; la psicología asegura que se debe a la diferencia que las mujeres tienden a lograr el éxito sobre la base del mejoramiento personal, en tanto los hombres buscan el resultado frente al oponente. De esta forma, un mayor interés por los fines competitivos, puede verse reflejado en un incremento en la ocurrencia de lesiones deportivas.

En cuanto a la condición socioeconómica de los deportistas, se encontró que los que pertenecen a estratos uno y dos se lesionan más, lo cual permitiría inferir que las condiciones socioeconómicas estarían relacionadas con sus estilos de vida no saludables; sin embargo, el presente estudio no permite establecer esta relación. Boltansky (Boltansky, 1982), un autor que critica a la sociología del cuerpo, identificó que en las clases populares los deportes más practicados son los de conjunto, lo cual se correlaciona con nuestra investigación, en donde también se encontró que los estudiantes que practican deportes de conjunto tienen un mayor riesgo de lesionarse (OR=1,65; IC del 95%: 1,19-2,28) que quienes pertenecen a deportes individuales (OR=1,39; IC del 95%: 1,00-1,93); lo último coincide con la investigación de Theisen et al (Theisen, Frischa, Malisoux, Urhausena, & Croisierc, 2013), quienes mediante análisis de regresión, probaron que los deportes de equipo muestran un riesgo de sufrir lesiones significativamente mayor en comparación con los individuales (HR = 2,00, IC95% [1,49-2,68] ; p

Los resultados obtenidos en el análisis de correspondencias múltiples mostraron que en los estratos uno, dos y cuatro predominaron las lesiones deportivas: la relación con los estratos bajos concuerda con la literatura; sin embargo pertenecer a un estrato alto no. Una de las razones que podría explicar este fenómeno, es que en la dimensión en la que se encuentran los estudiantes lesionados de estrato cuatro coincide con que ellos proceden de diferentes regiones del país y no de la ciudad de Bogotá, lo que permite plantear una hipótesis: el hecho de que el deportista que se traslada a vivir a

Bogotá durante sus años universitarios, podría tener hábitos de vida que afecten su salud, principalmente en lo relacionado con la alimentación.

Conclusiones: En la prevalencia de lesiones deportivas en universitarios, influyen determinantes relacionados con pertenecer al género masculino y a estratos socioeconómicos bajos y medio bajos.

.....

* Carolina Escorcía

Universidad Nacional de Colombia- UN. Bogotá, Colombia

* Diana Alexandra Camargo Rojas

Universidad Nacional de Colombia- UN. Bogotá, Colombia

Resumen de ponencia

JORGE KOO CHOI Y JULIO LORES COLÁN: UN DEPORTE DOS CAMINOS. DESCENDIENTES DE CHINOS EN LA SELECCIÓN NACIONAL DE FÚTBOL PERUANO

*Jaime Pulgar Vidal

Entre 1927 y 1930, dos jugadores descendientes de chinos jugaron por la selección peruana de fútbol. Sus antepasados habían llegado al país con un contrato de trabajo en haciendas de la costa. Fueron chinos culíes que migraron de su lugar de origen por factores de pobreza y arribaron a Perú atraídos por un trabajo remunerado como campesinos.

Después de cumplir con un contrato que los obligaba a duras jornadas en el campo, estos chinos culíes se instalaron, uno en la capital peruana, Lima; mientras que el otro migró a la zona andina de Huaral, un pequeño pueblo a cien kilómetros al norte de la capital. El hijo del primero y el nieto del segundo se dedicaron a jugar con un balón de fútbol. Aunque el juego parecía el mismo, lo que jugaban Jorge Koo Choi Sarmiento y Julio Lores Colán se diferenciaba por los valores que cada uno de ellos le asignó a esta práctica deportiva.

Así, una primera pregunta que nos hacemos es si ¿es posible que este juego, creación de la burguesía inglesa, pudiese ser practicado y entendido por individuos premodernos? Más aún, ¿Hay forma de resignificar este deporte y practicarlo con valores totalmente distintos y, hasta opuestos, al del individuo burgués? Viendo lo hecho por Koo Choi la respuesta es afirmativa. Al analizar la práctica deportiva de Koo Choi y Lores y algunas de sus actividades en la vida cotidiana surge otra pregunta ¿por qué ambos individuos, de un mismo origen étnico, que estudiaron en el mismo colegio, entendieron el balompié de formas opuestas? Lores jugaba lo que los ingleses conocían como fútbol mientras que Koo Choi practica “fulbo”.

Cuando hablamos de fútbol, nos estamos refiriendo a aquel deporte que se juega en una cancha con medidas reglamentarias y en donde hay una autoridad que es respetada por los jugadores. En cambio, cuando pateamos un balón en un espacio indefinido, en un juego sin reglas fijas y sin autoridad, no deberíamos hablar de fútbol sino de juego de pelota, fulbito o fulbo, la forma en que este deporte fue resignificado por individuos premodernos en la ciudad de Lima y alrededores.

Sin una cancha reglamentaria, sin un balón adecuado, con desconocimiento del reglamento, los futbolistas callejeros practicaban un deporte parecido al fútbol pero que no era fútbol. Por dificultad al momento de pronunciar aquel anglicismo, llamaron a su práctica “fulbol” o simplemente “fulbo”, resignificando el fútbol. El “fulbo” era un pretexto más para encontrarse en un ambiente ameno que terminaría con una jarana, es decir baile, comida y alcohol. El “fulbo” era asumido, entonces, como un elemento que divertía a sus practicantes y que los reunía en sus momentos de ocio en los que reproducían sus prácticas sociales de solidaridad. Nada tenía que ver el “fulbo” con la disciplina. Este era sólo diversión. Cuando hablamos de “fulbo” peruano no hablamos

de un estilo de juego. Hablamos de la significación que le dan los futbolistas a su práctica: pretenden divertirse. Los jugadores de “fulbo” provenían de sectores populares, afroperuanos, mestizos, descendientes de chinos y aún algunos percibidos como blancos, pero pobres.

Los integrantes de esas selecciones “nacionales” de entre 1911 hasta, aproximadamente 1924 practicaron el juego inglés del fútbol y los integrantes de las selecciones desde 1927 fueron, en su mayoría, jugadores de “fulbo”.

Koo Choi Nació en Lima el 2 de noviembre de 1900 en la calle Puno. Era vástago de un adinerado panadero chino del Lechugal y de doña Gregoria Sarmiento, dama ancashina. Su padre murió cuando apenas tenía dos años. Koochoi realizó sus estudios en el colegio Guadalupe. Vivía en La Victoria, Un barrio de obreros. Era un hombre muy criollo, alegre, jaranero. Es probable que la muerte del padre chino haya hecho que Koochoi recibiese una educación distinta a la rígida que recibían en Perú los hijos de chinos y, por ello, haya aprendido el comportamiento de su madre, del vecindario de La Victoria y de sus amigos futbolistas. Aunque tenía la pastelería de su padre, Koochoi la vendió y trabajó como chofer, otra actividad propia de muchos jugadores de “fulbo” de los años 30. Al mismo tiempo finalizó su carrera como futbolista en Alianza Lima, un equipo callejero.

Entre tanto en Huaral, merced a los negocios de su padre, Pezet Lores, Hermenegildo se dedicó al comercio, obtuvo prestigio y fue nombrado alcalde de la pequeña localidad. Él fue quien llevó los dos primeros balones de fútbol oficiales que hubo en Huaral. Hermenegildo Lores incentivó en sus tres hijos, Néstor, Teófilo y Julio, la práctica del fútbol. Al comienzo jugaban en la desolada Plaza de Armas de Huaral y después se delimitaron campos de fútbol en las haciendas. Así, en 1912 nació el club Sport Huaral, donde jugaron Néstor y Julio. Años después Julio integró el equipo de fútbol de su colegio, el Guadalupe, y después integró el equipo del Association, que jugaba en la primera división del fútbol de Lima y Callao.

En mayo de 1929, Julio fue contratado por el Necaxa de México, que le pertenecía a la empresa de Luz y Fuerza, uno de cuyos ingenieros fue el inglés William Fraser, fundador del equipo de fútbol. De acuerdo al propio Julio, él ganaba 150 dólares, algo así como 2 mil dólares de hoy, trabajando como auxiliar del jefe de tráfico. Como jugador de fútbol ganaba muy poco porque el balompié mexicano aún era amateur. Una forma de hacer trampa era contratar a buenos jugadores, colocarlos en la planilla de una empresa en la que nunca trabajaban y solo se dedicaban a practicar el balompié. Mientras en Perú los futbolistas ganaban 2.50 soles por viáticos; Lores obtenía mucho más y por eso se quedó a radicar en tierras mexicanas.

Mientras Koo Choi aprendió a jugar “fulbo”, aquel deporte que se practica por diversión; Lores jugaba fútbol. Era nieto e hijo de disciplinados chinos con actitud burguesa, dedicados al negocio de la ganadería y el comercio. En Perú aún no había fútbol profesional ni tampoco amateurismo encubierto. Este fue el factor de expulsión que lo obligó a migrar a México en donde le ofrecieron un contrato, propio del amateurismo encubierto o marrón, el que fue el factor de atracción.

.....

*** Jaime Pulgar Vidal**

Pontificia Universidad Católica del Perú PUCP. Lima, Perú

Resumen de ponencia

JUEGOS OLÍMPICOS DE LA JUVENTUD. DISCURSOS, REPRESENTACIONES Y VALORES EN TORNO A BUENOS AIRES 2018

*Gustavo Ariel Fidani Cabana

*Pablo Faerman

Nuestra investigación está centrada en los Juegos Olímpicos de la Juventud, que se realizará en la Ciudad Autónoma de Buenos Aires entre los días 6 y 18 de octubre de 2018. Al igual que los JJOO, son promovidos por el Comité Olímpico Internacional y se realizan cada dos años alternando entre juegos de invierno y juegos de verano, pero con varias particularidades para tener en cuenta.

En primer lugar, se centran en los jóvenes atletas de 15 a 18 años de edad, y contarán por primera vez en la historia de los Juegos con la misma cantidad de participantes hombres y mujeres. En segundo lugar, es un evento creado muy recientemente, dado que los primeros Juegos se realizaron en 2010, y su carácter novedoso también resulta interesante a la hora de estudiarlo. En tercer lugar, tiene como objetivo de gran importancia promover los valores que el olimpismo considera fundamentales: el respeto, la amistad y la excelencia. Y en cuarto y último lugar, pretende que los atletas se comprometan y participen de actividades educativas y culturales.

A su vez, el Gobierno de la Ciudad Autónoma de Buenos Aires en calidad de anfitrión de los Juegos ya comenzó a implementar un programa de actividades educativas, culturales y deportivas en distintos puntos de la ciudad, incluyendo escuelas y otras instituciones, con el argumento de transmitir y empapar con los valores olímpicos a la población. Es decir, que el discurso sobre el valor educativo de este acontecimiento, más allá del evento deportivo a desarrollarse en el mes de octubre, pretende funcionar en un sentido bidireccional: desde los deportistas en tanto representantes de valores deseables hacia la población anfitriona y no deportista, como desde las ciudades anfitrionas e instituciones olímpicas hacia los jóvenes atletas para reforzar determinados valores en su formación.

En este sentido y entendiendo como Bourdieu que el deporte es un campo con una autonomía relativa y no debe pensarse como un universo cerrado en sí mismo, nos interesa explorar los discursos oficiales en sus diferentes manifestaciones: los programas mencionados, los objetivos allí planteados, los mensajes transmitidos por las redes sociales, etcétera. El interés en estos discursos, en indagar sobre lo que pretenden inculcar, de qué manera, la visión particular de los participantes encargados de desarrollarlos, la uniformidad o no en los mensajes, radica en que a través de ellos se ponen necesariamente de manifiesto nociones y conceptos, incluso quizás contradictorios, sobre el orden de las cosas. Y esta idea sobre el orden de las cosas

implica construcciones de sentidos sobre la realidad que hacen a la realidad misma.

Para realizar este estudio partimos desde los trabajos realizados por María Graciela Rodríguez, entendiendo que el campo discursivo de lo deportivo se apoyó históricamente en zonas aparentemente neutrales de la sociedad, donde el deporte era entendido como amistad, lealtad, compañerismo y competencia sana. Y en ese sentido, los grandes eventos, que celebran y reúnen a los más importantes representantes del ámbito deportivo, aparecen como un emblema de este discurso. Es por ello que resulta interesante problematizar dichas ideas, discursos y la ponderación de ciertos valores como intrínsecos al deporte, siendo parte necesaria de nuestro análisis sobre estos JJOO de la Juventud. Y sin olvidar que estos eventos también ponen en escena, en una dimensión simbólica, una lucha de poderes, donde también se expresan las grandes diferencias entre los países centrales y los periféricos.

Otro espacio relevante donde poder problematizar el discurso oficial es el que ofrecen las ceremonias de los Juegos propiamente dichos. Y justamente reforzando esta idea, el Comité Organizador de Buenos Aires 2018 decidió plantear una interesante novedad en lo que refiere a las ceremonias de apertura y clausura. En cuanto a la ceremonia inaugural, no será en un estadio como tradicionalmente se realiza sino en la calle, literalmente, ya que será sobre la Avenida 9 de Julio. Gerardo Werthein, presidente del Comité Olímpico Argentino (COA) y del Comité Organizador de Buenos Aires 2018, al presentar los avances de los juegos frente a varios periodistas, subrayó el interés por “el carácter participativo e inclusivo” de la ceremonia, destacando que debía ser “producida en Argentina, por argentinos y para el mundo”. Por su parte, la ceremonia de clausura será sólo para los atletas, los voluntarios y los que trabajen durante los Juegos, porque les parecía un exceso de gastos realizar dos fiestas importantes. En este sentido, retomamos la importancia que les confiere María Graciela Rodríguez a estas ceremonias para el análisis de la dimensión cultural de la sociedad de la ciudad anfitriona, al ofrecerse como el espacio mediante el cual ella puede representarse ante el mundo. Esta representación implica una puesta en escena, una teatralización que necesariamente sintetiza una imagen y un sentido compartido de comunidad, que exige a la comunidad el esfuerzo previo de haberse pensado a sí misma.

Partiendo de estos temas como disparadores para su análisis, a la hora de realizar nuestra investigación también nos acercaremos a funcionarios y trabajadores que actualmente están involucrados en el desarrollo de las distintas actividades en torno a los Juegos y, de ser posible, presenciar alguna de ellas. De esta manera, podremos indagar más en profundidad y complementarlo con el estudio sobre los JJOO de la Juventud, para ayudarnos a entender un poco más todo lo que envuelve a este tipo de eventos deportivos.

.....

* Gustavo Ariel Fidani Cabana

Facultad de Humanidad y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata-FaHCE UNLP. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina

*** Pablo Faerman**

Facultad de Humanidad y Ciencias de la Educación de la Universidad Nacional de La Plata-FaHCE UNLP. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina

Resumen de ponencia

LA DIMENSIÓN ESPACIAL DE LA EDUCACIÓN FÍSICA ESCOLAR COLOMBIANA; EL DERECHO A UN LUGAR EN LA EDUCACIÓN.

*Jhon Carlos Cortés Murillo

Esta ponencia presenta un análisis sobre la correspondencia entre tres de los factores de mayor injerencia en la configuración de los espacios destinados a las clases de educación física escolar oficial en la ciudad de Bogotá, a saber, dicha relación corresponden a las características físicas, de diseño y uso temporal de los espacios en una muestra representativa de las instituciones educativas de la ciudad, contrastada con la normatividad vigente que regula la organización curricular y didáctica de la asignatura y las normas oficiales de construcción de establecimientos escolares emitidas por los organismos encargados de estos asuntos en Colombia.

En Colombia, el Instituto Colombiano de Normas Técnicas (ICONTEC, 2000), ha desarrollado las normas para la construcción de establecimientos escolares en las cuales se define la clasificación de los diversos ambientes de aprendizaje dadas las características de las actividades pedagógicas y administrativas, los niveles educativos y las relaciones sociales que allí suelen ocurrir. Para situar la educación física en esta discusión, es necesario precisar que su desarrollo curricular, tal como lo plantea el Ministerio de Educación Nacional, MEN (1999), se encuentra soportado en diversas teorías, discusiones prácticas y epistemológicas que incluyen al movimiento, el cuerpo, el deporte, la actividad física, el desarrollo motor, la expresión corporal, la recreación, las técnicas de movimiento y otras cuantas como generadoras de experiencias educativas que desarrolla dentro de la escuela, en este sentido, es clave preguntar ¿Cuál o cuáles son los espacios que la educación física demanda para desplegar sus propósitos y contenidos, más allá del tamaño y número de metros cuadrados por estudiante? ¿Basta con un conjunto de pautas curriculares, pedagógicas y didácticas para resolver este problema? es por esto que la reflexión sobre la dimensión espacial de estos asuntos, no solo debe ceñirse a los aspectos técnicos, sino también a los factores sociales y prácticos que inciden en la escolarización oficial, prestando especial atención en la configuración de los contextos, incluidas las ideas que allí circulan y que de alguna u otra manera se expresan en la materialidad de la escuela.

Las normas técnicas de construcción de edificaciones escolares emitidas por el ICONTEC, (2000) definen “seis tipos de ambientes pedagógicos básicos de acuerdo con la actividad que se puede llevar a cabo en ellos y el número factible de personas en las distintas actividades” (p. 5). Estos espacios se clasifican en ambientes A: aulas de clase y similares. B: bibliotecas, salas de cómputo y audio visuales. C: laboratorios y talleres. D: espacios deportivos. E: corredores, espacios de circulación y evacuación. F: teatros, aulas múltiples. A pesar de que la norma no precisa de un lugar específico para la educación física, parece ser que son los espacios tipo D, aquellos en los cuales esta se puede centrar como consecuencia de sus necesidades prácticas y como parte de la

tradición que ha construido después de la primera mitad del siglo XX, apoyados en el pensamiento moderno que influyó en los procesos de configuración del estado nación a principios del mismo siglo.

A estos desarrollos normativos antecede los documentos: Estudio de los espacios docentes 1 y 2, (1988), y la guía técnica de construcciones escolares con participación comunitaria de 1987, elaborados por el desaparecido Instituto Colombiano de Construcciones Escolares ICCE, sin embargo, en ninguno de ellos se define un lugar para la clase de educación física, tal como si ocurre con otros espacios dada la naturaleza de las actividades académicas que allí se realizan, por ejemplo, laboratorios de química o salas de música. A esta consideración es necesario agregar que la política establecida para el área de educación física, carece de una reflexión profunda y cuidadosa sobre la dimensión espacial de la asignatura, quizá por creer que los espacios en los que ocurre la relación enseñanza-aprendizaje, junto con las manifestaciones de los sujetos, no son susceptibles de afectación por parte de la configuración espacial, o porque de alguna u otra, las acciones pedagógicas y didácticas pueden resolver las fuerzas que el espacio ejerce sobre el acto educativo. Lo anterior es mucho más notorio cuando los lineamientos curriculares de educación física, (1999), se plantean como eje de su desarrollo, el “cómo pensar, hacer y enseñar una educación física que dé respuesta a los factores que intervienen en su realización” (MEN, 1999, p. 4), de acuerdo con lo anterior, ¿es el espacio un factor que interviene en su realización? Sin duda lo es, y por tanto, será necesario involucrarlo no solo como un tema o contenido a desarrollar en la formación del sujeto, sino como un componente de la existencia, necesario y mutuamente dependiente, es decir, como parte de reflexión pedagógica, como contendor, como contenido, como idea, como contexto.

Frente a lo anterior, dos razones se pueden esgrimir sobre el abandono o poca conciencia que se tiene sobre la dimensión espacial de la educación física; 1) a pesar de contemplar factores históricos, sociales, epistemológicos, culturales, subjetivos, prácticos y contextuales, no hay una declaración abierta y explícita sobre la espacialidad de cada uno de estos aspectos. Si bien se puede asumir que las alusiones al contexto, implícitamente involucran al espacio, es evidente que a lo largo de los lineamientos este hecho no se aborda de forma concreta. 2) parece ser que la comprensión y discusión de las ideas asociadas al currículo, privilegian los componentes tiempo y contenido por encima del espacial y olvidan de tajo las limitantes de este hecho.

Para sustentar lo anterior y simultáneamente analizar el grado de correspondencia entre las normas de construcción y la realidad arquitectónica de las instituciones escolares de Bogotá, se incluyó en esta investigación un análisis cuantitativo mediante el uso del software, evaluación de la calidad de los espacios físicos escolares, desarrollado por la Corporación universitaria CENDA en 2012. Este análisis recae en una muestra de 143 colegios seleccionados aleatoriamente en las distintas localidades de la ciudad, lo cual representa un 97% de confiabilidad y un 3% de margen de error. La información analizada corresponde a: horarios de clases, espacios usados para la clase de educación física, número de estudiantes por curso y características físicas y de calidad de los espacio. Los resultados muestran una alta prevalencia de espacios deportivos, es importante saber que poco más del 80% de la muestra cuenta con un espacio de este tipo que no supera los 700m² y muy pocos cuentan con otro tipo de

espacio. En estos espacios, el diseño se enfoca en disciplinas como voleibol, baloncesto o fútbol de salón. En este mismo sentido, un 40% de las instituciones, incluye en una misma extensión espacial -comúnmente una loza de cemento de 30x20m-, la demarcación de los tres campos deportivos anteriormente mencionados; allí, el máximo de ocupantes, según las características y reglamentos de la práctica deportiva es 12, dicha condición contrasta con la realidad educativa de los colegios en la que el número promedio de estudiantes es 45 por cada curso y en ocasiones lo comparten con otros grupos, ante esta realidad, no se pueden olvidar las palabras de Rodríguez (2009) “La escuela es el reflejo de políticas educativas, modelos de gobierno, modelos e ideales pedagógicos, experimentos de innovación, ejercicios de ladrillo y cemento” (p. 8).

Si bien la clase de educación física no se limita a las prácticas deportivas y también hace uso de otros espacios como teatros, salas, aulas comunes, terrazas, zonas verdes, aulas regulares, entre otros, vale la pena cuestionar la presencia de estos escenarios dentro de la escuela más allá de su función y composición. Es innegable que estos espacios se encuentran armonizados con las normas del estado, cumpliendo mayoritariamente con los aspectos técnicos, en especial, metros cuadrados por estudiante, tipo de espacio, -canchas multiuso-, materiales requeridos, procedimiento y protocolo de construcción; sin embargo, un número considerable de estas instituciones, -64-, fueron construidas varios años atrás de la publicación y obligatoriedad de las normas. En este caso pareciera ser que la norma se adecua a una realidad material previa sin resolver problemas asociados a las apuestas educativas y curriculares, o sin incluir en su definición el papel que juegan las ideologías en la configuración de los edificios escolares que requiere el país. Si bien es cierto, en Colombia, el instituto colombiano de construcciones escolares a partir de 1972 ha emitido distintos lineamientos frente a la construcción de los espacios educativos formales, también es claro que en dichas orientaciones no se contemplan componentes socio-culturales que reflejen la necesidad de incluir campos deportivos dentro de la escuela, en este orden de ideas, los espacios deportivos al igual que cualquier otro espacio, reflejan de cierto modo el carácter político, histórico, económico e ideológico de una sociedad y de las prácticas que en la escuela prevalecen. Situación opuesta se presenta en el desarrollo y puesta en marcha de los lineamientos curriculares (1999) y la guía N° 15 (2010), documentos en los que se plantea una serie de transformaciones conceptuales y prácticas de la educación física escolar, dejando por fuera de la discusión la configuración material de los espacios educativos -arquitectura escolar-, en la que se proyectan las acciones educativas, como si los procesos didácticos y curriculares no tuviesen la necesidad de una espacialidad especial. En el caso colombiano y su educación física, el deporte es más que un contenido y medio, también es un contenedor y una idea reguladora de comportamientos.

.....

*** Jhon Carlos Cortés Murillo**

Corporación Universitaria CENDA CENDA. Bogotá, Colombia

Resumen de ponencia

LA EMPRESARIZACIÓN DEL FÚTBOL CHILENO (1973-2017): ORÍGENES AUTORITARIOS, TRANSFORMISMO Y PRIVATIZACIÓN

*Vicente Javier López Magnet

Realizaremos una lectura histórica del Estado del Arte en antecedentes de investigación sobre la transformación atravesada por el fútbol chileno durante los últimos 40 años. En consonancia con la lectura que señala que el balompié nacional sostuvo un tránsito permanente hacia la profesionalización de sus actores e institucionalidad hasta mediados de la década de los 70, daremos cuenta de cómo tras el golpe militar del 11 de Septiembre de 1973, realizó un viraje hacia lo que entendemos como su "empresarización". Suponiendo que dicho proceso tuvo consecuencias inéditas en el carácter de élite de sus dirigentes, elaboramos hipótesis de trabajo, que nos permitan proyectar la trayectoria del fútbol chileno en la actualidad, y el papel que las élites políticas y económicas del país han jugado en dicho panorama.

Pretendemos describir grosso modo el proceso de cambio del fútbol hasta situar su especificidad en el contexto de lo que denominamos como el "Chile actual", lo que exige poner elementos sobre la mesa que arrojen luces sobre cómo los hechos posteriores al golpe iniciaron una larga marcha hacia la industrialización del fútbol profesional como una actividad dirigida por empresarios, en función de sus propios intereses, aun cuando conserva el estatus de asunto de Estado; y con un formato de gestión y organización cada vez más parecido al de una gran empresa en un contexto de libre mercado.

En primer lugar, sostenemos que en Dictadura, el fútbol se vio permanentemente sujeto a los vaivenes de los conflictos de interés al interior del régimen militar, perdiendo progresivamente su independencia económica frente a éste, dando pie a una nueva forma de subordinación del fútbol a la discreción del poder del régimen militar y a la producción de una trama simbólica basada en factores claves en años venideros como la consagración de una "mentalidad ganadora" o de un "nacionalismo de mercado". No obstante, juzgamos que el éxito de la Dictadura en el fútbol es parcial, destacando mucho más los fracasos asociados a su labor al provocar una profunda crisis, y no lograr un reemplazo estructural ni en el régimen de propiedad de los clubes de la competencia profesional.

Por su parte, las características del proceso chileno de vuelta a una situación democrática, permitieron la extensión de un fenómeno denominado en la literatura como el "transformismo", sobre lo cual se desarrollaron tres fenómenos que caracterizan la situación del fútbol chileno en los 90's: (1) un sostenido crecimiento de la economía y el mercado; (2) el crecimiento progresivo de la deuda histórica contraída por los dirigentes de los clubes durante la Dictadura; y (3) una agresiva entrada de los medios (especialmente, la televisión) como los agentes que tomarán posición como

principales financistas de la actividad, en reemplazo del Estado. En aquel contexto, se agudizaron rápidamente las contradicciones a las que se veía sometido el asociacionismo civil, gestando una crisis económica y deportiva en la que el fútbol chileno se verá sumido durante todo el siglo XXI. Tanto antecedentes de experiencias extranjeras, como el contexto nacional justificaron, en su minuto, la implementación de una lógica de gerenciamiento, esto es, de la transformación de dichos intangibles sociales en bienes negociables a través del mercado, transformando la gestión y organización del fútbol profesional en un problema cuyas decisiones se toman entre y por actores originarios del mundo empresarial, lo cual fue coronado por la implementación, en mayo de 2005, de la Ley 20.019 de Sociedades Anónimas Deportivas Profesionales (SADP).

Es certero afirmar que, con el cambio legal, se aceleran y dinamizan una serie de cambios a nivel de los 3 aspectos (Estrategia - Estructura y Procesos - Cultura Organizativa) que componen a una organización, en este caso, lo que a contar de la implementación de la Ley 20.019 se denomina como "Organizaciones Deportivas Profesionales" (vale decir, los clubes de y con fútbol que integran el profesionalismo). Junto con lo anterior, cabe considerar que desde el momento en que dicha transformación es decidida a partir de un acuerdo legislativo, la crisis y conversión de los clubes deportivos en tanto asociaciones cívicas no sólo debiera ser considerada como un problema exclusivo de sus dirigentes. Es más, es fácil afirmar que nunca ha sido por entero un problema de los privados, sino principalmente un asunto de Estado. Más aún en el Chile actual, si tenemos en cuenta la estrecha relación que ha guardado con el "partido del orden" que ha promovido su empresarización, así como con el malestar que encuentra una válvula de escape en cánticos contra dirigentes, enfrentamientos con las fuerzas de orden público y cada vez mayores niveles de organización social contra el programa de gestión y organización que comúnmente se denomina "el modelo SADP", muy en sintonía con la creciente pérdida de legitimidad que atraviesa la pax neoliberal desde 2011 hasta hoy.

La trayectoria aquí trazada nos permite plantear diversas hipótesis de trabajo, relativas a (1) las trayectorias desarrolladas por los dirigentes contemporáneos, (2) la relación entre el régimen político y las estructuras y posiciones de toma de decisión en los clubes de fútbol profesional, y (3) las diferencias a la interna de dicho grupo.

(1) En el Chile actual, seríamos testigos de que la principal trayectoria de circulación de los dirigentes tiene su origen en los directorios de grandes empresas y/o en lo que hemos brevemente planteado como el Partido del Orden, con destino a la ocupación de puestos de directorio y propiedad en las respectivas SADP creadas desde cada club. En ese sentido, los planteles de fútbol han pasado a ser gestionados como empresas en contextos de libre mercado, sufriendo desde 2005 la progresiva modificación de su estructura organizativa con acuerdo a la Ley 20.019. En ese contexto, la idea de "profesionalización" de la gestión y organización de la actividad más bien dice relación con un recambio del personal dedicado a las tareas administrativas: puede tratarse efectivamente de la conformación de cuerpos funcionarios con mayores competencias, una ola de "nuevos tecnócratas del fútbol", lo cual es perfectamente compatible como una estrategia del círculo íntimo que gobierna el fútbol desde el Consejo de Presidentes de la ANFP para asegurar su continuidad y reproducción a lo largo del tiempo, cual oligopolio partidario.

(2) Lo anterior no sólo significa una pérdida de la civilidad de las instituciones, sino que

también plantea un cambio en su relación con la institucionalidad democrática (la cual se desarrollará por medio de vínculos clientelares) y el Estado (el cual pasa de ser interventor o empresario, a un rol de regulador garante). En ese sentido, dado el carácter tutelado de la institucionalidad democrática y la carencia de espacios de organización social vinculante en los clubes, primando el desarrollo de interacciones vinculantes con el alto empresariado y el Partido del Orden. Estos toman control general de la actividad, sólo obstruidas por eventuales disidencias producidas a la interna del Consejo de Presidentes de la ANFP.

(3) Por su parte, las mentadas disidencias a la interna del Consejo de Presidentes de la ANFP podrían salir a la luz a partir de factores como la carga moral y las desigualdades de origen asociadas a la pertenencia a los distintos clubes, las diferencias políticas entre y dentro de los partidos a los que los dirigentes se mantienen asociados, o la interferencia de intereses empresariales desarrollados por fuera del ámbito estrictamente restringido al fútbol.

Las hipótesis expuestas, a su vez, condensan en una gran hipótesis general de trabajo para el análisis de la transformación de las dirigencias entre 1997 y 2017: éstas habrían asimilado los cambios culturales sufridos por la institucionalidad política nacional, creando su propio dispositivo transformista (consagrado por la Ley 20.019) en línea con la agenda programática autoritaria. Todo esto se traduce en la construcción de un mito de modernización, y el desarrollo de un amplio abanico táctico-estratégico alineado con los designios del proyecto neoliberal, sin asegurar una superación efectiva y definitiva de la situación económica y deportiva crítica que debía ser superada por la implementación del nuevo formato jurídico-organizacional.

.....

* Vicente Javier López Magnet

Departamento de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales . Universidad de Chile - DS/UCHILE. Ñuñoa, Santiago, Chile

Resumen de ponencia

LA POLÍTICA PÚBLICA CONTRA LA VIOLENCIA DEL FÚTBOL EN COLOMBIA

*John Alexander Castro Lozano

El fútbol es un deporte que pone frente a frente a dos equipos en el terreno de juego. Ese encuentro es una competencia que genera distintas rivalidades, asumidas por los seguidores que los apoyan. Los Grupos Organizados de Hinchas, usualmente denominados como barras bravas, se constituyeron en Colombia entre 1991 y 1998. El surgimiento de las barras bravas desembocó en la radicalización de las rivalidades futbolísticas ya que se hicieron recurrentes los enfrentamientos (verbales y físicos) entre los integrantes de estos grupos. En otras palabras, las barras bravas llevan al extremo las rivalidades y son manifestadas a través del aguante.

El aguante es una noción, una práctica y un valor de las barras bravas y se manifiesta en dos escenarios: en la tribuna y en las calles. El aguante en la tribuna expresa comportamientos festivos y en la calle son conductas violentas, es decir, el carnaval y el combate. El combate es una norma callejera que busca la supremacía del más fuerte y funciona, únicamente, en el enfrentamiento físico ya que las palabras no sirven para nada, “se las lleva el viento” y simplemente queda afrontar la pelea. Por eso, los miembros de las barras bravas se involucran en combates, como resultado del encuentro en zonas aledañas al estadio o en los barrios de distintas ciudades.

La lucha cuerpo a cuerpo busca agredir al adversario; quien en algunas ocasiones puede resultar herido e incluso puede ser asesinado por el uso de armas blancas o de fuego. La violencia o el combate es un comportamiento regular entre los Grupos Organizados de Hinchas ya que posibilita el respeto; propinar golpes y recibirlos tienen como consecuencia las huellas en el cuerpo ya que intervenir implica recibir lo mismo que se ha dado; concediéndole, al integrante de la barra brava, un ascenso en la posición en el grupo, al salir del anonimato. Así, el aguante es una norma que sólo se puede comprender al interior de las barras bravas.

El inicio del nuevo milenio mostró un cambio generacional, relevo que radicalizó las rivalidades y los enfrentamientos se hicieron recurrentes y más graves pues la utilización de armas blancas se convirtió en uso habitual. El uso de este tipo de armas ha provocado en Colombia, entre 2004 y 2016, alrededor de 113 homicidios, en los que han estado involucrados integrantes de barras bravas. Por estos crímenes han sido condenadas, cerca de 20 personas, es decir, el anonimato y la impunidad se ha caracterizado en la violencia del fútbol. Este número de homicidios suponen un panorama de violencia e impunidad, ligada al fútbol de Colombia.

El aguante es una noción, una práctica y un valor contradictorio con la seguridad

ciudadana. En consecuencia, se han propuesto los decretos 523 de 1999, 164 de 2004 y 455 de 2008 de la Alcaldía Mayor de Bogotá y las leyes 1270 de 2009, 1445 de 2011 y 1453 de 2011 de la Presidencia de la República. El propósito de las normas establecidas es reducir los índices de violencia ligada al fútbol. No obstante, las medidas establecidas proponen, una y otra vez, una serie de medidas y de sanciones que no han logrado la trascendencia esperada. Asimismo, el Programa “Goles en Paz” y la “Comisión Nacional para la Seguridad, Comodidad y Convivencia en el Fútbol” tampoco han arrojado los resultados proyectados. Además, la participación de la Policía Nacional ha mostrado que es capaz de sofocar la violencia de las barras bravas, ejerciendo más violencia que estas agrupaciones.

Esta ponencia pretende comprender la violencia desde la perspectiva de los miembros de las barras bravas y el papel que cumple la Policía Nacional en los desórdenes de los Grupos Organizados de Hinchas. Además, exponer la trascendencia de la política pública instaurada en Colombia, medidas planteadas que buscan reducir y sancionar los comportamientos conflictivos, agresivos y violentos de los integrantes de las barras bravas. De ese modo, este texto se ordena de la siguiente manera. Primero, se contextualiza y se interpreta la violencia de los grupos organizados de hinchas. Así mismo, es analizada la intervención de la policía en los comportamientos violentos de los integrantes de las barras bravas. Y segundo, se elabora una apreciación sobre la política pública establecida en Colombia ya que el propósito es mostrar el alcance de los decretos y las leyes.

.....

*** John Alexander Castro Lozano**

Doctorado en Estudios Sociales . Facultad de Ciencias y Educación. Universidad Distrital Francisco José de Caldas - DES/UDistrital. Cundinamarca- Bogotá, Colombia

Resumen de ponencia

LA SITUACIÓN DE LOS CLUBES DE FÚTBOL DE MAR DEL PLATA EN LA ACTUAL COYUNTURA SOCIOECONÓMICA

Observatorio para el Desarrollo Local - ODL (Argentina)

*Jesús Facundo Rodríguez

Nuestro trabajo de investigación se propone analizar y describir el estado de situación general de los 32 clubes de fútbol de la ciudad de Mar del Plata y Batán organizados institucionalmente en torno a la Liga Marplatense de Fútbol, hoy presidida por el Dr. Roberto Jorge Fernández. Este trabajo de investigación forma parte de una serie de análisis y estudios desarrollados desde el Observatorio para el Desarrollo Local que tienen como objetivo principal adentrarse en la particular realidad de nuestra ciudad en sus múltiples dimensiones: económica, social, política y cultural. Al mismo tiempo, y como el título del trabajo lo expone, nos proponemos prestar especial atención a las repercusiones de la actual coyuntura socioeconómica en la situación de los clubes y las implicancias en la función social que cumplen los mismos.

Este marco general de trabajo se fundamenta, a su vez, en la idea de poner en discusión en la agenda pública el desafío del desarrollo local. En este sentido, partimos de considerar que al momento de comprender la realidad se debe sumar a sus variables de análisis histórica y social, a aquella que se refiere al territorio, esto es, su dimensión espacial. De acuerdo con la concepción según la cual toda realidad es social, es temporal y es espacial, se puede afirmar que lo territorial es constitutivo de las relaciones sociales y que si el tiempo es la dimensión del cambio, el espacio es la dimensión de la multiplicidad (Madoery, 2012). Si se omite la cuestión espacial se abona a la idea de que todas las sociedades deben transitar el mismo camino, cayendo así en una concepción del desarrollo positivista y de progresividad.

De ello deriva lo estratégicamente importante de profundizar los estudios (y sus consecuentes intervenciones sociopolíticas) “desde y para” nuestra localidad y sus alrededores (a la vez que “desde y para” nuestro país y nuestra región). El pensamiento situado (Madoery, 2012) que aquí intentamos asumir se contrapone con la versión sesgada y limitada del desarrollo configurada por la Modernidad donde se asume que el comportamiento económico de los actores puede ser analizado prescindiendo del contexto histórico, social, cultural e institucional donde éstos se desenvuelven. En contraposición con esta perspectiva, asumimos al desarrollo como un proceso de construcción social complejo, responsabilidad de los actores personales y colectivos de una sociedad que, a través de acuerdos, instrumentos y estrategias contribuyen a la gobernación del proceso y a su sostenimiento en el tiempo. De esta manera, no sólo los procesos económico-sociales y laborales, sino también los jurídico-institucionales y los culturales-simbólicos, son considerados como dinámicas productoras de sociedad. Son campos concomitantes, ya que toda sociedad funciona con algún tipo de organización social, algún tipo de reproducción social y algún tipo de

regulación social (Madoery, 2008). Se reconoce además, que esos procesos están atravesados por relaciones de poder entre sujetos con diversidad de inserción en la trama social, con particular interpretación de los fenómenos emergentes e históricos y con diferente incidencia sobre la realidad social. De tal modo que entre los actores sociales se generan dinámicas colaborativas, y/o cooptativas, y/o competitivas, y/o conflictivas entre sí.

Adentrándonos en lo que refiere a la temática de interés del estudio, es decir, los clubes de fútbol de Mar del Plata, cabe afirmar que entendemos a los mismos como espacios de encuentro y socialización, entidades motivadas, sobre todo, por la afinidad a actividades deportivas y a los vínculos sociales y culturales que nacen de las relaciones humanas: constituyen marcas identitarias de la sociedad argentina en general, y marplatense en particular.

Como afirma Víctor Francisco Lupo (2016), los clubes en la Argentina tienen su origen histórico en una necesidad social ya que la gente necesitaba reunirse y una de las principales excusas fue el deporte. Se desarrollaron a lo largo del siglo XX y se crearon como espacios de reunión para sustentar la práctica del deporte formativo y constituyeron la base del deporte comunitario argentino. Estas organizaciones creadas y conducidas por la libre voluntad de la gente, autónoma e independiente del Estado, unieron sus esfuerzos para disfrutar de la práctica del deporte. Los clubes sociales, culturales y deportivos, llamados Clubes de Barrio, son un fenómeno social desarrollado a lo largo y a lo ancho de la Argentina. Y Mar del Plata no es la excepción. Al igual que en todo el país, constituyen una indiscutible fuente de lazos comunitarios que forjan diariamente fuertes sentimientos de pertenencia a una comunidad, a una entidad, a una camiseta o insignia, se erigen como un espacio de integración social, de transmisión de valores y tradiciones comunitarias. Su función social es de una magnitud inmensurable, de ahí su razón de ser.

Por su parte, el deporte, como ninguna otra actividad humana, está colmado de valores intangibles a los cuales introduce a chicos y jóvenes: respeto, cooperación, relación social, amistad, competitividad, trabajo en equipo, participación de todos, expresión de sentimientos, convivencia, lucha por la igualdad, responsabilidad social, justicia, preocupación por los demás y compañerismo, entre tantos otros (Lupo, 2016). Por último, debemos decir que la metodología de investigación escogida fue la realización de una entrevista a cada presidente de cada club en el transcurso de los meses de junio y julio del corriente año, en la cual se consultaron aspectos diversos de las instituciones deportivas tales como estado de infraestructura, situación legal, masa societaria y coyuntura económica. A esto se sumó el análisis de referencias bibliográficas en la temática. Consideramos que la entrevista sumada a la visita de los clubes se condice con el objetivo de involucrarse en la realidad de los mismos, representa una primera instancia en esa línea y permite establecer un vínculo con su principal referencia institucional sin reducir el desarrollo del trabajo de investigación a meras consultas de tipo técnico. Cabe aclarar también, que el trabajo de investigación resulta ser un primer puntapié de otras investigaciones con mayor especificidad, de ahí su carácter introductorio y abierto.

.....

*** Jesús Facundo Rodríguez**

Observatorio para el Desarrollo Local - ODL. Mar del Plata, Argentina

Resumen de ponencia

LA TRANSFORMACIÓN DE LA NBA ANTE LAS EXIGENCIAS DEL ESPECTÁCULO

*Adriana De Jesús Salamán

Con el pasar de los años, y con la noción de monetizar los eventos deportivos profesionales, el acto del “juego” parece regirse cada vez más por las reglas del espectáculo que el juego mismo. Es decir, los reglamentos de competición se modifican para apelar más a la base generadora de ingresos; se regula la unicidad mediante códigos de vestimenta, se oprimen las expresiones emocionales, frustraciones o ideologías dentro y fuera de la cancha mediante sanciones como multas, entre otros. Desde el ejemplo de la liga de baloncesto profesional estadounidense (NBA), este ensayo abordará cómo se ha modificado el rol de los baloncestistas profesionales hasta convertirlos en figuras dóciles cuyo único fin es el entretenimiento, más allá de competir o “jugar”. La ponencia se desplaza de un lado a otro, dentro y fuera de la cancha, realiza una comparativa del baloncesto en sus inicios con su versión actual. Por ejemplo, en el 1891, este deporte, podría decirse, era sumamente sencillo y solo consistía de 13 reglas. Creado por el doctor James Naismith, el juego proponía una actividad física bajo techo para estudiantes durante el invierno. El primer encuentro se llevó a cabo con equipos de nueve jugadores luchando por encestar una bola de fútbol (“soccer”) en canastos improvisados antes que finalizaran las dos mitades de 15 minutos cada una. De provocarse un empate, los capitanes debían determinar si el juego continuaba. Al presente, el invierno es solo un factor que motiva la venta de mercancía acorde con la temporada. La NBA cuenta con sobre 100 reglas, entre ellas el que solo cinco jugadores por equipo pueden estar en cancha a la vez y el encuentro se divide en cuatro parciales de 12 minutos cada uno. Asimismo, la posesión de la bola es limitada por tiempo y los empates son resueltos con cinco minutos adicionales de competencia. Se alienta la acción rápida y prodigiosa y cada noche debe finalizar con un solo vencedor, nada de empates o igualdades. Algunas instancias en donde sobresale la intromisión del comportamiento espectacular en el juego son el llamado “phantom cam” y la porción “wired”. La primera consiste de cualquier tiro de cámara que no provenga de la transmisión principal y puede ver a los jugadores mientras están sentados en el banquillo o mientras están en cancha pero la acción no necesariamente se enfoca en ellos. La segunda revela la existencia de micrófonos ocultos alrededor de la cancha y graba el audio de los jugadores mientras preparan jugadas o de los dirigentes al dar instrucciones. “Aquí, mirar no solamente es vivir, sufrir, esperar y comprender, sino que es también, y sobre todo, decirlo con la voz, con el gesto, con la cara: es manifestarlo ante el mundo entero. En una palabra, es comunicar” (Barthes, 2003). Ambas contribuyen a la vigilancia y visualización constante de los actores del espectáculo. En esa línea, resulta menester discutir el rol de los jugadores, quienes, más allá de incurrir en una práctica atlética, asumen el rol de “mercancía” dentro del andamio espectacular de la liga profesional. Como explica

Debord (1967), el mundo visto a través de los ojos del espectáculo es uno en donde las mercancías dominan lo vivido. El estudio se basará entre otros trabajos, en las obras de Guy Debord y Mario Vargas Llosa, *La sociedad del espectáculo* y *La civilización del espectáculo*, respectivamente, para definir el término “espectáculo” y cómo es distinto al juego, “actividad que envuelve un nivel de pretensión, un encuadre de simulación” (Dávila, 2005). Igualmente, es un análisis cualitativo enfocado en un caso específico, la NBA y sus reglamentos a lo largo de su historia, con particular énfasis en el 2005 (NBA Dress Code) y la política sobre descansar jugadores (2010). Además, se presentarán ejemplos que sostienen la sospecha inicial: con la profesionalización, llega el espectáculo y, por tanto, se pierde la crudeza del deporte, lo brusco y lo comúnmente catalogado como “real” para darle paso a la suavidad, lo manso y superficial que todos puedan consumir.

.....

* Adriana De Jesús Salamán

Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Piedras UPR. San Juan, Puerto Rico

Resumen de ponencia

LAS ARTES MARCIALES CHINAS COMO FORMA DE INSERCIÓN CULTURAL Y FORTALECIMIENTO DE SOFT POWER CHINO EN AMÉRICA LATINA: LOS CASOS DE ARGENTINA Y CHILE

*Sebastián Sánchez González

El concepto de poder es sin duda uno de los elementos básicos en todo análisis político y por lo tanto también lo es en las relaciones internacionales. Pero actualmente en el área de los estudios que abordan el campo internacional nos encontramos con posturas teóricas que ya no solo entienden el poder con sus concepciones clásicas asociadas principalmente a la capacidad económica o militar (hard power), sino que comienzan a abordar nuevos elementos en las relaciones de poder a nivel internacional donde los elementos culturales y de percepción de los actores juegan un papel también importante. A estos nuevos elementos se les ha denominado siguiendo el concepto del politólogo estadounidense Josep Nye como soft power.

Entendemos el soft power como la habilidad de obtener lo que se quiere a través de la atracción antes que de la coerción o las recompensas. En este sentido, surge del atractivo de la cultura de un país, de sus ideales políticos o de sus políticas (Nye, 2004: IX). Implica entonces “lograr que otros ambicionen lo que uno ambiciona” (Nye, 2003:30). Siguiendo esta definición, la presente propuesta pretende evaluar el soft power chino en la región en dos de las fuentes de este poder que señala Joseph Nye (2004:11): la cultura y la política exterior.

Sin dudas, una cultura milenaria como la China atrae y seduce, y el poder blando es la habilidad de atraer (Nye, 2004: 6). De hecho, así lo planteaba en 2005 Zheng Bijian, presidente del China Reform Forum, cuando señala que gran parte del ascenso pacífico de China tiene estrecha relación con el auge de su cultura.

Sumado a esto, las nuevas corrientes teóricas y epistémicas en relaciones internacionales que asumen el concepto de sociedad internacional como objeto de estudio de su campo, implican que se reconocen una multiplicidad de actores posibles dentro del campo internacional. Entonces ya no es solo el Estado, actor clásico y principal de los estudios internacionales, el que es susceptible de análisis, sino que otros actores no gubernamentales adquieren también relevancia epistémica.

En esta propuesta buscamos mostrar como las artes marciales chinas son un elemento de inserción cultural que favorece a China como actor internacional, fortaleciendo su soft power en la región. En esta perspectiva abordamos como la práctica deportiva de las artes marciales y sus organizaciones pueden ser un campo de análisis relevante e interesante a la hora de abordar problemáticas y tópicos de relaciones internacionales. De esta manera las distintas academias y organizaciones de artes marciales chinas pueden convertirse en agentes de la inserción cultural y el Soft Power chino. Pero ¿este rol es propiciado por China a través de un tipo de diplomacia pública o bien es

llevado a cabo solo por las organizaciones como un tipo de paradiplomacia por fuera de cualquier ámbito estatal o gubernamental?

Desde el año 1978, la serie de reformas impulsadas por Deng Xiaping han llevado a China de una manera continua de ser un país prácticamente aislado del comercio internacional, a la actual potencia mundial (Vargas, 2005). Especialmente desde los años noventa se percibe a China como una nación en ascenso y como un miembro cada vez más activo del sistema internacional (Hernández y López, 2009).

Dentro de esta expansión, América Latina ha tenido una importancia especial para China, especialmente en los ámbitos económicos y comerciales, pero también diplomáticos. Sumado a esto se podría hablar también del fenómeno migratorio, donde América Latina cuenta con más residentes Chinos que la suma de estos en África, Oceanía y Europa juntos (Biblioteca del Congreso Nacional, 2008).

Pero más allá de estos aspectos, que muestran el evidente “poder duro” de China en la región, desde el periodo del presidente Hu Jintao (2004-2012), el país asiático ha involucrado otras formas de acercamiento como parte de su particular estilo de diplomacia pública y soft power que se incorporan en el discurso y practica de su política exterior (Youming, 2010), como una forma de contrarrestar las “teorías de la amenaza” surgidas especialmente en Estados Unidos y Europa por su impresionante crecimiento.

El presente trabajo es una investigación exploratoria y acotada dentro de una investigación doctoral más amplia sobre el soft power chino en América Latina que aborda también a la Medicina Tradicional China y la enseñanza del chino mandarín. En este caso se enfoca principalmente en entrevistas a representantes y maestros (sifu) de artes marciales chinas como Choy Lee Fut, Kuoshu, Wushu y Taiji presentes en Chile y Argentina, abordando sus percepciones sobre el gigante asiático y sus vínculos con el mismo. Bajo esta perspectiva buscamos también responder si esta inserción cultural proviene también de un tipo de diplomacia pública por parte de China (propiciada por este país) o si responde a un tipo de paradiplomacia por parte de las diferentes organizaciones y por fuera de los ámbitos estatales y gubernamentales.

.....

*** Sebastián Sánchez González**

Departamento de Investigación y Postgrados. Universidad Academia de Humanismo Cristiano - DIP/UAHC. Comuna de Providencia, Santiago, Chile

Resumen de ponencia

LAS BARRAS FUTBOLERAS COMO PROCESO INVESTIGATIVO Y DE TRANSFORMACIÓN SOCIAL, EN TERRITORIO, GENERO E IDENTIDADES EN EL ESCENARIO RURAL.

Universidad de Cundinamarca. Centro de Investigación Regional Orlando Fals Borda - CIROFB/UDEC (Colombia)

*David Marroquin

*Lina Milke

*Omar Rivera

En el Centro de Investigación Regional Orlando Fals Borda, de la facultad de Educación de la Universidad de Cundinamarca, se han venido implementando varios proyectos de investigación, que hacen parte del campo de los Estudios Sociales del Deporte, en lo que tiene que ver con las juventudes, la ruralidad, las relaciones de género en el fenómeno de las barras futboleras, en esta perspectiva el territorio real y simbólico convergen en la construcción de identidades colectivas, en la construcción de subjetividades a partir del barrismo social.

En este proceso se puede evidenciar procesos participativos de los jóvenes barristas para mejorar la convivencia y la forma de identificar sobre ser hincha de un equipo de fútbol, en el contexto rural como en el caso específico en los municipios de Fusagasugá y Girardot. Y la interacción con los hinchas que transitan por la carretera panamericana, que recorren el país para alentar los equipos del fútbol profesional colombiano.

En el marco de los estudios sociales del deporte se enmarca este proceso investigativo, porque existe un dialogo entre las diferentes Ciencias Sociales en relación a la afición del Fútbol y la pasión que permite a los hinchas dejar todo y por su aguante recorrer el país y el continente por su equipo y los colores de su camiseta, en algunos casos sin recursos económicos, van como nómadas logrando algo para llegar a su meta, durmiendo en la carretera o en las calles de algunos municipios y ciudades.

A partir de este contexto se planteó el proyecto de investigación “Ruta de Expresiones Juveniles en Organizaciones Barristas un Recorrido entre Bogotá, Soacha Fusagasugá y Girardot”. Periodo 2015-2017. Es una propuesta que permite reconocer en este proceso de intercambio se evidencian diferentes expresiones en la apropiación del territorio, confrontaciones entre hinchas de equipos contrarios, como procesos de asimilación de organizaciones barristas que pertenecen a los municipios que conforman este recorrido, logrando acompañamiento en el viaje como lugares de alojamiento y alimentación en el proceso organizativo del colectivo barrista.

En esta propuesta se puede evidenciar la relación entre la ruralidad como escenario de transformación permanente con las expresiones urbanas que parecen llegar a

municipios que hacen parte del impacto social de encontrarse en una de las rutas de acceso a la ciudad capital, pero además como puertas de intercambio con diferentes regiones del país que recorren y encuentran diferentes formas de reconocer al otro y las maneras de expresarlo en el campo simbólico y en agresiones por pertenecer a un equipo diferente.

Además, se evidencia la relación entre la familia, la escuela, la carretera y el espectáculo del fútbol y las diferentes narrativas emergentes que se generan en las experiencias de viaje y los diferentes problemas, como los accidentes, los enfrentamientos con otras barras y la organización como grupo o individuos en una aventura recorriendo un corredor comprendido entre; Bogotá, Soacha, Fusagasugá y Girardot.

En la complejidad y el impacto de la interacción de los barristas viajeros y los barristas que hacen parte de los municipios de este proceso de investigación, reconociendo la perspectiva de género y el rol de las mujeres en el tránsito y apropiación del territorio, entre el estadio, la carretera y los escenarios de encuentro en los viajes, los roles y las alteridades entre los jóvenes barristas.

En esta relación carretera, experiencias de viaje, la familia y la escuela, permiten entender las dinámicas por salir de la rutina y encontrar un sentido diferente a la vida, por esta razón ha sido importante indagar en la relación del hincha y la ausencia, porque en algunos casos son menores de edad que se evaden de la familia y aparecen semanas después del viaje dejando todo de lado, como las obligaciones de asistir en la Escuela.

Es importante en esta investigación reconocer el riesgo del viaje porque en varias ocasiones el hincha viaja en la parte trasera de un camión y han ocurrido varios accidentes que han segado la vida de personas jóvenes que nunca regresan al hogar y menos a la escuela, además de posibles lugares de encuentro con hinchas de barras contrarias en el caso del corredor sur, en el peaje de Chusaca en Soacha y el peaje de Chinauta en Fusagasugá, lugares donde se han presentado altercados entre los hinchas carreteros o guerreros del camino, como son denominados.

En algunos casos las organizaciones barristas desarrollan protocolos para realizar los viajes, en conjunto con la policía nacional y entidades de gobierno, mientras otros viajan por su cuenta, recorriendo el país en pequeños grupos, exponiéndose a problemas de seguridad y convivencia en los puntos de encuentro o en las entradas de las ciudades. Estos jóvenes son la población objetivo que es consultada por medio de historias de vida y entrevistas en el marco de los recorridos del corredor sur.

Además, estos relatos de viaje serán recogidos por guerreros del camino de cuatro colegios, cada uno de los municipios de Bogotá, Soacha, Fusagasugá y Girardot, donde se pretende reconocer el manejo del territorio y el contraste de conocimiento que tienen los hinchas en los diferentes contextos, como la casa, el barrio y los recorridos por carretera y los conocimientos que imparte la educación formal en su proceso y la constitución de identidades y subjetividades.

.....

*** David Marroquin**

Centro de Investigación Regional Orlando Fals Borda. Universidad de Cundinamarca - CIROFB/UDEC. Cundinamarca, Colombia

*** Lina Milke**

Centro de Investigación Regional Orlando Fals Borda. Universidad de Cundinamarca - CIROFB/UDEC. Cundinamarca, Colombia

*** Omar Rivera**

Centro de Investigación Regional Orlando Fals Borda. Universidad de Cundinamarca - CIROFB/UDEC. Cundinamarca, Colombia

Resumen de ponencia

LAS NOCIONES DE JUEGO EN EL MARCO DE LA REPRESENTACIÓN DEPORTIVA NACIONAL: PUERTO RICO EN LOS CENTROAMERICANOS DE 1966 Y EN LOS PANAMERICANOS DE 1979

*José Manuel Encarnación Martínez

Como atleta y como ser humano desarrollado en el mundo deportivo siempre me ha llamado la atención la forma en la que la prensa y la academia abordan las profundidades del ambiente. Tradicionalmente, en Puerto Rico las nociones que se han desprendido de estudios sobre el deporte no se han aventurado a enfocar la mirada desde una perspectiva amplia, donde este pequeño mundo sea pensado -más allá del juego, la recreación y el entretenimiento- como un fenómeno social de gran impacto, cuya profunda gama de complejidades -todavía hoy, con sus excepciones- mantiene abierta la puerta para que se atiendan múltiples asuntos que, para bien o para mal, permanecen bajo la sombra del olvido colectivo del país y, en términos generales, de la historia.

Ante eso, los objetivos de esta investigación historiográfica están enmarcados en la intención de elaborar una narrativa descriptiva y crítica sobre eventos deportivos que sirvan para entender que las complejidades envueltas en el deporte puertorriqueño, en el marco de nuestra condición colonial con los Estados Unidos y entendiendo el impacto internacional de una soberanía deportiva que no es sinónimo de autonomía en el escenario estatal, trascienden el imaginario del juego, del entretenimiento y la recreación.

Como lo planteó Kevin B. Wamsley, después de la Segunda Guerra Mundial, los Juegos Olímpicos [y añadido: el escenario deportivo internacional] se convirtieron en uno de los espacios más importantes para poner en marcha de manera “simbólica” las políticas de la Guerra Fría. En ese sentido, en las olimpiadas llevadas a cabo durante este periodo convulso, las presiones generadas por la competencia [tanto política, como deportiva] extendieron los límites del rendimiento humano mucho más allá de las condiciones físicas de los atletas, así como de su desempeño y el del resto de los protagonistas del momento. Esto, a la vez que -a su modo de ver- ese devenir histórico se alineó con las nociones de progreso del siglo XX.

No obstante, más allá de las luchas de poder político y económico que marcaron la evolución del imaginario deportivo que aborda Wamsley, durante la segunda mitad del siglo XX la violencia y el fortalecimiento de movimientos independentistas alrededor del mundo terminaron avivando nuevos fenómenos sociales que bien sirven para conducir nuestra reflexión a un entendimiento más profundo sobre las nociones de

juego en el contexto de la representación nacional y la identidad durante esos años de alta tensión social.

En Puerto Rico este fenómeno se ha hecho sentir y la historiografía parece no haber reconocido que, más allá de los datos, las biografías y la mención de hechos, también hay otras áreas que merecen atención y detenimiento. Los Juegos Centroamericanos de 1966 y los Juegos de Panamericanos de 1979 son dos espacios históricos cuyos contextos sociales reúnen problemáticas que al sol de hoy merecen pensamiento crítico.

Es claro que la soberanía deportiva ha sido una pieza fundamental en diferentes etapas de nuestra historia desde que Borinquen tuvo su primera aparición olímpica en los Juegos de Londres (1948). La definición de dicha soberanía no se materializó hasta julio de 1958, cuando el Comité Olímpico Internacional reconoció al Comité Olímpico de Puerto Rico como una institución “libre” del intervencionismo político norteamericano. No obstante, de acuerdo con el Tribunal Supremo de los Estados Unidos, Puerto Rico está definido como un territorio no incorporado, por lo que para todos los efectos legales la soberanía política de Borinquen está sometida al poder congresional. En ese sentido, podemos inferir que -según estipulado en ley- el deporte no es interpretado como una instrumentalidad política sobre el papel.

Si bien Puerto Rico es deportivamente soberano y su condición territorial con los Estados Unidos limita las estructuras gubernamentales del aparato estatal, ¿hasta qué punto se puede confundir soberanía con autonomía deportiva y qué peso tiene eso al momento de pensar el deporte como una nación “indefinida” en términos de estatus? Es decir, queda claro que en el escenario internacional Puerto Rico cuenta con una identidad plena que se hace sentir mediante los poderes que otorga el Comité Olímpico Internacional. Sin embargo, esos poderes que avivan al Comité Olímpico de Puerto Rico y que ponen en marcha toda la logística para desarrollar deportivamente la colonia, no impiden que el gobierno territorial pueda manipular -según la filosofía política de turno (anexionista, separatista o colonial)- los objetivos y las prioridades para con el deporte nacional.

Y ese hecho hay que tenerlo presente, pues tanto en los Centroamericanos de 1966, como en los Panamericanos de 1979, [ambos celebrados en la isla] el gobierno de Puerto Rico estaba liderado por los poderes anexionistas, quienes hicieron todo lo posible por alterar el impacto político de los eventos y que, igual, a través de la historia se han dedicado a trastocar las capacidades del olimpismo boricua.

.....

* José Manuel Encarnación Martínez

Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Piedras UPR-RP. Río Piedras, Puerto Rico

Resumen de ponencia

LAS PRÁCTICAS RITUALES DE LOS HOMBRES QUE JUEGAN FUTBOL. UNA MIRADA DESDE LA ANTROPOLOGÍA FEMINISTA.

*Fernando Huerta Rojas

El análisis del deporte y la sociedad, estudiado desde la antropología feminista, permite conocer y comprender por qué el siglo XX se convirtió en el siglo de la deportivización globalizada de la sociedad; del proceso ordenador y potenciador de la sexualidad de los cuerpos masculinos y femeninos. Permite ver por qué se volvió un mecanismo controlador de sus emociones, sentimientos, deseos, fantasías, imaginarios, de la praxis ritual del conjunto de manifestaciones y simbolizaciones de las identidades y subjetividades genéricas, así como en la cultura de la disciplina y supervisión de la salud corporal, y en la práctica, por excelencia, de la puesta en escena de los atributos de la masculinidad hegemónica.

La deportivización de la sociedad expresa el grado de desarrollo y nivel competitivo de una sociedad; la capacidad económica, política y social del Estado y sus instituciones para organizar y participar en eventos deportivos locales, nacionales e internacionales. Pone de manifiesto el interés de los gobiernos federal, estatal y municipal en la gestión, promoción y difusión deportiva. Este proceso permite conocer la forma como la sociedad política y civil se incorporan y participan en los proyectos, los eventos y las actividades de esta práctica sociocultural.

Desde este escenario, me propongo elaborar una serie de primeras aproximaciones sobre las formas socioculturales de género, como los hombres han organizado y organizan su experiencia lúdica y el conjunto de acciones que ello comprende en la articulación entre el futbol y el ritual. Esto es, me interesa indagar el proceso como los hombres posicionaron este deporte como una de las expresiones festivas, recreativas, contemporáneas, globalizadas y massmediáticas, en las que han logrado interseccionar mundos posibles, en los que millones de personas de distintos géneros, son partícipes de una dialéctica existencial, en la que jugar al futbol, comprende un ubi de ritualidad con complejas estructuras, funciones, procesos y experiencias que dan sentido y simbolizan el orden sociogenérico, con el que los hombres se divierten, y hacen divertirse al mundo.

Esto comprende una articulación entre la vasta estructura institucional, su práctica cultural y organización genérica como los hombres han imaginado, creado, diseñado y aplicado las condiciones para jugar al futbol. Esto implica un complejo accionar escénico, en el que tienen lugar una dialógica de la praxis del ritual, en tanto dimensión simbólica que configura lo espacio-temporal donde se celebra el juego-deporte; expresión de rupturas y discontinuidades identitarias y subjetivas del orden cultural; lugar de aprendizajes, práctica y procesos comunicativos futbolizados de todas y todos los actores sociales protagonistas del juego; expresión de la performatividad genérica como los hombres, en una dialéctica lúdica, que confirman y

no los mandatos y atributos dominantes de su condición masculina.

En relación con lo anterior, uno de los aspectos centrales de expresión del supremacismo de los hombres, es que el conjunto de mandatos y atributos masculinos que definen su condición genérica hegemónica, tenga un carácter público, lugar en el que la comprobación de lo anterior es y existe. De ahí que, los rituales de los varones signifiquen un renacimiento de hacerse nacer en un nuevo cuerpo que los homologa como sujetos de género, representantes de lo humano, en la episteme HOMBRE y su simbólico del mundo masculino que le permite su presencialidad de lo que es. Por ello, como acto iniciático, en el fútbol, los hombres epistemologizan el tránsito de su ser genérico, por el umbral del ritual, en el que ponen a prueba las enseñanzas aprendidas en la deportivización social, que comprenden el logos y la argumentación de los discursos de resistencia, valentía hombría y virilidad, con los que refrendan los mandatos y atributos dominantes de género que los constituyen como grupo juramentado futbolizado.

De esta forma, el juego, en la dialéctica de sus representaciones, tiene en el fútbol, una práctica deportiva institucionalizada, en la que convergen acciones del divertimento, el espectáculo, la fiesta, la producción recreativa, en la que mujeres y hombres participan en la colectividad del jugar un deporte, con base en la de la asignación del orden sociocultural de género dominante.

En ese sentido, ser futbolista es concebido como una de las acciones culturales institucionalizadas recomendables, por la vasta interacción que establecen los hombres. Esto les permite generar arraigos socializadores de identidad y diferencia que les define, como grupo juramentado, autoasignarse como el corpus representativo, visible, deseable, calificado y dotado para poder jugar a lo que se juega, y lograr lo que se logra, mediante la introyección de las formas simbólicas culturales del juego que significan el cuerpo de los hombres como el espacio transicional identitario del arraigo en el deporte.

De esta forma, el fútbol se intersecta con lo primordial de la vida cotidiana de los hombres, con su actuar y pensar, en la planeación de los proyectos, tanto personales como colectivos, que delinean los mundos que conforman y estructuran su vida misma. Para una buena parte de éstos, la intersección del fútbol en la cotidianidad hace fluir la fragmentación sobremoderna como se organizan los andamiajes de las actividades (económicas, sociales, culturales y políticas) que conforman la vida individual y colectiva. Esta organización social de la vida, tiene en el fútbol uno de los ejes que hila el entretejido de los componentes culturales con los que se da sentido a las tradiciones y costumbres deportivas.

Desde este ubi, y como grupo juramentado, los hombres juegan espectacularmente a asumirse como poderosos, a carnavalizar y festejar sus proezas de juego, en donde socializan e interactúan, en la rivalidad y competencia, con sus cuerpos deportivizados. Esto permite mirar en los campos de fútbol, principalmente los profesionales, cómo el cuerpo de los hombres es el itinerario de su situación vital sintetizada en una reflexión colectivizada y articulada con la propia constitución histórica de su identidad lúdica, deportiva y futbolera, que los acredita como miembros del grupo juramentado, mediante el ceremonial ritual de caballeridad y hombría que establecen los idénticos.

.....

*** Fernando Huerta Rojas**

Universidad Autónoma de la Ciudad de México. Coordinación Académica. Universidad Autónoma de la Ciudad de México - UACM. MEXICO, México

Resumen de ponencia

LEY DE ARTES MARCIALES COMO HERRAMIENTA DE EXCLUSIÓN PARA LA PRÁCTICA DEPORTIVA DEL JIU-JITSU BRASILEÑO EN CHILE

*Hugo Alonso Gonzalez Aravena

*Pamela Solange Araneda Contreras

Enriquecer y generar diálogos en torno a la realidad chilena de quienes hacen de la práctica deportiva una carrera es una tarea pendiente y a través de la presente investigación se pretende aportar a este campo de estudio.

En particular, el objetivo principal de este trabajo radicará en las disciplinas llamadas “artes marciales”; focalizado en la práctica del Jiu Jitsu brasileño en Chile, donde la legislación que la rige condiciona la práctica de esta, excluyendo al deportista e instituciones basales a la ilegalidad.

Los principales resultados son como la propia definición de artes marciales y a las disciplinas a las que refiere son definiciones muy rígidas y no contemplan la situación actual de la disciplina estudiada, y a diferencia de otros deportes, la práctica de artes marciales en nuestro país no está siendo regulado de la manera adecuada dejando un vacío que afecta a deportistas que proyectan sus carreras a través de la práctica de estas disciplinas.

Es por eso que el presente trabajo expone las diferentes falencias presentes en la legislación chilena en cuanto a la cobertura y a la práctica deportiva de las artes marciales. Es por eso que se proyectan las diferentes aristas y los vacíos legales que afectan a quienes practican estas disciplinas con el fin de profesionalizarlas; todo esto analizado desde la perspectiva teórica de Luhmann, específicamente desde la lógica de exclusión-inclusión.

La actual ley “Establece normas sobre control de las artes marciales N° 18.356” bajo la cual se regula la práctica de las artes marciales en Chile, donde la naturaleza de esta ley es de carácter punitivo y coercitivo ya que el no cumplimiento de esta conlleva a penalidad jurídica por el uso no reglamento de éstos o de sanciones monetarias. Sumado a que la inclusión a la normativa contempla un deber monetario ya que establece tasas de derecho con el fin de “regularizar” tanto a practicantes como a quienes imparten dichas disciplinas; se imponen cuotas tanto de inscripción, cuotas para realización de campeonatos e incluso por la autenticación de los grados. Todo lo anterior regulado en teoría por un comité de expertos; generado por los mismos integrantes ya inscritos (incluidos).

Con los sustentos teóricos y el trabajo de campo se busca revisar en el sentido práctico de tal cuerpo jurídico con la finalidad de identificar en concreto las falencias que se presentan a quienes desarrollan dichas disciplinas tanto de manera recreativa como con fines deportivos y con aspiraciones de una futura profesionalización.

Acentuando el sentido real, las tasas de derecho, las restricciones propias del uso de implementos, así como in situ la nula asistencia y/o mención de la cobertura en caso

de accidentes durante torneos y/o competencias imposibilitan a la actual ley a ser considerada como un avance propiamente tal, además de la posibilidad de acceder a fondos concursables propios de la “ley de deportes”

Durante el informe el foco se centrará en las perspectivas de quienes llevan la practica de algunas de estas disciplinas en lo cotidiano, ya sea instructores y practicantes de la disciplina, y de qué manera ley vigente afecta o afectará en un futuro cercano el actual desarrollo de las disciplinas. Es importante que a través de los propios actores se pueda vivenciar tanto los pros y los contras de la practica deportiva de las artes marciales, de las propias luchas por reconocimiento y cobertura, y aún más relevante, la urgente creación de una comisión deportiva que permita regular, proteger y cubrir a quienes eligen el camino de las artes marciales como una carrera., es por eso que el trabajo es de carácter cualitativo, recogiendo datos bajo entrevistas en profundidad semi-estructuras, complementadas con trabajo de campo etnográfico.

La bibliografía utilizada para la presenta investigación se sustenta en las obras de Niklas Luhmann, sumado a los cuerpos legales que rigen las artes marciales en Chile, sin obviar la relevancia de distintos artículos publicados por el ALESDE.

.....

*** Hugo Alonso Gonzalez Aravena**

Universidad Andres Bello - UNAB. Concepción, Chile

*** Pamela Solange Araneda Contreras**

Universidad Andres Bello - UNAB. Concepción, Chile

Resumen de ponencia

O ETHOS DA TORCEDORA PERNAMBUCANA. MULHER, FUTEBOL E CONSUMO

*Soraya Barreto Januário

A presente pesquisa visa promover uma reflexão acerca da relação das mulheres com o futebol. O futebol institucionalizado teve início em meados da década de 80, vinculado, sobretudo aos interesses comerciais de patrocinadores, em particular da mídia promovendo um maior interesse de consumo. Entendido como um fenômeno sociocultural, foi “naturalizado” como um desporto do universo masculino através da construção de valores e normas sociais. Com uma abordagem teórico-metodológica nos estudos de gênero (GOELLNER, 2008; SCOTT, 1980; BUTLER, 2003; BARRETO JANUARIO, 2016), esta pesquisa visa discutir a relação entre a mulher e o futebol em Pernambuco. Mesmo com pouca visibilidade social, na mídia e no cotidiano dos clubes é inegável a crescente participação do público feminino nos estádios. O presente estudo objetiva conhecer a perfil psicográfico e perceber o consumo nas suas mais variadas searas das torcedoras pernambucanas, visando fomentar uma discussão sobre as representações e apropriações das mulheres torcedoras. A nossa metodologia centra-se numa pesquisa exploratória de cunho psicográfico composta por observação participante, uma enquête digital e entrevistas semi-estruturadas junto às três maiores torcidas femininas do estado de Pernambuco: Sport, Santa Cruz e Náutico. O projeto tem como justificativa central promover o diálogo entre as mulheres, os clubes de futebol e a torcida pernambucana.

A crescente presença das mulheres em grupos ou torcidas organizadas caracterizam a presença feminina em ambientes, até pouco tempo, tido como espaço públicos preferencialmente masculinos. Tais características são fundamentada por grupos como: “Loucas por futebol”, “guerrilha rubro-negra”, “Feminino Timbu”, “Comando feminino torcida jovem”, “Torcida feminina Coral”. A existência desses grupos de discussão e de amor pelos clubes aponta para uma crescente incorporação da mulher na esfera do futebol enquanto torcedora. No entanto, alguns obstáculos são claros na incorporação das mulheres ao futebol, e o principal deles refere-se à legitimação da mulher como pessoa que não apenas compreende o esporte, como também, é capaz de nutrir sentimentos de pertencimento a um determinado clube sem a prévia legitimação masculina. Ou seja, para agradar o namorado, marido, pai, etc. A legitimação de seu real interesse pelo jogo de futebol, compreendendo seus aspectos técnicos e táticos e não apenas emocionais. Essa necessidade de legitimação se configura justamente por essa falta de credibilidade da compreensão do esporte. Ou tentativas de associar características que teriam por finalidades piadas jocosas e a intenção de denegrir a imagem feminina como argumentou Goellner (2005): “A masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns

discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como o futebol e o as lutas.” (GOELLNER, 2005, p.143) Outro ponto de discussão seria o “ambiente” no estádio de futebol. Repleto por linguagem , gestos e rituais que, ao longo dos anos, se configuraram como espaço simbólico e concreto de exaltação dos “atributos masculinos de potência, virilidade” (TOLEDO, 1996, p.65). Valores esses atribuídos aos arquétipos de masculinidade. Vale ressaltar que tanto a masculinidade quanto a feminilidade são construídos num contexto social, cultural e político e a sua forma de manifestação, assim como os seus rituais iniciáticos, devem ser compreendidos dentro dos suportes simbólicos, do masculino e do feminino, próprios a cada sociedade.

Delimitar certos ambientes impróprios para as mulheres são claros mecanismos de disciplina, coerção e poder. Tal abordagem encontra-se nas investigações pós-estruturalistas de Foucault (1979) sobre o poder e as relações de poder entre homens e mulheres, que se relaciona com a produção social da verdade, e com as teorias feministas que seguindo a linha de pensamento foucaultiano formularam o conceito de gênero como categoria analítica. Reafirmando a historicidade das relações de gênero, e sua importância enquanto pressuposto estruturante da experiência e das relações sociais. As masculinidades e as feminilidades são construídas simultaneamente em dois campos relativos às relações de poder, nas relações de homem com mulheres, desigualdade de gênero, e também nas relações dos homens com outros homens, isto é, desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade. E por esses fatores, as características impostas ao feminino estiveram tão distantes de arenas esportivas como a do futebol.

Sublinhe-se que o desporto foi socialmente associado a critérios naturalizados nas questões de gênero. E tendo como componente dominante a força, agilidade e rapidez, e como atividades secundárias a graça, leveza e precisão. Desta forma, foram concebidas as atividades ligadas aos desportos masculinos e desportos femininos (GONÇALVES, 1998). No imaginário social coletivo a ideia de conquistas e sucesso estão habitualmente associadas à velocidade, agilidade, força e resistência e, por conseguinte, ao homem. A mulher ficou enquadrada em marcas como a graça, a leveza ou a beleza. Nesta perspectiva, o desporto assim definido veio a favorecer a dominação dos homens e colaborou para a construção social de uma hegemonia masculina. E justamente por isso não raro é encontrar a associação da masculinidade patriarcal a celebridades desportivas ou encenações nesse âmbito da atividade física. Com efeito, o intuito da pesquisa é dar visibilidade, compreender e refletir acerca da imagem feminina no espaço esportivo, especialmente no futebol em Pernambuco. Conhecer e reconhecer a torcedora, consumidora e partícipe na história do futebol do estado.

.....

* Soraya Barreto Januário

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Recife, Brasil

Resumen de ponencia

O FUTEBOL À MODA BANGU: REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES(1910)

*Nei Jorge Dos Santos Junior

O leitor mais atento que circula pelos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro, pode estar se perguntando: quem nunca ouviu a expressão à moda Bangu? Certamente, um número expressivo da população carioca já ouviu ou reproduziu a famosa expressão. Na verdade, a locução adverbial de modo - à moda Bangu -, cotidianamente presente na linguagem popular, e, em particular, relacionada ao futebol, expressa de certa forma a multiplicidade do bairro suburbano: sem compromisso, amador ou de qualquer jeito. Isto é, vamos fazer isso como se faz em Bangu.

Os indicativos da locução arraigada por estereótipos marcados pela estratificação socioespacial da cidade podem ser constatados no processo de consolidação do futebol brasileiro. Os primórdios do futebol no Rio de Janeiro, na transição dos séculos XIX e XX, foram marcados por interesses e representações que relacionavam o esporte inglês à formação de um novo modelo de cidadão. Ainda que discursivamente, o moderno esporte bretão orientava-se pelos valores do cavalheirismo, do fair-play, e do amadorismo, elementos indispensáveis para uma sociedade em que adotava o modelo europeu como parâmetro cultural para a recém-instaurada República brasileira. Assim, clubes como Rio Cricket & Athletic Association (RJ), Fluminense Football Club (RJ), Club Atlético Paulistano (SP), Associação Atlética do Mackenzie College (SP), Paysandu Cricket Club (RJ), entre outros, mantinham tal tradição elitista e com isso se caracterizavam como símbolo de elegância e sofisticação, imputando-lhe um significado próprio nem sempre condizente com suas reais condições sociais. Contudo, ainda na primeira década do século XX, o esporte começava a sentir as ambivalências do momento. A sua difusão pelos mais distintos bairros do Rio de Janeiro desencadeou conflitos ao redor da imagem de distinção social desejada pelos sportsmen vinculados aos clubes frequentados pelas elites cariocas. Tratava-se de um número cada vez maior de negros, operários e indivíduos das camadas populares, que incomodava àqueles que revestiam a modalidade de um caráter “civilizacional” superior.

Esses novos personagens, tanto a torcida quanto os jogadores, adotavam certos comportamentos que, no olhar dos setores sociais mais privilegiados economicamente, eram considerados lamentáveis. Essa mudança de sentidos reforçava um fator ideológico, já que as páginas dos principais periódicos da cidade deixavam de celebrar a sofisticação e a fidalguia para declarar a desmoralização e o repúdio pela prática nos centros mais pobres da cidade.

Buscava-se no comportamento desses sujeitos, ações que diferenciassem das propostas idealizadas pelos sportsmen, reproduzindo, efetivamente, um conjunto de reações extraídas das agremiações da Zona Sul. Em outras palavras, criava-se uma noção estereotipada de subúrbio, marcada por estigmas ligados à estratificação

socioespacial da cidade.

Dessa forma, era usual a desqualificação não só de torcedores e jogadores, como também dos bairros suburbanos como um todo. Afinal, essas ocorrências eram indícios dos conflitos que se estenderam por anos no futebol carioca, na mesma medida em que explicitavam a força da relação do esporte com os ethos em confronto. A fundação do Bangu A. C., por exemplo, marcou a difusão da prática e o acesso mais direto ao futebol entre as camadas populares, pois contrariava o discurso de refinamento e fidalguia construído pelos primeiros sportsmen cariocas. Reconhecido como o primeiro clube operário da cidade, criara um modelo que seria, ao longo dos anos, adotado por muitos de seus pares, notadamente por sua relação estreita com a Companhia Progresso Industrial do Brasil.

Fundado no dia 17 de abril de 1904, o Bangu Athletic Club teve estrangeiros entre seus precursores. Chegados à cidade, ainda em fins do século XIX, para trabalhar para a Companhia Progresso Industrial, que administraria a fábrica de tecidos fundada no bairro, em 1893, um grupo de técnicos ingleses mostrou-se disposto a criar uma agremiação nos moldes daquelas que existiam em seu país. A princípio, os diretores da empresa não pareciam dispostos a apoiar tal iniciativa; o administrador da fábrica, Sr. Eduardo Gomes Ferreira, alegava ser contra qualquer tipo de jogo. Os ingleses, porém, não esmoreceram e continuaram a pedir recursos para a fundação do clube. As restrições só chegariam ao fim com o apoio do novo administrador, João Ferrer, que enxergava benefícios na criação de uma agremiação. Com o apoio da fábrica, os fundadores do clube ampliaram o intuito inicial, atendendo principalmente aos interesses da empresa. Na própria ata de fundação percebe-se que o secretário ficou incumbido de divulgar a criação da agremiação, tanto em jornais do bairro como também entre os operários da fábrica, convidando os rapazes a entrar como sócio, expressando a possibilidade de aceitação de trabalhadores das mais variadas origens. O próprio valor para associar-se ao clube seria um importante fator para a sua popularização: 2\$000 de joia e uma mensalidade de 1\$000. Sendo que o salário dos operários ia de 94\$800 (no setor da fiação) até 260\$640 (no setor de acabamento), isto é, o clube já demonstrava, com isso, indícios que pretendia agregar o maior número de funcionários.

No entanto, aos olhos daqueles que buscavam o engrandecimento da prática pela exclusão social, a penetrabilidade desses personagens de diversos segmentos sociais só contribuiria para o empobrecimento do jogo. Nessa perspectiva, clubes como o Bangu adotavam - tanto sua torcida quanto seus jogadores - certos comportamentos que se diferenciavam das propostas idealizadas de outrora. Entretanto, acreditamos que foram justamente essas posturas - vaia, agressões aos adversários e invasões de campo - que se constituíram em um fator de identificação bairro-clube-trabalho, bem como uma estratégia de alteridade.

Considerando que estas manifestações são expressões das tensões observadas no processo de consolidação do futebol no Rio de Janeiro, bem como de uma ordem social que tentava manter privilégios para determinados grupos, esse artigo tem por objetivo discutir as representações dos clubes do subúrbio na imprensa carioca da década de 1910, procurando demonstrar os seus múltiplos sentidos e diferentes significados.

Para alcance do objetivo, pretendemos utilizar duas estratégias distintas e complementares. Inicialmente discutiremos as representações sobre o futebol

suburbano em jornais de grande circulação, especialmente o Correio da Manhã e O Imparcial. No segundo momento, motivado pelo recorte espacial e temporal desse estudo, trabalharemos com o Bangú-Jornal, na tentativa de compreender a multiplicidade de conflitos existentes dentro do lócus suburbano. Quanto ao recorte temporal adotado levou em conta que se tratou de um período em que houve um aumento tanto do número de conflitos nos gramados quanto das tentativas de restringir a participação de certos grupos nas iniciativas expostas pela grande imprensa da época. Ao final, concluímos que houve um processo de estigmatização das agremiações investigadas, o que não impediu que participassem ativamente da difusão do velho esporte bretão pela, na época, capital do país.

.....

*** Nei Jorge Dos Santos Junior**

Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil

Resumen de ponencia

ORGANIZACIONES DE HINCHAS FRENTE AL MODELO DE SOCIEDADES ANÓNIMAS DEPORTIVAS

*Simón Martínez

Introducción:

Desde los años ochenta en Chile se viene cimentando el modelo neoliberal como “caballito de batalla” para el resto del mundo. En un periodo de represión sistemática como lo fue la dictadura cívico-militar es que se crea la Constitución que hoy nos rige aprobada en 1980, con lo cual sigue un proceso de privatización de las distintas áreas sociales partiendo por lo que fueron los sistemas de pensiones, la educación, la salud, un nuevo código laboral, enmarcado lo que se llamó “las siete modernizaciones” las cuales buscaban generar un sistema en donde se prime la libertad individual, la tecnificación/especialización en la administración y reducción del Estado, primando las normas del mercado más que la ideológica por parte de los partidos políticos, los principales obstaculizadores de la premisa de la libertad individual desborda quitándole su esencia colectiva y convirtiéndolos en empresas colectivas (Moulian, 1997).

En este contexto Chile como modelo de país neoliberal que se asienta en tres pilares fundamentales: a) individualismo; b) consumismo y c) des-politización (Moulian, 1997). En el año 2011 se hace una ruptura frente al proceso de transición que comienza en 1990 y desde los movimientos sociales, siendo el estudiantil el principal referente, se instala el cuestionamiento del modelo desde la educación, medio- ambiente, género y a su vez la constitución, la cual es el corazón del mismo. Dentro de las expresiones de privatización de las distintas actividades sociales está el deporte el cual se ve enmarcado desde el fútbol como el paso de un modelo de corporación de socios a uno de sociedades anónimas deportivas con junta de accionistas.

En el año 2005 entra en vigencia la Ley N° 20.019 que regula las Sociedades Anónimas Deportivas Profesionales (SADP) marcando un cambio en el modelo organización y administración de los clubes profesionales en Chile en donde, a partir de la seguidilla de quiebras que sufrieron los clubes en la primera mitad de la década del 2000 principalmente, concesionarias privadas manejadas por grupos económicos diversos se dedican a administrar en un periodo de tiempo (30 años aproximadamente, pero dependiendo del club) determinado en que puedan pagar las deudas acarreadas por las antiguas Corporaciones.

El periodista Juan Cristóbal Guarello se refiere al proceso de privatización como una “Doctrina del Shok” que comenzó con la quiebra de Colo-Colo como caso ejemplificador en el año 2002 (Guarello, 2014) la Universidad de Chile por su parte

sería declarada en quiebra el año 2003 y luego en el 2006. El nuevo modelo debía ser una entidad más transparente que debe dar respuestas a la Superintendencia de Valores (SVS) ordenando las cuentas de las antiguas corporaciones muy cuestionadas por la “desprolijidad” en que se manejaban las ventas y compras de jugadores, inmobiliaria, etc. Esto se verifica de alguna manera con las deudas millonarias que tenían organizaciones sin fines de lucro de manera muy contradictoria.

Como es una tendencia en la historia chilena el cambio fue efectivamente de golpe, en un periodo corto de tiempo ya todos los clubes profesionales estaban en manos de una concesionaria y los estatutos de la ANFP se habían adecuado al formato:

Podrán ser socios de la Asociación, personas jurídicas con fines de lucro y que tengan el carácter de sociedades anónimas cerradas o abiertas o deportivas profesionales (Asociación Nacional de Fútbol Profesional, 2015).

El deporte al igual que todas las actividades sociales se vio afectado por la globalización, es un ejemplo de la mundialización de la cultura (Alabarces, 2000) siendo uno de los espectáculos más seguidos que existen y que más dinero mueve. Siendo el deporte tan transversal como es hoy no es ilógico entender que debe adecuarse al modelo actual.). El proceso de privatización en Chile comienza a principios de los años ochenta y en ese marco hoy la salud, las pensiones, la educación, el deporte, funcionan en una lógica neoliberal, privatizada y desarraigada de la comunidad. Tampoco es casual que los mismos beneficiarios del proceso privatizador del gobierno militar (Délano, Yuraszeck, Vial, Ruiz-Tagle, Piñera, Varela) se transformaran en los principales accionistas de las concesionarias (Guarello, 2014).

El carácter privado de los clubes genera inevitablemente el desplazamiento de los hinchas que antes eran socios y hoy reciben la categoría de accionista o abonados. La gran mayoría de los clubes además, tienen origen en los sectores populares por tanto vemos el choque de dos mundos: lo social y lo privado. Esta es una disputa política que podemos ver en los problemas que plantean los estudiantes con la educación por ejemplo y del cual el fútbol tampoco ha estado ajeno a contradicciones.

La emergencia de los movimientos sociales cuestionando diversos aspectos de la sociedad de mercado apunta en el fútbol desde los actores que quedaron más relegado: los y las hinchas quienes en gran parte socios de sus clubes pierden su capacidad de discusión y deliberación, su rol también administrativo, teniendo solo la posibilidad de ser accionistas pero con la salvedad de que los accionistas mayoritarios son los dueños de las concesionarias de los clubes, es decir, se somete la administración de los clubes (de carácter social) sin fines de lucro a un modelo de organizaciones empresariales con presencia en la bolsa de comercio y poniendo capacidad de inversión que la participación, el que pone más plata pone manda.

La dimensión organizativa de los hinchas no ha sido un elemento tan tratado en los estudios de deportes, centrándose más en carácter identitario, es por ello que estamos frente a un fenómeno totalmente nuevo en donde los aficionados se plantean una lucha contra el fútbol neoliberal y la manera de entender este desde una visión

participativa e inclusiva y no desde el mero espectáculo clientelar.

Justificación:

En primera instancia este trabajo se plantea dar una mirada política al fenómeno del deporte y el fútbol a través de sus seguidores, esto en el sentido de poder entender el deporte profesional como una actividad social en donde el resto de la población que no está directamente involucrado también tiene conocimiento, principalmente el fútbol como el deporte más masivo y popular en el país que ha logrado a nivel mundial ser una de las industrias que más dinero factura al año y que en Chile tiene una relevancia importantísima que se toma la palestra pública cada vez que juega la selección o juegan los clásicos los equipos llamados “grandes”. En este sentido se tratará de explicar cómo los hinchas, seguidores de este deporte que son parte fundamental para darle su carácter de espectáculo, entienden sus clubes como espacios de disputa con el empresariado y la misma clase política, no en vano personajes como Sebastián Piñera, Gabriel Ruiz-Tagle (ex ministro) , Federico Valdés (Rector de la Universidad del Desarrollo y militante UDI) o Carlos Heller (magnate perteneciente a la familia Falabella) son o han sido los dirigentes de los clubes de mayor convocatoria y que además tienen el control y poder sobre la administración de la misma Federación de Fútbol y la ANFP. El modelo de privatización no es casual y responde a un proceso de asentamiento del modelo durante el periodo llamado “Transición a la democracia”, es por ello que el control de los clubes es a partir de lo deportivo pero también lo social, sus hinchas, que muchas veces organizados desde las barras bravas han sido beneficiados económicamente por estos dirigentes no habiendo cuestionamientos a su participación o simplemente el hecho de haber tenido que ser meros espectadores de la quiebra y “salvación” de estos por parte de grupos empresariales que ganaron una concesión por decenas de años a costo mínimo.

Por otra parte esta investigación busca dar una mirada desde el aspecto académico en lo que respecta la Sociología del Deporte y el estudio que se ha hecho de los hinchas en el fútbol, principalmente apuntando a su aspecto identitario más que en su dimensión organizativa. En este sentido ya existen numerosos estudios sobre las barras bravas desde los años noventa siendo un aporte a la disciplina y dando nuevos enfoques hacia un nuevo periodo mundial (neoliberalismo, globalización, posmodernidad) ante la caída de los meta-relatos y la aparición de la categoría “joven” dentro de estos mismo estudios el cual ya no respondía al trabajador, poblador o campesino como se hacía durante el siglo XX.

Es así que entender a los hinchas como agentes políticos dentro del fútbol y la sociedad (también entender al fútbol y sus repercusiones en la sociedad) que son capaces de organizarse fuera incluso de las lógicas de las barras que nacen a fines de los ochenta que hasta el día de hoy siguen vigentes. Así también, como valor agregado, es que se incorporan nuevas temáticas al mundo del fútbol (género, asociatividad, recomposición del tejido social, al margen de la sociedad de mercado) para entender este deporte desde una perspectiva contra-hegemónica y quizás en algún caso llegue a plantearse como anti-capitalista.

Pregunta de Investigación:

¿Cuáles son las formas de organización y articulación de los y las hinchas frente a la privatización de los clubes profesionales de fútbol?

.....

*** Simón Martínez**

Departamento de Investigación y Postgrados. Universidad Academia de Humanismo Cristiano - DIP/UAHC. Comuna de Providencia, Santiago, Chile

Resumen de ponencia

PROPUESTA PEDAGÓGICA DE EDUCACIÓN PARA LA CONSTRUCCIÓN DE PAZ DESDE PRÁCTICAS DE LA EDUCACIÓN FÍSICA CON JUEGOS TRADICIONALES Y DEPORTE INDÍGENA, CON LOS NIÑOS DE ZONA ORIGINARIA DE MULTIGRADO 1º, 2º Y 3º DE LA ESCUELA VEREDA LA MARQUESA INSTITUCIÓN

*Deiber Ariel Fernández Pitto

En la presente propuesta de investigación sobre la incidencia de la educación física con juegos tradicionales y deportes indígenas autóctonos en las zonas de pos conflicto, como lo es el municipio de Jambaló Cauca ubicado a tres horas de la ciudad de Popayán hacia el nororiente caucano. Se plantea la propuesta en la escuela de la vereda la Marquesa ubicada a una hora y media del casco urbano del municipio, escuela adscrita a la institución educativa indígena Nasa Yuwe etnia Páez kwe'sx piya yat que significa en su idioma "nuestro sitio ó nuestra casa de aprendizaje" ; en esta escuela confluyen la mayoría de niños originarios de la cultura Nasa Yuwe en un contexto de pocos ingresos económicos por parte de sus familiares, además de presentar pocos accesos a los alimentos básicos, al interior de la escuela se están presentando problemas de discriminación de genero pero también al parecer se presentan problemas que tienen que ver con el orden de los robos dentro y fuera de la escuela, dicho fenómeno es pertinente analizarlo ya que se creería que podría estar influyendo en los niños mas pequeños el ejemplo y mandato de los niños mas grandes, el tema recurrente es que no se tiene mucho acceso en la zona a la televisión el internet, lo que se trata es de poder incluir una educación física de reflexión hacia lo social una educación física de practicas transformadoras dinamizadas desde los juegos tradicionales y deportes autóctonos.

En la creación de la propuesta pedagógica en, Educación Física con juegos tradicionales y deporte indígena autóctono, está dentro del marco del proyecto educativo comunitario (PEC) desde donde se dan las directrices para la organización de las líneas curriculares de cada área de conocimiento. En este sentido, en el resguardo indígena se establece una educación propia de la comunidad indígena Nasa Yuwe etnia Páez (vereda dentro docente escuela la marquesa) anclada en ciertos pilares que son los que rigen la vida política, cultural y organización social, como lo son el territorio, la naturaleza, el derecho propio y la autonomía; pilares de los cuales se nutre la educación propia en las escuelas y colegios indígenas del resguardo - municipio de Jambaló Cauca.

Dentro de la identificación de la problemática planteada en el PEC tenemos que los elementos que confluyen para tomar el significado de la cultura incluyen los conocimientos, lo simbólico, lo organizativo y lo emotivo, así como elementos

materiales (Bonfil Batalla). En este sentido la escuela pensada desde el sistema educativo propio apunta a ser y construirse desde la autonomía de acuerdo a las necesidades de rescatar y hacer pervivir la cultura indígena Nasa Yuwe. La escuela, espacio donde confluyen niños y niñas, y con ellos las culturas que representan, se hace necesario que todos los aspectos educativos sean dirigidos con esta mixtura, en el aspecto socio cultural del resguardo indígena de Jambaló coexisten mestizos, campesinos así como otras naciones indígenas como los Nasas y Misaks. Por lo tanto la presente propuesta esta hilvanada desde los ejes que estructuran el plan de vida del cual tomamos la identidad como uno de los ejes que busca con el derrotero de los valores éticos y culturales hacer frente al modernismo con una actitud crítica.

Seguidamente en el armazón de la educación propia nos encontramos con los principios que rigen el acto educativo; para la propuesta tomaremos los principios de unidad, identidad, cultura, cosmovisión e interculturalidad. Desde la unidad esta inmersa en llegar a pensar dicho principio desde lo político hasta el deporte indígena entrecruzando características similares ÜUS PKHAKHEYA (agrupar el corazón), desde la identidad como principio para el rescate y apropiación de los valores culturales en el cual este ultimo también como principio, deben ser fortalecidos transversalmente en la escuela, hecho que nos lleva al segundo principio que se hace pertinente en la propuesta desde la motricidad humana (grupo Konmoción Unicauca), para entrever la triada de la relación yo, el otro y lo otro ó el cosmos, y en la interculturalidad se reconocen varias culturas que confluyen en la escuela.

En esta propuesta se encamina desde líneas muy bien definidas tomadas desde el proceso indígena de educación Nasa Yuwe, la vida del Nas Nasa esta inmersa en los componentes de cuerpo alma y espíritu que en la espiral cósmica de la madre naturaleza rigen la existencia del Nas Nasa, U: alma, espíritu, corazón; kuewe: cuerpo; U Yatwa: pensamiento; en esta línea encontramos los perfiles de persona y sociedad, en el primero es desde la armonía la fortaleza y la salud que nutren la propuesta, luego en el pretil de sociedad encontramos un aspecto propio que le da fuerza a la propuesta la recreación y la lúdica, luego todo ello decanta mas precisamente en la malla curricular donde en el núcleo temático de “ser persona identidad Nasa, Nam misak, mestiza” incluyen de manera precisa la Educación Física, Recreación y Deportes y desde ahí se le da el peso y fuerza a la presente propuesta.

Se pretende buscar con el proyecto que la educación física se inserte en las dinámicas propias de la escuela aportando desde su campo disciplinar no solo contenidos sino que también navegue remando en el bote de la proyección social, además de ya estar impactando en la línea de presencia rural desde una misión de la Universidad del Cauca, la presente propuesta pedagógica de educación para la construcción de paz desde la educación física y el deporte indígena con los niños de la escuela vereda la Marquesa institución kwes piyayat, se realiza desde un proyecto de corte cualitativo, empleando la sistematización de experiencias (Jara. 2011) con un enfoque epistemológico critico social de la escuela de Frankfurt que decanten en unas prácticas de transformación social, en lo que respecta a las técnicas de recolección de los datos se desea realizar con la observación participante y no participante empleando como herramienta los diarios de campo utilizados en los, diálogos, grupos focales y reflexiones del investigador; para la triangulación de los datos se analizaran desde la categorización y codificación planteado en la teoría fundamentada por Corbin y Strauss (2012).

Se esperan obtener resultados que mitiguen las prácticas de violencia directa y de género desde las relaciones interpersonales con empatía en el marco del deporte indígena y la educación física.

.....

*** Deiber Ariel Fernández Pitto**

Universidad del Cauca UNICAUCA. Popayán, Colombia

Resumen de ponencia

PROPUESTA PEDAGÓGICA DE EDUCACIÓN PARA LA CONSTRUCCIÓN DE PAZ DESDE LA EDUCACIÓN FÍSICA Y EL DEPORTE ESCOLAR CON NIÑOS DE 4TO Y 5TO GRADO DE LA INSTITUCIÓN EDUCATIVA JULUMITO

*Harold Erazo

Este proyecto investigativo en curso, nace de la preocupación que tenemos como estudiantes del programa de Licenciatura en Educación Básica con énfasis en Educación Física, Recreación y Deportes, de la Universidad del Cauca-Colombia respecto a las situaciones y manifestaciones de violencia directa en el entorno escolar de la Institución Educativa Julumito. Estos eventos de violencia que inicialmente promovidos por el conflicto interno de nuestro país, han permeado todas las instituciones sociales y han configurado un estatus de normalidad “violenta” en nuestras prácticas socio-culturales; entonces, surge la preocupación de percibir cómo en el entramado escolar, principal e inicialmente en el desarrollo de nuestra práctica escolar uno (sexto semestre), en la que se pudieron identificar y determinar dinámicas de agresión física que responden a la cultura de la violencia, la cual pretendemos, a través de la propuesta en curso disminuir; presentando así un escenario curativo de esas manifestaciones violentas, pero al tiempo también pretendemos, poder generar en escenario preventivo, en el marco de promover la práctica de los valores proactivos y las expresiones actitudinales positivas, tal y como se refiere en el objetivo central de esta propuesta: “Promover relaciones empáticas a través de la clase de educación física y el deporte escolar (fútbol sala), que mitiguen las prácticas de violencia en los niños de cuarto y quinto de la institución educativa Julumito de la ciudad de Popayán”. En el marco metodológico, este proyecto tiene un enfoque epistemológico Crítico-Social desde la Escuela de Frankfurt, el cual busca generar procesos que permitan liberarse de toda cuestión que no esté enmarcada en la razón, en el sentido de que a los niños se les permita ser eso (niños) por tanto el propósito de este enfoque direcciona prácticas de transformación social según lo expresa Habermas J. citado por Osorio S. (2007): “las ciencias crítico-sociales buscan reconstruir analizando críticamente los procesos sociales sedimentados a través del trabajo y la interacción”. El diseño de la investigación y el método es la sistematización de experiencias, que planteado desde (Jara O. 201) ésta procura: a) comprender profundamente nuestras experiencias y así poder mejorarlas; b) contribuir a la reflexión teórica desde conocimientos surgidos directamente desde experiencias reales.” las técnicas de recolección de datos son: la observación participante, no participante, los diarios de campo y los grupos de discusión, las técnicas de análisis están basadas en los principios de codificación y categorización de la Teoría Fundada de Strauss y Corbin, así como también el método de comparación constante, el cual nos permite en una línea de tiempo interpretar y comprender los datos que se han ido recogiendo en el ejercicio de

la práctica profesional-trabajo de campo y así generar nuevos conceptos desde lo encontrado en el contexto en relación con las perspectivas teóricas ya establecidas. Los resultados, que inicialmente responden a tres categorías puntuales de análisis, las cuales son: Relaciones Empáticas, Situaciones de violencia directa y situaciones de género; se ha encontrado que sobre todo, los hallazgos preliminares, se enmarcan en la empatía, como una expresión actitudinal potente, entre pares escolares y en la relación Maestro-Estudiante, puede generar situaciones afectivas que permiten dejar de lado las manifestaciones de violencia, dando una respuesta creativa a aquellas dinámicas de violencia que permean el entramado escolar y en este sentido también la empatía minimiza significativamente la exclusión de género entre ellos y ellas, dado que es una cuestión del orden social muy relevante, y que en términos sociales intenta confrontar una realidad tradicionalmente patriarcal, y estas dinámicas se pueden palpar claramente en el desarrollo de la clase de educación física, en la cual se distingue claramente la brecha de género, donde nuestros niños (hombres) hacen comentarios peyorativos refiriéndose a las niñas, además de excluirlas de las actividades grupales reafirmando la cultura patriarcal-androgénica.

.....

*** Harold Erazo**

Universidad del Cauca unicauca. Popayán, Colombia

Resumen de ponencia

REMUNERACIÓN Y PARTICIPACIÓN DE LAS MUJERES EN LA SOSTENIBILIDAD DEL FÚTBOL EN AMÉRICA LATINA

*Elizabeth Oviedo

*José Obdulio Curvelo Hassán

*Norberto Portela Angarita

Resumen

El fútbol como deporte de masas ha permeado todos los niveles económicos como espectáculo, llegando a generar importantes imaginarios en la sociedad sobre su desarrollo equitativo e igualitario. Estos imaginarios pueden llevar a construir realidades consecuentes con el desempeño del juego en términos de involucrar la vinculación a los diferentes actores en las decisiones que permitan su sostenibilidad.

A partir de la revisión teórica realizada en artículos de investigación, se presentarán tres consideraciones a manera de aporte a la construcción de una gobernabilidad pública para relacionar el deporte en el caso puntual del fútbol con el género y la pobreza. Estas consideraciones permiten identificar oportunidades para el desarrollo del juego como sector o ámbito económico creciente y sostenible en su paso de la práctica recreativa a la práctica competitiva.

Introducción

En cualquier tipo de régimen económico y social, el deporte llama la atención ya sea desde los principios de libertad predicados por la tendencia neoliberal hasta la lucha por la equidad en la distribución de recursos planteada por los gobiernos socialistas. Para estos estados de carácter social, el deporte, aunque no genere una plusvalía hace parte de las necesidades sociales y por tanto se convierte en parte importante en la población con sus diversos beneficios y contribuciones. El fútbol se ha convertido en el deporte de masas por excelencia.

Diversos estudios económicos desde la década del 30 han vinculado la inequidad de género -que implica falta de oportunidades y baja remuneración para cerca del cincuenta por ciento de la población mundial-, mostrando que se ha mantenido a las mujeres no solo excluidas de la toma de decisiones, sino que además que esta exclusión las limita para ser parte de la solución de los problemas económicos especialmente los del desarrollo. La reclamación de los derechos de las mujeres y la evidente necesidad de equilibrar las dinámicas sociales ha llevado a que se incluya la equidad de género en los objetivos de desarrollo sostenible planteados por la ONU.

De manera consecuente, la forma multidimensional en que se manifiesta la pobreza

reclama que su abordaje debe hacerse desde diferentes ópticas y con diversas estrategias. La gobernabilidad en cada país debe dar cuenta de las herramientas utilizadas para la disminución de la pobreza como objetivos número uno del desarrollo sostenible al cual se adhieren los países en la búsqueda de la continuidad de la raza humana.

Ahora bien, la globalización ha permitido que el deporte se convierta en parte de la vida cotidiana y que haya trascendido para hacer parte dinámica de todo un sistema económico que aporta al PIB de los países de manera considerable y creciente. Por su cualidad de espectáculo, el deporte puede convertirse en un instrumento dinamizador de las masas a través de los medios de comunicación, promueve la formación en valores que aporta a la construcción social pero que también puede considerarse como una fuente de empleo en sí mismo (Olivera Beltrán, 2010).

A partir de la revisión teórica realizada en artículos de investigación, se presentarán tres consideraciones a manera de aporte a la construcción de una gobernabilidad pública para relacionar el deporte en el caso puntual del fútbol con el género y la pobreza. Así, el primero corresponde a la reducción de la desigualdad y la inequidad social a través del fútbol; el segundo corresponde a la alternativa que desarrollo económico que se vislumbra desde la masificación de este deporte y el tercero corresponde a la inclusión de las mujeres en el mismo para reducir la pobreza cumpliendo con los principios de igualdad y equidad.

1.1 Desigualdad y la inequidad social a través del fútbol

Siendo el deporte una actividad humana, éste no está exento de los vaivenes sociales, de los ciclos económicos por los cuales ha atravesado la humanidad, así como también se puede establecer una segregación de clases para su práctica y disfrute. En ese sentido Veblen (2014) expone que en las tempranas etapas de la humanidad, las clases altas utilizaban su tiempo libre en las actividades de gobierno, las prácticas religiosas, la guerra y los deportes para mantener su estatus, reconocimiento y prestigio.

El pasar del tiempo marcó claras diferencias entre las actividades eficaces por efecto de la dominación -hombre-bestia en la caza, hombre-hombre en la guerra entre otras- y las actividades de menor “valor” como el trabajo operativo o cotidiano. Las actividades de ocio a las cuales se dedicaban los hombres blancos de la clase alta comenzaron a tomar otras dimensiones. Así, se observa que las prácticas religiosas se mantienen relegadas a un grupo vocacional, la guerra ha pasado a otros planos donde el cuerpo operativo corresponde a la clase baja, las actividades gubernamentales se han democratizado por lo menos en las funciones administrativas y los deportes han comenzado a ser parte de la vida cotidiana de la ciudadanía sin distingo de clase.

El fútbol ha tenido gran influencia en la sociedad moderna. “A nivel político, debido a la gran influencia que ejerce, frecuentemente ha sido una herramienta susceptible de utilización al servicio de los intereses de diferentes regímenes y gobiernos” (Ubeda Colomer, 2018, p. 157). Ya sea para gobiernos de izquierda o de derecha, el deporte

llama la atención en el ámbito gubernamental ya sea desde los principios de libertad predicados por la tendencia neoliberal hasta la lucha por la equidad en la distribución de recursos planteada por los gobiernos socialistas. Para estos estados de carácter social, el deporte aunque no genere una plusvalía hace parte de las necesidades sociales y por tanto se convierte en parte importante en la población con sus diversos beneficios y contribuciones.

Por consiguiente, el fútbol como deporte de masas presenta la doble connotación de ser un aglutinante social en cuanto a su práctica amateur pero también de relegarse a las élites que tienen mayores recursos no solo para su competencia sino también para su disfrute como espectáculo. En tanto que, como lo señala Pérez y otros (2017), se encuentra que las motivaciones para el desarrollo del juego es el deporte en sí, es decir son factores intrínsecos especialmente cuando se trata del fútbol femenino.

Aún con esta última connotación, se encuentra que el mercado se ha apoderado de la práctica deportiva para llevarlo al nivel de consumo masivo, pero el fútbol logra reunir el interés de las clases populares y la alta sociedad. El fútbol se puede practicar por pobres y ricos sin distingo. Sin embargo, se encuentra que a partir de la falta de oportunidades para las mujeres y a la baja influencia de los medios de comunicación, se presenta una segregación de género que ha sido documentada en diversos estudios empíricos como los planteados por Soto Otonien (2017) donde identifica como principales barreras para el desarrollo del fútbol el estereotipo de las mujeres que juegan al fútbol.

El fútbol es un deporte claramente estereotipado percibido solo para hombres y las mujeres que participan se enfrentan a un gran número de obstáculos. Estos obstáculos empiezan en su iniciación en el fútbol, los apoyos en esta etapa son escasos y en las siguientes no mejoran mucho (Soto Otonien, 2017, p. 5)

Las diferencias salariales y la remuneración inequitativa en el fútbol se evidencian tanto a nivel de jugadoras, técnicas y árbitras. Por una parte, no hay igual paga por igual trabajo y en segundo lugar los cargos en fútbol femenino reciben menor remuneración, situación que desincentiva la promoción de este deporte.

El crecimiento del fútbol femenino como aporte al desarrollo económico

La transición de la actividad de ocio hacia el deporte no solo ha generado nuevas formas de relacionarse entre los individuos y grupos de las clases sociales sino que ha modificado las necesidades de deporte como producto de consumo y ha comenzado a desarrollarse la economía del deporte como “una rama de la ciencia económica, que estudia la utilización de recursos escasos por parte de los miembros de una sociedad, para la producción, distribución y consumo, de bienes y servicios deportivos, o relacionados con dicha actividad” (Arias, 2009, p. 4). En consecuencia, el deporte se convierte en un producto o servicio de consumo. A partir de Heinemann (1994) se identifica al deporte como parte del sistema económico cuando dice “Producto de consumo” significa, además: económicamente beneficioso, objeto de intereses económicos, comercialmente atractivo y con capacidad de competir en mercados

dinámicos” (p. 1).

Rivera y Molero (2012) identifican las organizaciones que promueven el deporte a la vez que señalan que los consumidores pueden ser practicantes de deporte o consumidores de espectáculos. Los primeros tienen un alto consumo de ropa y accesorios deportivos. Sin embargo, los avances tecnológicos y avances en investigaciones en el rendimiento han llevado a que este consumo se amplíe también a suplementos nutricionales y servicios técnicos especializados de entrenamiento. Los segundos incluyen no solo el consumo in situ sino también a través de los diferentes medios de comunicación especialmente a través de la televisión y el internet.

Entre los diferentes deportes, el fútbol se ha convertido en el espectáculo mundial por excelencia y se ha invadido los rincones del mundo a través de estas nuevas tecnologías de la comunicación especialmente al uso de la televisión que se une a la estrategia planteada por la FIFA. Carrión (2006) manifiesta al respecto que

dos hechos logran sellar la mundialización o planetización del fútbol bajo su forma espectacular: por un lado, el desarrollo de las nuevas tecnologías de la comunicación, vinculadas principalmente a la televisión y, por otro, la llegada, en 1974, del brasileño Joao Havelange a la presidencia de la FIFA, con la siguiente política: «Yo he venido a vend

.....

*** Elizabeth Oviedo**

Facultad de Ciencias Humanas y Sociales Universidad Cooperativa de Colombia. Facultad de Ciencias Humanas y Sociales. Universidad Cooperativa de Colombia - UCC. Antioquia. Medellín, Colombia

*** José Obdulio Curvelo Hassán**

Universidad Cooperativa de Colombia - UCC. Antioquia - Medellín, Colombia

*** Norberto Portela Angarita**

Universidad Cooperativa de Colombia - UCC. Antioquia - Medellín, Colombia

Resumen de ponencia

UM OLHAR SUBURBANO: O 3º CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE SELEÇÕES DE FUTEBOL POR OUTRO ÂNGULO

*Glaucos José Costa Souza Glaucos Costa

A história do futebol no Rio de Janeiro é repleta de embates entre as camadas sociais que compunham a Capital Federal da República brasileira no início do século XX. Longe de ser monopólio de um grupo específico, o esporte bretão, desde a sua introdução, foi apropriado por diversos agentes na cidade carioca que, de acordo com a sua realidade, lhe deram um novo significado.

O futebol se desenvolveu no Rio de Janeiro de maneira diversificada em várias regiões e de formas diferenciadas o que, conseqüentemente, impede a sua caracterização como monopólio de um conjunto social específico. Tal visão também é a de Leonardo Pereira e de Francisco Carlos Teixeira da Silva, quem destaca “a origem múltipla do futebol brasileiro: nas ruas, nos colégios e nos clubes, passando por várias mediações sociais” (SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Futebol: Uma Paixão Coletiva in SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pinto dos (org). Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006).

Nós também partimos deste referencial para que pensar que:

"De maneiras diversas, as classes baixas também puderam desfrutar do esporte bretão, pois o futebol, diferentemente do remo, do turfe, do ciclismo ou do alpinismo, não era refém de instrumentos para ser praticado, isto é, enquanto, sobretudo o remo e o turfe, precisavam, obrigatoriamente, de barcos e cavalos, o futebol não exigia nem mesmo uma bola oficial" (SOUZA, Glaucos José Costa. Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola - O processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro entre as camadas populares no início do século XX. Monografia. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2015, p. 46).

Por esta perspectiva, o futebol não ficou restrito a um grupo específico no Rio de Janeiro. Nos Subúrbios, região chamada de “refúgios dos infelizes”, como dizia Lima Barreto em sua obra intitulada Clara dos Anjos, também havia o desenvolvimento do esporte bretão. Lá, era possível assistir a partidas de futebol como a que ocorreu em 14 de novembro de 1905, entre o Club Athletico do Meyer e o Jounge's Football Club, a qual, segundo o Gazeta de Notícias, “correu animada, mostrando ambos os competidores o perfeito conhecimento do jogo” (Gazeta de Notícias, em 15/11/1905, p. 3.). Assim como no Centro da Capital Federal, nos seus arredores também havia gente praticando o futebol e fundando clubes para isso.

Consequentemente, não é de nos surpreender a criação de uma competição própria dos bairros suburbanos: a Liga Suburbana de Futebol. Em 21 de março de 1907, o jornal O Paiz trouxe a seguinte notícia: “A digna directoria do Mangueira F. B. vai officiar às sociedades congêneres, não filiadas á Liga dos Sports Athleticos, convidando-os para uma reunião em que se tratará da fundação da Liga Suburbana de Football” (O Paiz, em 21/03/1907, p. 4.).

A competição de futebol nos Subúrbios, com estatutos e condições próprios, foi criada em razão do desenvolvimento do esporte bretão na região e também para dar vazão aos diversos times que não tinham condições de disputar o torneio da Liga Metropolitana de Futebol (torneio restrito aos clubes de elite).

"Seus jogos, assim como aqueles realizados pela Liga Metropolitana, atraíam aos estádios 'grande assistência', sendo em geral “muito concorridos - contando mesmo com a presença de 'muitas senhoras e cavalheiros' que atestavam o sucesso da iniciativa. O sucesso da nova entidade geraria, como consequência principal, o aparecimento por toda a cidade de diversas ligas congêneres, abrindo novos campos para a prática do jogo. Longe do monopólio pretendido pela Liga Metropolitana, o futebol ia assim alastrando-se por vários bairros e grupos da cidade" (PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro - 1902 - 1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p.70).

A história do Brasil está repleta de episódios em que a participação popular foi questionada, sobretudo por não se adequar a algum tipo de modelo específico. A Proclamação da República, por exemplo, teve em Aristides Lobo (ministro do interior do governo provisório de 1889), um de seus contemporâneos mais famosos, a definição do povo como “bestializado”. Contudo, atualmente, este mesmo episódio ganhou na concepção de José Murilo de Carvalho outro conceito: bilontra. Seguindo esta linha de raciocínio, “o bilontra é o cidadão que não foi. Está fora da política, assim como suas associações religiosas e de auxílio mútuo, as festas, o samba, o carnaval e o futebol”, como escreveu José Miguel Arias Neto. O futebol é, portanto, um dos elementos que nos servem para refletir sobre a maneira como a “arraia-miúda” se posicionou diante de situações do cotidiano em que se tentou excluí-la.

Assim, nos Subúrbios Cariocas, este esporte foi praticado e em torno dele se organizaram competições. A Liga Suburbana, torneio criado em 1907 e que durou até 1919, é tão somente uma dessas situações, mas é por meio dela que podemos refletir acerca do posicionamento popular sobre grandes temas da história nacional.

A realização do 3º Campeonato Sul-Americano de Seleções de Futebol de 1919, que aconteceu no Rio de Janeiro, não foi ignorada por aqueles indivíduos menos abastados economicamente. Por isso, analisando a imprensa suburbana, poderemos perceber como se deu esta relação, já que, antes de a competição ter início, a Liga Suburbana mostrava-se interessada em se fazer representar junto às delegações estrangeiras que desembarcavam na Praça Mauá.

"A Directoria da futura e prospera Liga Suburbana de Football que se fará representar por um dos seus directores nos jogos e provas do campeonato Sul Americano, resolveu nomear uma comissão composta dos abnegados sportmen Guilherme Paraense, Garcez Palha, Marques Cardoso e Oscar Trindade para cumprimentarem as delegações do Chile, Uruguay e Argentina, que se acham entre nós afim de tomarem parte no campeonato Sul Americano de football, natação e water-polo" (Gazeta de Suburbana, em 17/05/1919, p. 5.).

Os sentidos que esta competição internacional tomou junto à imprensa suburbana é o nosso objeto de análise no presente trabalho. Debruçando-nos sobre o periódico Gazeta Suburbana, almejamos conquistar este objetivo.

.....

* Glauco José Costa Souza Glauco Costa
Universidade Federal Fluminense UFF. Niterói, Brasil

Resumen de ponencia

UNA MIRADA ESTÉTICA DE LA GIMNASIA ARTÍSTICA: CUERPOS MASCULINOS, CUERPOS FEMENINOS, CUERPOS PERFECTOS

*Martina Pastorino Barcia

El presente trabajo pretende problematizar desde una mirada estética del deporte, las construcciones que dan lugar a identidades de lo masculino y lo femenino como formas de legitimación de belleza, analizando el caso específico de la gimnasia artística. Para ello se propone, desde los estudios sociales y culturales del deporte, una reflexión en torno a las estructuras que encuadran este fenómeno, que se constituye como ejemplo claro de expresión de ciertos discursos sociales que en esta práctica deportiva se inscriben. Esto configura formas particulares de ver al cuerpo, espectacularizarlo y enaltecerlo; oprimirlo y exponerlo. Se proyecta aquí el análisis de los recientes casos de abuso en gimnasios de élite, intentando dar cuenta de las relaciones complejas y desiguales, que de alguna forma habilitan las construcciones éticas y estéticas del deporte. Se infiere entonces, que es posible rastrear en las formas materializadas de la técnica deportiva de la gimnasia artística (y los hábitos y costumbres corporales), patrones de belleza que reproducen una expectativa social sobre las formas de habitar los cuerpos “de hombres” y de “mujeres”.

Este trabajo intentará entonces inscribirse como un primer ejercicio reflexivo que apunta a una meta más grande, de muy largo aliento, y que es poder pensar las formas estéticas y políticas que habitan el deporte (materializadas éstas en sus técnicas, y sus formas espectacularizadas de dominio del cuerpo). Para este caso particular entonces elijo un primer mojón de estudio, más concreto y específico. Me propongo comenzar analizando la Gimnasia Artística, entendida claro como una práctica deportiva de alcance mundial. Práctica que conozco con suficiente autoridad para sumergirme en ella de forma reflexiva, ya que ha sido parte de mis experiencias desde hace ya muchos años.

Los fenómenos deportivos, y la mirada que sobre ellos que se elige exponer abren muchas aristas para su crítica y reflexión. En este caso, y con el objetivo más concreto de empezar a construir bases sólidas, para consumir una nueva línea de pensamiento, se propone analizar las cuestiones estéticas vinculadas a las relaciones de género, como formas de producción discursiva, que determinan algunas lógicas particulares de este deporte, y que podrían observarse en los movimientos, las vestimentas, las exigencias técnicas, las estrategias para llegar a eso que se define como “lo artístico” dentro de la disciplina, que produce patrones de belleza, mundialmente aceptados. Si este punto de partida logra identificar a la Gimnasia Artística como un producto deportivo, espectacularizado, que imprime sobre los cuerpos (quizá de forma implícita y moralmente imperativa) una manera de ser, actuar y sentir, entonces importará en el marco de este artículo profundizar sobre cómo se determina esta impresión, y bajo qué mecanismos se ensamblan las estructuras discursivas que sostienen esta práctica,

develando sus imperativos morales que se entrelazan disimulados, encubiertos en nombre del deporte. Por otro lado, si la práctica es, por definición bourdiana, un lugar de acción y transformación, de conflictos y luchas, entonces analizar los procesos que la han conformado históricamente, dotándola de sentidos políticos y estéticos, parece ser un buen recorrido para entender las lógicas de la Gimnasia Artística hoy, que a modo de hipótesis podrían representarse como: el espectáculo de la técnica y la perfección, de la belleza acrobática, la escisión corporal de lo masculino y lo femenino, quizá en su máxima expresión.

Será objetivo de este trabajo indagar noticias publicadas que describan casos de abuso sexual, por parte de técnicos, especialistas o profesionales de la disciplina, hacia atletas de elite. Como un primer panorama, se destacan los casos públicamente conocidos en Brasil y Estados Unidos. Importa aquí, más que el impacto de la primicia, el reconocimiento de una problemática concreta, que podría (y se establece a modo de hipótesis) explicar estas lógicas de opresión social, a merced del espectáculo deportivo.

.....

*** Martina Pastorino Barcia**

Instituto Superior de Educación Física, Universidad de la República ISEF, UDELAR. Montevideo, Uruguay

Resumen de ponencia

VOZES DISSONANTES E INTEGRADORAS EM TORNO DO NACIONAL NA COPA DO MUNDO DA ARGENTINA DE FUTEBOL.

*Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira Do Cabo

No presente artigo serão abordados alguns elementos de ressonância popular durante a Copa do mundo de futebol de 1978 a partir dos veículos da imprensa brasileiros e argentinos (Placar, Jornal do Brasil, Clarín e El Gráfico) identificados como relevantes no segundo capítulo da minha tese sobre o torneio que abordou manifestações populares no evento.

Desde um interessante debate entre renomados literatos argentinos sobre a efetiva importância da realização do mundial e do futebol para o país, passando pela influência da televisão durante o torneio e culminando com importantes focos de resistência civil como os montoneros e as madres de mayo, foi possível identificar vozes dissonantes e integradoras, mesmo que representadas em apenas um dos veículos analisados.

A oposição do grande escritor Jorge Luís Borges ao futebol foi mencionada no Jornal do Brasil (Caderno , 02 de junho de 1978, p.3) em reportagem intitulada “O esporte segundo Borges” e abordada na bibliografia, por exemplo na obra, de Novaro e Palermo (2013, p.163) que relata provocações irônicas feitas pelo literato:

Quien puso el dedo en la llaga de este entusiasmo argentino fue un Jorge Luis Borges sarcástico (revista Somos, 23 de junio de 1978): “no es posible que un país se sienta representado por los jugadores de fútbol. És como si nos representaran los dentistas. La Argentina tiene dos cosas que ningún país do mundo posee: la milonga y el dulce de leche. Que más identidad pretenden?

Lejos de lamentar que ni la milonga (que compartimos con los uruguayos) ni el dulce de leche (que compartimos con los brasileños) sean una exclusividad argentina no faltó quien recogiera el guante tomando en sério la boutade; desde el mismo médio, Polakovic sustuvo que, a Borges, “se le escapó el valor etnogenético de las emociones colectivas de ser nacional ; ... las multitudes que eran un solo ser ... La nación argentina entera, como ser viviente y palpitante, estaba presente en el estadio (2013, p. 163).

Apesar da provocação do importante escritor, o discurso que predominava nos periódicos argentinos estudados alinhava-se com as afirmações do filósofo eslovaco radicado na Argentina, Estebán Polakovic, autor de um longo ensaio no Clarín (SUPLEMENTO CULTURA Y NACIÓN, n. 11.605, 22 jun. 1978, p. 6), “En el campeonato mundial, la presencia de lo nacional”. O texto trazia uma crítica direta a Jorge Luís Borges e defendia outro ícone da literatura argentina, Ernesto Sábato, que defendeu a realização do torneio.

O filósofo utilizou uma linha argumentativa que ajudava a justificar o apoio popular à realização do mundial sem comprometer diretamente os indivíduos com o “Processo”. Porém, as próprias referências à presença do presidente Jorge Rafael Videla no estádio, bem como expressões como alma e comunidade nacional não eram completamente neutras, sem nenhum vínculo com a “cidade política”.

Desde o surgimento do sentido moderno do conceito de Nação, segundo Hobsbawm (1990) existiria um vínculo político que seria operado especialmente a partir da Era das Revoluções que pode ser compreendido como “princípio da nacionalidade”.

O mundial realizado na Argentina teria viabilizado o futebol como operador de nacionalidade no país nos termos de Alabarces (2008), estabelecendo um vínculo macropolítico de integração independentemente da adesão ideológica da população ao Estado ditatorial. Os meios de comunicação argentinos estudados teriam exercido um importante papel no estabelecimento destes laços “protonacionais” que, por sua vez, eram visivelmente externados nos espaços públicos durante o mundial como por exemplo nas transmissões das partidas na famosa casa de espetáculos “Luna Park”. Anderson (2008) aponta que as origens da consciência nacional estão vinculadas ao capitalismo moderno, a tecnologia de imprensa, a diversidade linguística e que a nacionalidade e o nacionalismo seriam produtos culturais específicos, vinculados na contemporaneidade aos domínios políticos e ideológicos.

A explosão de manifestações nacionalistas reverbera nos domínios políticos e ideológicos. No caso específico do campeonato mundial de futebol realizado na Argentina, seria complicado separar a ideia de nação da conjuntura política do país. Isso não quer dizer, que pelo fato de grande parte dos argentinos torcerem pela seleção nacional, a população apoiava a ditadura militar. Mas o evento ensejou um capital político importante para algumas autoridades governamentais como o general Jorge Rafael Videla, ou internacionais, como o próprio João Havelange, e possibilitou uma retórica nacionalista de defesa da nação potencializada pelos meios de comunicação.

Pode-se dizer que a televisão também exerceu um papel importante na construção de uma ideia de integração nacional em ambos os países. E os veículos analisados revelam indícios da mobilização popular por meio desse importante instrumento midiático que, segundo Bourdieu (1997), exerce uma fórmula perniciosa de violência simbólica: Neste sentido, o sociólogo Horowicz (2012) interpreta os índices de audiência, que seriam o deus oculto do universo televisivo segundo Bourdieu (1997). Durante o torneio emergem como um símbolo de adesão da população ao mundial e do “esquecimento” da própria repressão contra as guerrilhas, exercida de forma cruel pela junta militar no país.

A tentativa de ocultar o caráter opressor do governo ditatorial, anulando a ideia de conflito social, se estendeu à censura aos meios de comunicação internacionais, segundo reportagens do Jornal do Brasil. Emissoras de televisão francesa teriam sido proibidas de transmitir imagens da mobilização das madres de mayo, porta-vozes da denúncia do grande número de desaparecidos e torturados durante o torneio.

O regular protesto das madres de mayo não é mencionado nos veículos argentinos estudados, visto que a exaltação das mobilizações populares após as partidas nos espaços públicos amplificariam o discurso oficial em um processo aglutinador de tentativa refundação simbólica da nacionalidade.

Segundo outra reportagem do correspondente internacional do periódico brasileiro,

(Jornal do Brasil, 09 de junho de 1978, p.13), durante o torneio as integrantes do movimento eram inclusive criticadas por cidadãos argentinos, apesar do apoio dos estrangeiros.

O silencioso protesto “materno” , segundo a visão do outro brasileiro, não teria sido capaz de emocionar os compatriotas durante a realização do Mundial. Foram relatadas ofensas e indignação dos transeuntes com a manifestação pacífica das genitoras durante um momento “fundamental” para a imagem do país com a falaciosa defesa da campanha “anti-argentina”.

O destaque à presença e interesse dos jornalistas estrangeiros é emblemático para perceber a importância simbólica desse movimento, cuja solidariedade, segundo a reportagem, teria vindo apenas dos enviados especiais. O desespero desafiador oriundo do amor materno criou uma situação de desconforto para a junta militar e ameaçava o clima carnavalesco de comunhão cívica.

Queridas “madres” se transformaram em malquistas “locas” para a retórica oficial. Ignoradas nos veículos argentinos analisados, a ausência delas no Clarín e na Revista El Gráfico revela como elas incomodavam a construção da “fiesta de todos”.

Em contrapartida, uma emblemática reportagem do jornal Clarín intitulada “Las mujeres descubrieron el Mundial” relatou a participação feminina com o aumento do interesse das mulheres pelo futebol durante o torneio de forma irônica e muito caricata. (CLARÍN, n.11.602, 19 jun.1978, p.23).

A matéria foi redigida para contextualizar a representação das mulheres como integradoras da coletividade. A imagem construída no discurso do periódico argentino exaltou a participação feminina, ignorando completamente o drama das madres de mayo.

Além das populares madres, o simbólico grupo guerrilheiro dos Montoneros também só apareceu em evidência nas reportagens do jornal brasileiro, mesmo tendo adotado a princípio uma postura de “torcer” para a seleção nacional, independentemente das campanhas e denúncias ao regime.

Segundo reportagem publicada no Jornal do Brasil até mesmo a orientação do grupo guerrilheiro Montoneros aos seus membros durante o campeonato era torcer para a seleção, sobretudo na final contra a Holanda, apesar de obviamente seus integrantes não estarem apoiando a ditadura militar:

Muitos membros do emblemático grupo guerrilheiro teriam aderido à torcida pela equipe, independentemente do posicionamento ideológico. Tal fato é interessante, pois ajuda a compreender a hipótese de que o esporte é um operador de nacionalidade que estabelece manifestações populares e vínculos com o domínio político, tanto nos casos de apoio quanto para aqueles que rejeitavam a sangrenta ditadura no país.

A circulação de um material de propaganda durante o mundial contra o regime, mas a favor da seleção nacional de futebol, demonstra que mesmo em um “lapso carnavalesco” ou em um momento de tentativa oficial de refundação simbólica nacional, vozes contrárias ao regime buscavam espaço simbólico de contestação independentemente de estarem aderindo à mobilização popular em torno do futebol.

Referências bibliográficas

ALABARCES, Pablo. Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2008.

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e difusão dos nacionalismos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a Televisão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HOBBSBAWN, Eric. Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOROWICZ, Alejandro. Las dictaduras argentinas. Buenos Aires: Edhasa, 2012.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. Historia argentina: la dictadura militar 1976-1983: del golpe de Estado a la restauración democrática. Buenos Aires: Ed. Paidós, 2013.

.....

* Alvaro Vicente Graça Truppel Pereira Do Cabo

UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES / UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO UCAM/UFRJ. Rio de Janeiro, Brasil

Resumen de ponencia

“EL AGUANTE COMO MOTIVACIÓN VIOLENTA EN LAS BARRAS MEXICANAS”

*Jorge Rosendo Negroe Alvarez

Las barras llegaron oficialmente a México el 26 de Enero 1996, con la presentación de la Ultra Tuza, barra del Pachuca. Desde entonces, el movimiento de las barras bravas en el país se ha ido reforzando gracias a los medios de comunicación, a la asistencia de la gente a los estadios y “al incremento de jóvenes fanáticos que buscan identidad y fugas a la expresión de sus energías, enojos, e insatisfacciones, que a veces tienen cierto gusto por pelear y excederse. Aunque, por supuesto, no todos los que van a estadios o ven fútbol terminan convirtiéndose en barristas (Ávila 2017, comunicación personal).

Entonces, el grupo de aficionados designados como “barras bravas”, está compuesto generalmente por hombres jóvenes de entre 15 y 25 años de edad, no siendo excluyente esta clasificación, pues también se integran mujeres y personas de mayor o menor edad de la mencionada, ellos se demuestran en oposición a los otros aficionados; representándose como jóvenes rebeldes y “desmadrosos”, siempre sintiéndose superiores a los demás aficionados, por su forma más entregada de alentar al club durante los partidos (Magazine, 2012).

Actualmente cada equipo de fútbol de la LIGA mexicana cuenta con al menos uno de estos grupos de animación. No se trata de colectividades que ejerzan la violencia sin sentido, por el contrario, en ocasiones la utilizan como una herramienta para legitimar su pasión al club ante “los otros” por medio del aguante.

El aguante para las barras mexicanas, será definido con un concepto propio, creado con ideas de Alabarces (2010) y Zambanglione (2011): Siendo una motivación violenta proveedora de prestigio, concretada en el hecho de poner en acción el cuerpo, demostrando fortaleza y masculinidad al mantenerlo llevando a cabo acciones visuales y sonoras de aliento al equipo, así como soportando combates, viajes, clima, hambre y demás sufrimientos; actuar que se apoya en el discurso homofóbico y machista que construye la legitimidad masculina en la violencia contra el otro; pero además cruzado por el “desmadre”.

El desmadre, concepto importante en México, lo defino como una dinámica de violencia juguetona que sirve de cohesión social, compuesta por insultos y/o agresividades toleradas con el fin de humillar pero también de reconocer la pertenencia al grupo.

Ofrezco entonces un intento de clasificación de las manifestaciones violentas más representativas que se dan entre las barras mexicanas en el ejercicio del aguante. No se trataría de una clasificación reduccionista, por el contrario, es un intento de entender más a fondo el funcionamiento que tiene la violencia dentro del imaginario barrístico mexicano. La división principal será entre “Violencia Física” y “Violencia Simbólica”.

A grandes rasgos, el rubro “Violencia Física” incluiría las expresiones y situaciones donde haya contacto físico con intención violenta, entonces propongo que se podría dividir en “Autoviolencia” y “Violencia externa”.

La Autoviolencia puede ocurrir hacia el grupo pero también hacia los mismos individuos, estaría conformada por la “resistencia corporal” ante los daños físicos de las peleas y del aliento al equipo, entre otras cosas. Probar esta resistencia corporal es una acción que se debe realizar ante las adversidades y los golpes (tanto físicos como emocionales) para impactar en la colectividad y ser reconocido por el grupo y por “los otros” como un poseedor del “aguante”.

La “Violencia externa” incluiría entre otras cosas, a los “Combates”, entendidos como enfrentamientos físicos a golpes o con otros artefactos, que tienen como finalidad demostrar la superioridad al imponerse sobre el “otro” y quitarle su aguante al hacerlo correr, consiguiendo en el proceso trofeos como banderas o “trapos”. En los partidos de local la prioridad es la defensa del territorio ante los intrusos que lo intentarán mancillar, esto les da justificación a los barristas para ser hostiles con “los otros”. Este tipo de enfrentamientos si bien no ocurren seguidamente, si son utilizados por los medios de comunicación para señalar a la barra como un grupo violento, desorganizado y sin otro fin que el de causar problemas a los clubes y a los espectadores.

El combate físico en México ocurre la minoría de las veces, pues al no ser posible que pase todo el tiempo, los barristas buscan formas de conseguir esas victorias, por eso canalizan la agresión en “Violencia Simbólica”, expresada así mismo en “Autoviolencia” y “Violencia Externa”.

La “Autoviolencia” hacia el grupo y/o individuo comprendería al “desmadre”, el cual es considerado como una de las categorías que sirven de cohesión social dentro de las barras bravas mexicanas, además de utilizarse para recalcar las expresiones identitarias colectivas. Roger Magazine (2008) dice que los miembros de las porras utilizan e invierten el desmadre. Los miembros de la barra se vuelven entonces “portadores” del desmadre en el viaje hacia el partido o en el estadio mismo.

Finalmente la “Violencia Externa” de corte simbólico comprendería los discursos de intimidación tanto orales como físicos, entre los que destacarían las groserías expresadas contra “los otros”, pero también los cánticos barrísticos con contenido de supremacía, de aliento al equipo, de denigración del “otro”, de insulto al contrario y de feminización (debilitamiento) para los rivales.

En las barras mexicanas existe otro discurso simbólico de intimidación, el cual se concreta por ejemplo, en transportar la mayor cantidad de aficionados a los estadios visitantes para “coparlo” en lo que se denominaría una “invasión”, cuyo fin es apoyar al equipo y vencer en la grada, pero también, en caso de pasar a la “violencia física externa” defender al grupo que viaja. Lo más importante entonces será la conquista simbólica del estadio por medio del aguante, cuya victoria en la grada dejará una huella en el imaginario de la barra que lo consiga.

Conclusiones:

Este texto es un extracto de una investigación de Tesis para obtener el grado de Maestro en Estudios de la Cultura y la Comunicación por la Universidad Veracruzana. En la cual se realizó un esquema para ejemplificar las manifestaciones violentas del Aguante (esquema que se mostrará durante la presentación de la ponencia).

En una situación de combate, las violencias tanto físicas como simbólicas tenderían a

converger en mayor o menor medida dentro del mismo, configurándose en groserías, propinas y soportar golpes, así como incitar a los demás a no retirarse.

Entonces el aguante se convierte en un capital simbólico que todas las aficiones quieren dominar pues “cada demostración de bravura, fervor y de fidelidad será un punto a favor” (Julian Gil, 2007, p. 42). Ya que existe la creencia entre los barristas que debido a que su apoyo se origina dentro de ellos y se extiende al equipo, “tienen el potencial de inspirar a los jugadores y de esa manera afectar el resultado del partido” (Magazine, 2008, p. 81), de ellos dependerán entonces las victorias del equipo.

Alejándose del sentido violento argentino, reguladas por la FEMEXFUT y desprestigiadas por los medios de comunicación, las barras bravas en México se encuentran en una fase donde suceden muy pocos (y mediáticos) casos de enfrentamiento violentos entre ellas.

A causa de la violencia que se encuentra presente en el imaginario barrístico, invito a hacer una reflexión sobre lo que creo puede ser el enfoque para lograr una evolución social de las barras en México.

BIBLIOGRAFÍA.

Alabarces, P. (2010). Entre la Banalidad y la Crítica: Perspectivas de las Ciencias Sociales sobre el Deporte en América Latina. En S. Martínez López, & Coordinador, Fútbol-Espectáculo, Cultura y Sociedad, una revisión Crítica al Negocio Mundial. México, DF: Universidad Iberoamericana.

Gil, G. J. (2007). Hinchas en tránsito: violencia, memoria e identidad en una hinchada de un club del interior (Primera Edición ed.). Mar del Plata, Argentina: EUEM.

Magazine, R. (2008). Azul y oro como mi corazón: Masculinidad, juventud y poder en una porra de los Pumas de la UNAM. México, DF: Editorial Universidad Iberoamericana.

Magazine, R., Martínez López, J. S., & Varela Hernández, S. (2012). Afición Futbolística y rivalidades en el México contemporáneo: una mirada nacional. México, DF.: Editorial Universidad Iberoamericana.

Pérez Toledo, J. C. (2017). Chiles y Jóvenes Barristas: Control Social, Represión y Discriminación. En O. Fernández Vergara, & R. Soto Lagos, ¿Quién raya la cancha? : visiones, tensiones y nuevas perspectivas en los estudios socioculturales del deporte en latinoamérica (págs. 159-173). Buenos Aires: CLACSO.

Zambaglione, D. (2011). El aguante en el cuerpo: construcción de identidad de los hinchas de un club de fútbol argentino. Berazategui, Buenos Aires, Argentina: Engranajes de la Cultura.

.....

* Jorge Rosendo Negroe Alvarez

"RED de INVESTIGADORES sobre DEPORTE, CULTURA FÍSICA, OCIO y RECREACIÓN" RED. CDMX, México

